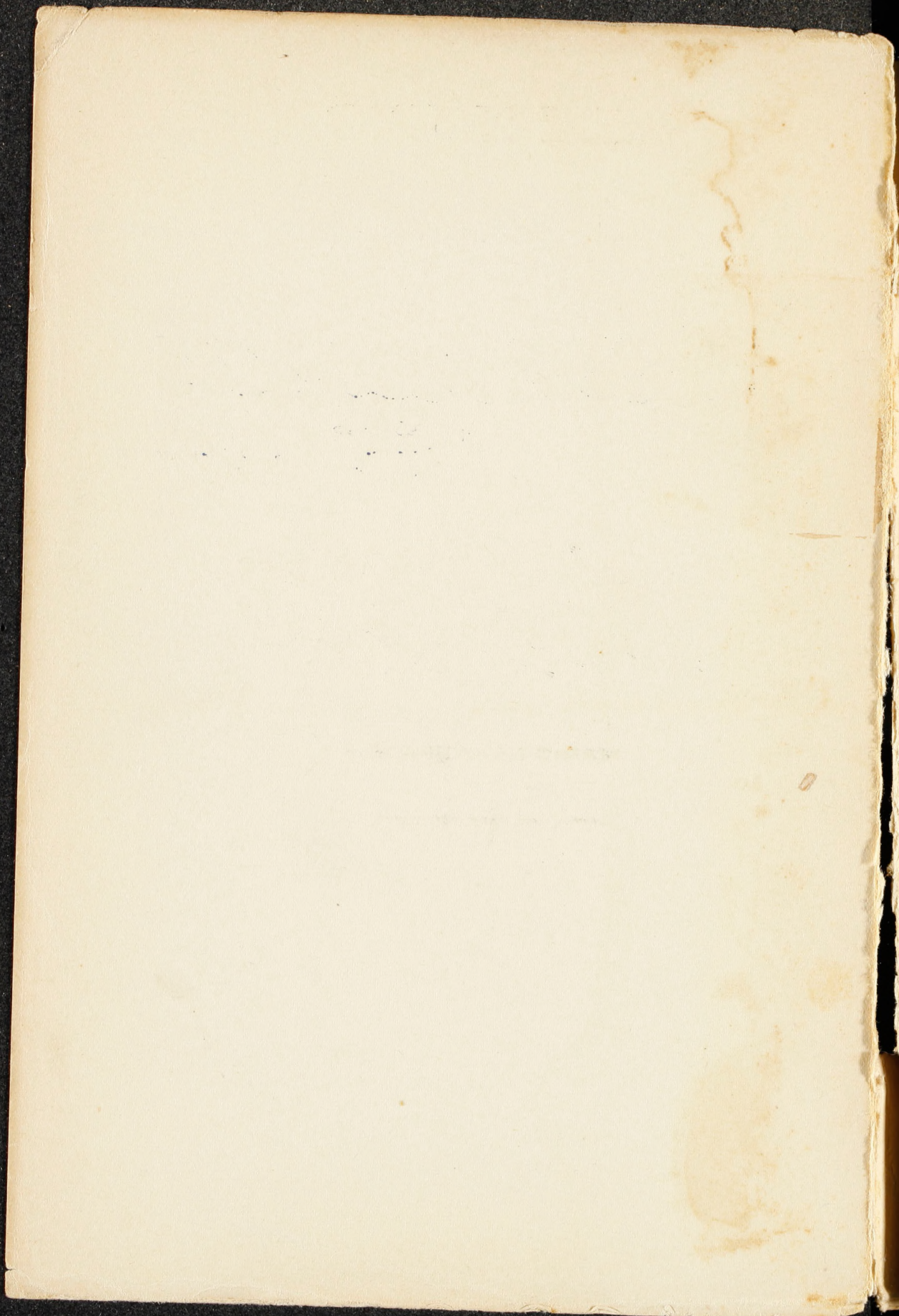


LUIZ DELFINO

Rosas negras



IRMÃOS PONGETTI, EDITORES



LIK
Ru

64000

mu
J



86402

940/442

ROSAS NEGRAS

MARIO DE ANDRADE

I	II
d	26

DO MESMO AUTOR :

Publicadas

Algas e Musgos — Editor: Pimenta de Mello & C. — Rio.

Poemas — Editor: Jornal do Commercio — Rio.

Poesias Lyricas — Editor: Companhia Editora Nacional —
S. Paulo.

Intimas e Aspacias — Editor: Irmãos Pongetti — Rio —
Esgotado.

Angustia do Infinito — Editor: Irmãos Pongetti — Rio.
— Esgotado

Atlante Esmagado — Editor: Irmãos Pongetti — Rio.

LUIZ DELFINO

Rosas negras



1938

IRMÃOS PONGETTI, EDITORES
Avenida Mem de Sá 78 - Rio

1530

MA
869.9149
D349K

VENUS MORTA

Acabou. — De joelhos nos caminhos
Iam ficando as arvores, ao vê-la;
Ao vê-la, havia sons trepando os ninhos;
Buscavam nella os céos fugida estrella.

Não tinham para as suas mãos espinhos
As roseiras; o val',sem conhecel-a,
Se avelludava em purpuras e arminhos,
Dizendo aos valles: — Vamos recebela.

E' minha magua; foi meu pesadelo.
Amo-a assim mesmo, mesmo assim! — que importa?
Quero esse corpo frio em mim retel-o...

Que grande dôr todo universo corta...
Dôr outra igual não houve entristecel-o...
Ella morreu!... Venus de novo é morta!...

LUIZ DELFINO

VIA SMARRITA

Perdi-me, ha pouco, em curvas do caminho,
E achei-me, como Dante, em selva escura,
Ante velhas sinistras de figura,
Batendo, urdindo, desdobrando linho.

Sem surpresa, o olhar dellas escarninho
Furou-me, como pua o ferro fura:
Tragava a teia o antro da espessura;
Hirto fiquei ao vêr-me alli sósinho...

Disse entre mim: — Que amplissima mortalha!...
Uma megera á outra uivou: — Trabalha!
Pingava nisto o luar subtil fulgor.

Pensei: — Que morto irá naquelle panno?
Ellas: — Tu, e contigo, e nelle ao oceano
O mundo extincto do teu grande amor.

A TUNICA DE NESSUS

Quero fugir-te: fujo; — e vaes commigo:
Vaes. como a sombra do meu corpo, adeante,
Atraz, ao lado, como pede o instante:
Tu. me segues, mau grado, ou eu te sigo.

Arrancar o punhal não é bastante;
Isto só não me livra do perigo:
Nem o perfume á flôr tirar comsigo,
Nem cerrar da ferida a bocca hiante.

Teu gesto embalde á colera me atira:
Embalde rasgo em furia os teus vestidos...
Se em teu olhar a lagrima suspira,

Ruem em meu sangue os fluidos teus diluidos...
E' tunica de Nessus, Dejanira,
Este amor agarrado aos meus sentidos...

T E R R O R

Quando vejo o teu corpo doentio
Tremor, como haste branda a vento forte,
Amortalha-me um hirto calafrio,
Como se me tocasse a asa da morte.

Um pensamento lobrego e sombrio
D'alguem, que o doce e tenue fio corte
De tua vida, assalta-me; mas rio,
Pensando que hei de ter a mesma sorte.

Tu não podes descer á sepultura,
Sem que leves as horas de ventura,
Que em ti achou minha alma, um vasto arneiro.

Em teu trespasse, pois, quando tu fôres,
Morrão os soes no céu, no campo as flôres...
E, olha, espera, até logo, eu vou primeiro..

O MAL GERAL

Vou tendo horror dos homens e das cousas...
Fui colher hoje rosas á balseira,
E entre os dedos vi sangue a vez primeira:
Em vez de aromas, tuas garras pousas,

Pousas as garras, flôr, de tal maneira,
Que, como fera, tu morder já ousas!
E inda o teu corpo augusto e quente cheira:
E inda beijam-te a bocca as mariposas!...

No ar anda um qualquer veneno occulto
Que põe na terra e céu o espanto e o enleio,
Que não dá paz ao ninho, ao lyrio indulto...

Será do mal, que em tudo deu, que veiu
O andar rindo em teu riso um vago insulto,
E o ter cada olhar teu punhaes no meio?!...

ESTRELLA CADENTE

E' triste sempre; — algumas vezes chora;
Zeuxis em tempo viu o ideal: revela
Na forma pura esse buril d'outrora,
Que em si guardou todo o segredo della.

Falta-lhe a calma. — Alado cão devora
Pedaços quentes da manhã mais bella,
Que em seu corpo gentil de moça alvora;
Sae delle um grito de intima procella:

Aguas, nuvens põe fora, e vento e neve...
E alga murcha do mar sobre um rochedo,
Bate-lhe um riso branco a bocca breve.

Não: o naufragio não lhe mette mêdo:
Mas ha de alegre alguém viver, se deve,
Sendo formosa assim, morrer tão cêdo?!...

ESTATUA DE MAUSOLEO

Tem a estatura regular da Milo,
E a alma della tambem: foi de bem cêdo
Que a vi como Immortal; e tive mêdo,
Parando em frente ao tetrico sigillo.

Embalde indago e tento descobril-o:
E' mais facil ouvir de algum penedo,
Da dôr que o immobilisa, o atroz segredo:
Houve um novo mysterio em tudo aquillo.

Minha esperanza está desenganada:
Mulher, — seu frio orgulho nada explica;
Deusa, — tem em desprezo o ser amada.

Ao dia, á noite ahi vive, ahi anda, ahi fica,
Como por mãos de mestre esculpturada
Num mausoleo, ao tempo, estatua rica...

O INSTINCTO DAS COUSAS

Que susto!... Um grito agudo, e hirta, deforme
Precipita-se ao leito, inda fremente
Geme, convulsa, esfria; e algente... algente
Crê-se que acaba num deliquio enorme.

Se entra quem passa, e pede a alguem que informe,
Que tem ella, o que foi tão de repente?
E' irritavel? caprichosa? mente?
— Sim — Então não 'stá morta; ella então dorme.

Céos e soes lhe cahiram da pupilla;
Jazem as mãos ao longo em tronco extincto;
Como é mais bella, vendo-a assim tranquilla!

Se ella se fosse, encantador instincto!
Com ella tudo quanto aqui scintilla...
A alma de cada cousa iria... Eu sinto.

NOITE BRANCA

A noite branca, a noite enluzada
E' tua irmã: Aonde ella dorme? Aonde?
Em que astro canta? Em que lagoa nada?
Em que pedaço azul do céu se esconde?

Em toda parte os vossos olhos ponde;
Buscae a egypcia lubrica e estrellada:
Ha quem seu ninho d'aguia negra sonde?
Mar infiel, em teu seio anda enterrada!

Destino, foi assim que m'a fizeste:
Páram-lhe os soes aos pés em muda prece;
Um peplo sideral seu corpo veste.

Donde vem tanta sombra então? Parece
Que é toda luz a perola celeste,
E é della que em minh'alma a noite desce...

MORITURA

E' tarde, e sopra a viração tão forte!
Vossa excellencia expõe-se a algum sereno:
Além disto, está humido o terreno,
E traz, diz o anexim, desculpa á morte.

— Obrigada, senhor; mas não se importe:
Talvez cure um veneno outro veneno.
Eu sou como o esvahido som de um threno
Que, muito antes do fim, o leva o norte.

Acabando, tomou-a a tosse rouca,
Levou ligeiramente o lenço á bocca
E manchado o tirou de um sangue rubro.

Riu-se e tornou: — Não viu a boa nova?
Olhe, já ouço a enxada abrir-me a cova,
E entre as nevoas da morte o sol descubro.

FLIRT

Vem cheio della: — deu-lhe o seu aroma,
Encostou-se ao seu peito; os brancos dentes
Mostrou, rindo com risos innocentes:
Elle o anel da cintura aperta, e a toma:

Em tórno a sala o par rodando assoma;
Fundem os dois os halitos ardentes;
Um freme ao olor das tranças rescendentes,
Outro frue ao sentir emfim que o doma...

Então lhe digo: — Louvo-lhe a attitude;
Tel-a em meu collo assim jamais eu pude:
Pode o primeiro, que chegou, e a quer...

Chora só, não responde, e não se exalta:
Pois logo o instincto, por salvar-lhe a falta,
Esconde numa lagrima a mulher...

MÃOS DE LADY MACBETH

Como a Macbeth, — eu sei, as mãos manchadas
Não tens de sangue: o coração teu puro
Vae, vem; é como um pendulo seguro;
Passam-lhe as horas calmas, socegadas.

Mas quando beijo as palmas delicadas
Encontro ahi sempre um ponto, um ponto escuro;
E minhas esperanças sepultadas
Na cova suas deixo, e o meu futuro.

Que dôr profunda dentro em mim eu sinto,
Ao vê-la e ouvil-a, alheado, inquieto, absorto!
Digo-lhe então: — Tu crês, talvez, que minto?

E ri: porém com tanto desconforto
Que o riso tem a côr de um riso extinto,
E é tumulo o seu labio, e o riso um morto...

NADA MAIS

Não ter saudades desses tempos? Tenho.
Davas o azul ao céu, o canto ao dia,
Rir todo em mim o riso da alegria,
Era, creança, o teu maior empenho.

Chorar em vão o que perdi não venho:
Sou como a terra safara e baldia,
Que não dá mais o que já deu, e cria
O herval, que a invade, inutil e ferrenho.

Passou o vento, e não achou, passando,
Mais rosaes e mais passaros na leira,
Não teve a luz mais luz do olhar teu brando.

Por que seguir-te na fugaz carreira?
Que hei-de querer eu mais agora, quando
Atravessaste a minha vida inteira?

A MÃE DAS MAGUAS

Parece a imagem da innocencia; é vê-la
Chorosa adrede, e derramando em fragoas
Serpes d'oiro de lagrimas; esmago-as:
Resurgem: uma só não ha prendel-a.

A intriga tece, sabe concebê-la:
Tem a perfidia das profundas aguas;
E' a mãe, que amamenta as grandes maguas;
E' a luzerna, parecendo estrella...

Ri de mim minha austera consciencia,
Sei que este amor é tortuoso espinho,
Que tem em si uma lethal essencia.

Mas... não posso viver sem seu carinho:
Ella cahiu-me dentro da existencia,
Como uma vespa dentro do meu vinho...

PERFIDA COMO A VAGA

Ella é o Amor, ella é a Maravilha:
Quem a vê, ouve a musica de um canto;
E sente a um tempo um tal terror e espanto,
Que já não sabe mais por onde trilha.

Abraça-a a luz, que em tórno lhe fervilha...
Asas baixas, a um lado, o Anjo do Pranto
Condoer-se della allí parece emtanto:
Venus com um riso mau a olhal-o, o humilha.

Ella, num abandono de rainha,
Languidamente ao céu azul caminha,
Levando aos pés o universo em queixa.

Tudo presta num olhar voluptuoso:
Cria o desejo, e o ardor de tel-a, e o goso...
O goso vão de amal-a, é só que deixa.

Q U E I X A

Mulher, confias muito em tua eternidade:
Pensas que has-de prender nas mãos a primavera,
Que as rosas da manhã durarão, que não ha-de
Ter para ti o tempo o rugido da fera,

Que entre as garras mutila a carne sem piedade,
E os lyrios brancos do rosto gentil lacera:
Entre um beijo e um sorriso ahi ruge a mortandade
Dos sonhos d'oiro, que cria em nós a chimera!...

Hão-de dugir de ti, como ao inverno que chega,
Em longas cordas vão fugindo as andorinhas:
Cobrirão lençoes d'agua o cadaver da veiga...

E então te lembrarás das lindas canções minhas,
Cheias daquelle meigo olhar da noite meiga,
E para as quaes o teu olhar de sol não tinhas.

RETRACTAÇÃO

Como em incude cae e bate o camartello,
A golpes desdobrando o fio d'oiro fino,
Venus, que, como um mestre em marmore, cinzelo
Em sonoro verso, e em rythmo peregrino,

Eu, em colera cega, eu hoje te revelo
O que traço, o que crio, ergo, animo e imagino:
Para mim jamais foste este sonho divino,
Não copiei jamais de ti o ideal do bello.

Para minha vingança eterna, eu quero agora
O que de grande e bom, para viver, precisas:
E emquanto dentro em mim tudo soluça e chora,

Sopre-te o céu em roda o aroma azul das brisas,
Encadeiete o corpo aurora sobre aurora,
Sol após sol te enleie e doire o chão que pisas...

LUIZ DELFINO

RECORDAÇÃO SINISTRA

Tens de arrastar silenciosamente
Por toda vida a lugubre agonia,
E esconder a ti mesma, e a toda gente,
Da garra a mancha desse triste dia.

Numa insidia alejaram-te a alegria...
Ri-te um sarcasmo essa visão dolente:
E mal tu pensas ir ficar contente,
Tange a hora fatal, que então tangia.

O sol ao mal as almas encadeia...
De venenosos pollens se enche a esfera,
A cada passo canta uma sereia;

E é quando mais rescende a primavera,
E é quando a brisa matinal gorgeia
Que o nosso coração tem fome e é fera.

TUDO É PASSADO

Ha em mim, ha em ti um desgraçado,
O que vive e não vive: em vão forcejo
Por vêr durar alguma cousa; vejo
Que em relampagos o mundo é arrastado.

Minuto em breve raio illuminado.
Um beijo dado; — o que ficou do beijo?
O beijo não: recordação, desejo
De dar outro, que morre apenas dado.

Uma bocca de sombra engole tudo;
Rumor de pranto, endechas de alegria
Vêm, já deixando em tórno o espaço mudo.

Como se esvae um'hora de agonia,
O fio d'oiro, ai! rompe em soido agudo,
E acaba... acaba o mais formoso dia!...

UM DEUS DE RASTO

Fôras minha sultana favorita,
Mas em ti só eu tendo o meu serralho
Sendo de todas sempre a mais bonita,
Não me deras na escolha algum trabalho.

Em teu calis de neve o branco orvalho
Bebêra, ó lyrio, que esta terra habita:
Vales os soes da abobada infinita,
E o pó, que pisas, para ti não valho...

Fosse eu um Lear, rei inda que louco,
Vulcano, um deus inda que coxo, a troco
Do que tenho a viver; — rei, deus, sim! eu

De rasto, humilde, curvo, ao chão bem rente,
Tu me negáras desdenhosamente
O lamber-te um dos pés, como um lebreo...

A VENUS LOURA

Essa tristeza sempre em ti me espanta!
Que tens na cinza dessa scisma toda?
Minh'alma fica ao vê-te assim mais douda,
Minh'alma, Ophelia, que chorando, canta,

Que colhe a flôr a esmo, e a junta á planta
Espinhosa do campo, e corre á boda,
E vae á morte, e nos heruaes enloda
A alva veste de noiva e o olhar de santa...

Por toda parte, á mão acceso facho,
Como Eudymião, Diana — a Caçadora,
Busco o que és tu, e em ti, o que és, não acho...

Que segredo em ti mora, ó Venus Loura?
Quem me dera descer por elle abaixo...
Oh! quem dentro de ti morrendo fôra...

ULTIMO ESFORÇO

Não basta o coração, a vida, o sangue dar-te;
Nem o pequeno céu occulto, que desenho:
O meu esforço todo, o meu supremo empenho,
E' poder para ahí ir eu só, e levar-te.

Que compaixão de mim eu tenho por amar-te:
Por me amares, que dôr intensa eu por ti tenho!
Quem colhêra num bosque o necessario lenho
Para queimar-me nelle, e nelle a ti queimar-te!

Toma este amor emtanto, ó bella creatura,
Este pedaço bom de solida brancura,
Um resto virginal de um sol jamais servido...

Com elles veste, filha, os hombros nus da vida
E os rotos byssos d'alma ingenua e combalida,
E ante a estatua da dôr ergue a estatua do olvidio.

UMA DIFFICULDADE

Roja-se ao esterquilínio, assim que amarga, o pomo;
Corta-se ao galho em flôr a rosa desmaiada;
Mas ao amor, que acabou, ao amor já morto, como
Se ha-de tirar á entranha, e arremessal-o ao nada?

Do grão de areia a todo espaço azul, que domo
A um gesto meu, bastava, a tinha encadeada:
Por testemunho d'isto, alma que foste amada,
A ti, ao proprio céu, e aos soes, e aos deuses tomo.

A ti mesma de mim é bem facil pôr fora;
Mas do teu corpo o gosto, o saibo delicioso
Dos beijos teus de dia, e desde a noite á aurora,

Que me cobriu de um velho e aureo musgo de goso,
Vicio e luz do meu sangue emfim, como hei-de agora
Arrancal-o, sem ir o coração? — Não ousou.

S Ó

Dizes talvez de mim: — Quem me procura?
Que quer? num tom impaciente e rudo;
Eu busco em ti a flôr da formosura;
E em como havel-a, humildemente estudo.

Vou arrastando o meu amor insano
Por maus caminhos, por urzaes, e abrolhos,
Por tudo que faz dôr, ou perda, ou damno.

Então meu verso espuma sobre escolhos:
Meu verso immenso como o immenso oceano,
Só reflectiu o negro dos teus olhos;

Dos mundos estrellados de ventura,
Que delles vêm, illuminando tudo,
Tu só me deste a grande noite escura,
E o abysmo enorme, illimitado, e mudo...

AO DEIXAR DE CANTAR

Para que o ouvisse toda eternidade,
Começara a lidar segunda feira
Até domingo, em frente a ti, na leira,
Cantando tua loira mocidade,

Sem te pedir um beijo só: não ha-de,
Dona de tudo quanto é bom e cheira,
Alguem pedir-te cousa que não queira
Qualquer deus para si, mesmo a piedade?

Mas logo que emmudeça, então, querida,
Abrirá, como um sol, uma ferida
Em ti, tardo signal do teu affecto:

E hei-de ouvir teu lamento, como o grito
Que solta o oceano a dar contra o granito,
Com que o monte lhe rasga o flanco inquieto...

A C O V A

Faz mais larga essa cova, estúpido coveiro;
Pois não vês que são dois buscando o mesmo leito?
E' preciso que caiba um longo travesseiro,
Para dormirem face a face, e peito a peito.

Virei deitar-me em tempo: hoje não, não me deito
Sem que nos braços meus a carregue primeiro:
Quero cobril-a bem, pôr-lhe o tronco direito;
Que é muito longo sempre o somno derradeiro.

Guarda do cemiterio, o jardineiro ahi fica,
Quero roseiras só, quero muitas roseiras;
Que ardam rosas em que seu corpo multiplica.

Que os passaros aqui cantem horas inteiras:
Que esta leiva, em que está da terra a flôr mais rica,
Seja o teu ninho, amor, quando um ninho, amor, queiras.

MOCIDADE VELHA

Estás tão velha, ó joven minha amada!
Quando os sonhos nos vão pela corrente
São como as folhas seccas, e egualmente
Agua os levá, cantando e descuidada.

Como sem cordas lyra desmontada,
Ouco tronco esgalhado, e já pendente,
Como sombra que deixa o sol no poente,
A nossa vida é festa abandonada.

Cada passada é numa sepultura,
Onde está podre tudo que é chimera:
Nem ha mais para dar-lhe a formosura.

Não ri a primavera que nos ria,
A pedra dura é cada vez mais dura,
A terra fria é cada vez mais fria.

A I N D A

Teve de anjos o céu um largo exodo,
Como de quanto é bom tu tens do mundo:
E assim teu odio anonymo e profundo
Vê na existencia tudo ou vil ou doudo.

Donde és tu, verme esqualido, oriundo?
A alma branca aos teus pés cahiu no lodo?
E as lagrimas, que solto, e em que te inundo,
Não são agua a lavar-te o corpo todo?

Minha vida, mulher, por que não finda?
Amo-te assim: e amar-te assim devia?
Oh! tu és sempre encantadora e linda!...

E's minha noite, e minha cobardia,
Noite... noite, onde encontro a luz do dia,
Luz melhor do que a luz do sol ainda!...

HORIZONTES AO LONGE

Quem sabe se não 'stás ouvindo em meu semblante
Cantar o rouxinol, que só de tarde canta?
Quem sabe o que estás vendo em mim, e o que te espanta?
Ha muitos mortos soes sobre nós neste instante.

Mas se souberas tu o que estou vendo adeante
De mim, no rosto teu de pallidez de santa!...
Ninho vazio da belleza ingenua e infante,
Quanta differença em ti dos tempos idos... quanta!...

Horizontes ao longe... e ainda ahi perto, supponho-os.
Tu eras louca e creança e andavas no collegio:
Dias de raios d'oiro, e eternos céos risonhos!...

Como inclinavas seria em mim teu corpo regio,
Só para ouvir passar por cima dos meus sonhos
As Venezas de Cardí e os anjos de Correggio...

ESTRELLA PRETA

Questão eterna, e duvida!... — A procella
Nasce e acaba no céu; tanto mais breve,
Quanto mais forte: a violeta deve
A' maior sombra o que ha mais puro nella.

Este mulher? Que sei? Não sei. — Revela
Comtudo um'alma d'anjo, alma de neve,
Tendo um par de asas pequenino e leve,
Como delles Murillo enchia a tela.

Um lyrio é assim: é casta. — A gente pensa:
O olhar complica-a, o olhar, que lhe mistura
Nodoa quente de noite azul... e immensa...

Como a luz será ella por ventura,
Que em foco dando em cheio é mais intensa...
Tem barulhos de luz de estrella escura?...

ABYSSUS ABYSSUM

Sei o espaço sem fim que nos separa;
Não enche todo mar seu vacuo immenso,
E o céu, que tem á abobada suspenso
O candelabro, que só Deus plantára,

E nos braços azues dependurára
Lampadas mil, que nem as contar penso;
Nosso abysmo é mais fundo, e mais extenso:
Cheio de amor, maior inda ficára.

Esse, que entre nós se abre, e abaixa, e altela,
E' um pavor sinistro, que derramo
Em tudo o que nos fala e nos rodeia:

E' o dever, — e, miserando, exclamo,
Por vêr que o pode encher um grão de areia,
E estar sempre entre nós, mulher que eu amo...

DALILA

E's como o mar, és como o céu, és tudo
Que se parece com o abysmo, e o finge:
E's formidavel como a antiga esphyngue;
E's obra para o sonho, e para o estudo.

A's vezes cravo em ti olhar tão rudo
Como um machado, que mordendo ringe:
A' luz dos astros, e o luar que o cinge,
Teu rosto é bello, ó deusa! — E não me illudo.

Preferes os Samsões, que amam chorando,
E ajoelham quando o teu olhar scintilla:
Dos cilios, tens a grande sombra, orlando...

Mas... tambem tens, no fundo da pupilla,
Uns raios fulvos, trêmulos, pingando
Sangue, que coalha em tuas mãos, Dalila!...

O MAL

Eu não imploro nunca aos deuses superiores:
No meu orgulho sei que rirão de piedade;
Elles conhecem bem a pobre humanidade,
E a jaula onde está preso o cão de nossas dôres.

Ninguem sae de si mesmo, e sae dos seus horrores,
Somos isto: não ha mudar na eternidade:
Ha para nós em tudo uma cumplicidade;
Levas comtigo o mal sem fim, para onde fôres.

O mal, obra que accusa um grande pensamento,
O mal, que prende o céu á terra, o mar ao vento,
O mal, do qual um deus foi eximio esculptor;

Que é deus mesmo, — e será? eu dentro em mim pergunto, —
Que encosta o dia á noite, e o pranto ao rir põe junto,
O mal unico, o mal, que é todo o mal, — é o amor.

E' PRECISO MORRER

O que consola a dôr de amar, é ser amado:
Mas ser amado só, sem duvida ou cansaço;
Poder dormir um somno inteiro no seu braço,
Viver do leite do seu corpo perfumado.

Aquecer-se na luz do seu olhar doirado;
E não ter outro céu, e não ter outro espaço,
Senão o que ella tem, senão esse pedaço
De chão que pisa, ou chão que vem de ser pisado.

Vivi de um sonho, sei; — vivi duma chimera;
Ella não pode amar-me: ella me diz: — Espera:
Porque não quer matar-me, e-não,-dizer tem medo.

Mas... preciso morrer já de qualquer maneira,
A' sombra della, como a da mancenilheira,
Ou esmagado sob o seu divino dedo...

DESFORÇO

Ir degrau a degrau para a esperança,
Chegar ao fim da longa escadaria,
E escondida detraz da luz do dia
Vêr e ouvir rir de nós alguém... Creança,

Por que tu fazes isto? Tudo cansa:
A pedra quente pelo sol esfria,
Quando o sol todo céu, que elle alumia,
Num véo vermiculado d'oiros lança...

Serás sempre a visão radiosa e bella
Que eu tenho ao pé de mim contente agora?
Olha, o orgulho do amor o amor debella.

A manhã da existencia é linda: embora...
Passa; verás: — e então irá com ella
Meu mal cantando após mais nova aurora...

A DÔR ACOMPANHANDO

E' a vida real um charco infecto,
Uma lagoa putrida e medonha,
Onde não ha ninguem, que os pés lá ponha,
Que não sinta ataca-o occulto insecto.

Forma-se ás vezes o gentil projecto
De ir-se um dia a outro céu, com que se sonha,
E na esperança, embarcação risonha,
Das azues regiões faz-se o trajecto.

Mas vae o corpo em chagas descosido,
Por venenosos vermes lacerado,
Vermes, que só nos deixam, quando enchido

Longo fio de anneis, de sangue inchado:
E no paiz do sonho estremecido
Guardam-se as dôres do paiz deixado...

A ESPERANÇA

Quanta fadiga custa-nos a vida!
Vivemos entre tumulos; vivemos
Num largo mar, em barca ao som de remos
Fechando e abrindo o leque na corrida.

A onda é mansa, a onda é desabrida,
E incerta a praia branca, onde aportemos:
Mas... a que vamos? mas... o que queremos?
Nos chama ao longe alguma voz querida?

Vem talvez lá dos pinheiros do monte,
Onde canta a visão de loura trança?
E' vapor... vôa... foge do horizonte.

Quem olha ao largo outra visão alcança,
Visão formosa!... chega-se defronte,
E' nuvem... nuvem... nuvem da esperança...

O F I M

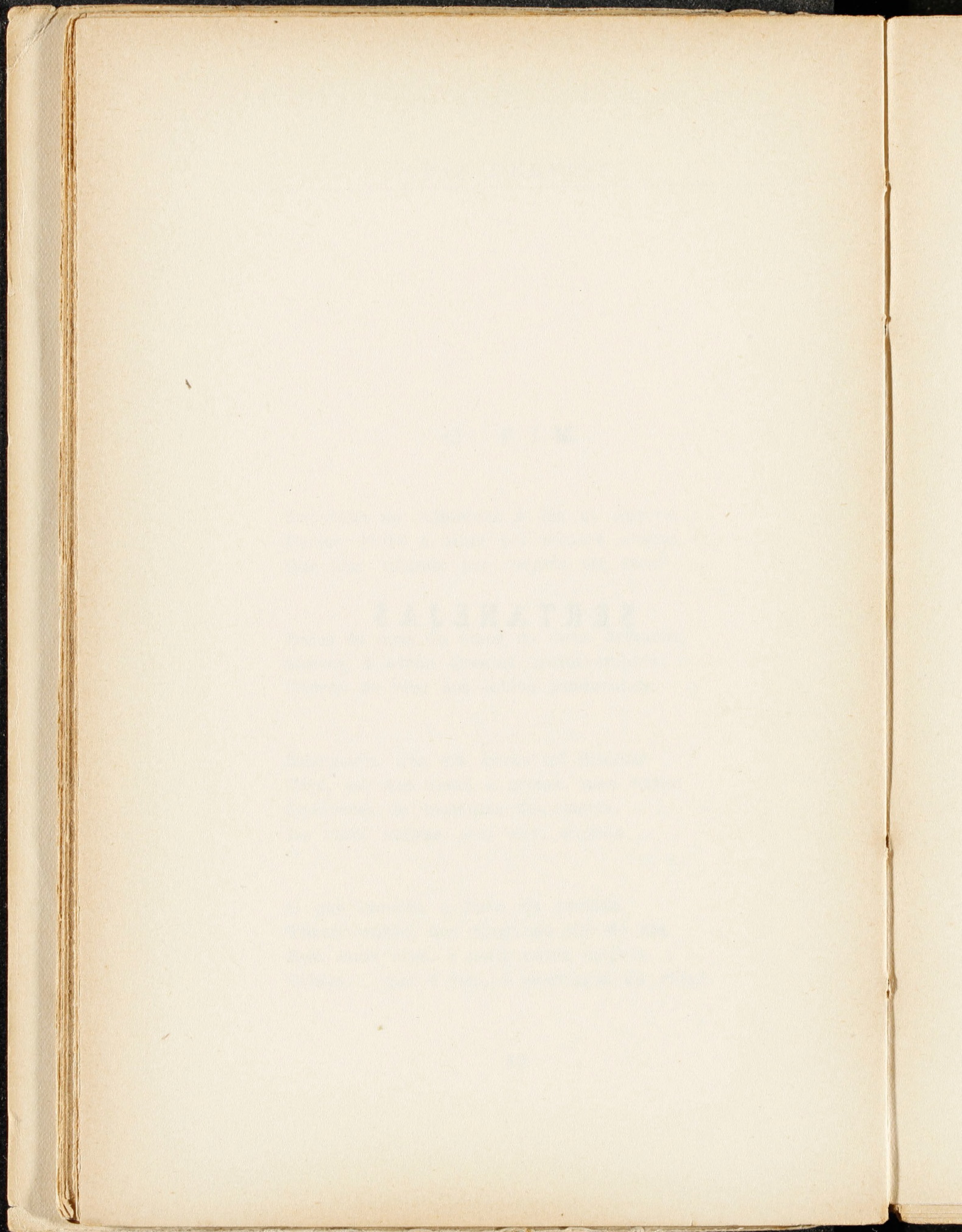
Endechas de calhandra á luz da aurora,
Feixes d'oiro a tinir por sombra atados,
Que iam rolando por vergeis em fora;

Raios de soes de amor na chan deixados,
Mortos, e ainda quentes muito embora;
Chôros de riso aos labios pendurados;

Existencia, que em horas foi diluida;
Taça, em que resta o aroma, mas vazia;
Cadaveres de instantes da alegria,
De rosas negras, sem olor, cingida...

O que recorda a festa da partida,
Threno surdo, que chega ao fim do dia
Sem mais alva, e mais outra cotovia...
Sabeis... que é isto, ó naufragos da vida?...

SERTANEJAS



O CARREIRO

Desde a alva anda o carreiro a trabalhar cantando,
Chapeo de palha á orelha, alta a aguilhada, e ao lado,
Roupa branca *da terra*, um cinturão floreado,
Ao mugir de dois bois, que vão a passo brando:

O braço livre á canga, elle os conduz: o arado
Corta a leiva, abre o sulco, avança, freme, ondeando,
Tece o ninho ao trigal; envolve-o aereo bando,
E ouve um flavo rumor de luz batendo o prado.

Pensa. — As boccas, que rasga, um fogo intenso engolem,
Fogo que coalha em vivo, em palpitante pollen!...
Chia-lhe o ouvido. — Pára; e, as mãos pondo ás ilhargas,

Sorri-se ao imaginar que cae tanto pó d'oiro
Da transparencia azul das asas de um besoiro,
Largas, como a campina... e inda talvez mais largas!...

A' HORA DO ALMOÇO

Pelo sapê furado da palhoça
Milhões de astros agarram-se luzindo;
O pae, ha muito, madrugou na roça:
A mãe prepara o almoço. — O sol é lindo.

Canta a cigarra; o porco cheira; engrossa
O fumo dos tições; — anda zunindo
A' porta um maribondo; e fazem troça
As creanças com um ramo o perseguindo.

Correm, chilram, vozeiam, tropeçando
Num velho pote; — a mãe, zangada, ralha,
A avó lhes lança o olhar inquieto e brando.

No chão um gallo ajunta o milho e o espelha,
Emquanto a um canto, as pennas arrufando,
Põe a gallinha num jacá de palha.

O NINHO

O moleque abre a bocca enorme, e uns dentes
Branços, como os marfins que ha em Ceylão,
Mostra dentro de uns beiços salientes;
O corpo é magro; a roupa de algodão.

Segue-o um menino d'olhos reluzentes,
Com ares de senhor, e pés no chão,
E ambos esperam trêmulos, silentes,
Outro que desce — e já lhes mostra a mão.

Saltam de laranjeira sacudida
Orvalho e flôres brancas desfolhadas,
Em tórno dessa troça alli reunida.

Um ninho! clamam!... Subito a risadas
Partem os tres... e a luz desinsoffrida
Parte atraz delles rindo a gargalhadas.

A PINGUELA

Ha muito a chuva cae torrencial: o rio
Ruge, e levanta o collo engrossado á barranca,
Toma agora o caminho, enche agora o desvio,
E põe aos hombros os velhos troncos, que arranca.

Tem largas convulsões hystericas de frio
A matta, aos verdes pés brame-lhe a espuma branca;
Tudo empolga a torrente: uma passagem franca
Tem comtudo este abysmo indomito e sombrio:

E' a pinguela: um tronco estreito atravessado
Sobre a agua: o sertanejo afaga o companheiro,
Bello animal que monta, e o despe, e o lança a nado;

Cantando, e a pé viril, de um velho fauno herdeiro,
Com o sellim que sobraça, e a coma ao vento irado,
Pisa-o como se fosse um solido carreiro...

A S A H I D A

O gallo canta: o ar, que freme, é quente:
Desce ruflando pelo valle o vento;
Ha no horizonte os rolos de uma enchente
Do mar, que invade e doira o firmamento.

Toca a sineta; vem sahindo a gente
Da senzala, num jorro somnolento:
Depois da reza, a passo tardo e lento,
Enxada ao hombro, dois a dois em frente,

Ao eito vão pelo carreiro aberto:
O matto cheira, rumorejam ninhos
No cafezal, de branca flôr coberto...

Ha um grande chilar de passarinhos...
E emquanto o escravo vae... segue-o de perto
A risada da luz pelos caminhos...

O J A N T A R

Põe-se a mesa, isto é, deita-se a esteira
De tabúa no chão batido: os pratos
De louça em roda; e a grande farinheira
De cuité cheia... A ondulação dos mattos,

O acre perfume da floresta inteira,
A orchestra, a voz dos trêmulos regatos,
E um galho em flôr de secular mangueira
Cobrem a mesa, — commensaes exactos. —

Enrolada na nuca a negra coma,
A mãe com a panella ás mãos assoma
Zangada e alegre; o pae entra com um filho;

Os outros correm... grupam-se: a soslaio
O velhaco do sol, a rir, com um raio
Seu lambe o pó do lourejante milho...

NO BOSQUE

Uma bromelia colossal; um kiosque;
Quatro janellas; — uma só aberta,
De trepadeiras a florir coberta;
Crê-se que a casa continúa o bosque.

Quando do ferro a trepa desenrosque
Os cem braços gentis, nos quaes o aperta,
Já talvez seja a casa então deserta,
E hera nova tambem seu flanco enrosque.

Ind'hoje para vê-la á matta corro...
E á sombra humida e larga da mangueira,
Na agua em madeixa, que entra em um tanque a jôrro,

Ella as mãos molha e folga a tarde inteira...
E alli, noute que espera um astro, eu morro:
E ella vive, a calhandra da balseira...

REVOLUÇÃO NA FLORESTA

E é que estão vivos!... Fala-me a floresta;
E a agua, que os pés desnus em flôres lava:
Mas... nada desse humor com que eu contava!...
Sombras, nem vós? — Rochas, nem vós? — E esta!...

Brandiu-me um tronco um galho, e, zaz... na testa!...
O rubro fructo da miuçalha brava
A vista em sangue em mim raivando crava!
O outro dia era tudo um grito em festa...

Em 'star mal com vocês eu nada ganho;
Prefiro em cada cara um gesto amigo;
Gentes, não ha um crime assim tamanho...

Eu vos entendo, e vosso espanto sigo
Em cada verde olhar, que em vós apanho,
Paz! que ella vem: não sois seu templo antigo?!...

AINDA PELA MONTANHA

Quero que tu nesta montanha gozes
De um retiro, que visto inda não tinhas:
Alli ha um valle, e ha uma gruta... adivinhas:
E' o sitio augusto das metamorphoses.

Não sae como um ferver de surdas vozes
Por onde pões os pés, quando caminhas?
Fazem cousas (que horror!) estas flôrinhas...
Não têm vergonha estes moitães ferozes...

Arregaçam a tunica sem pejo:
Ais... pequeninos ais... beijo e mais beijo!...
E este motim é desde a madrugada.

Pan.. não vês a correr? não vens de ouvil-o?
Ora... vae indo, não é nada aquillo:
E' atraz de um gemido uma risada...

A P R I M A V E R A

A hora, que chega, vê que é tempo, e deixa
A' sôlta a matta, filha predilecta:
E logo o verde rolo da madeixa
Desata ao vento, que ella aspira inquieta.

No vento um sylpho occulto o afago enceta,
Ninhos e aromas, que nas mãos enfeixa,
Põe-lhe no seio e trança: a pobre é queixa,
Queixa em cio, como alma azul de poeta.

Toda caricia, ardor, canções, perfume,
Geme de goso, como se a beijasse
Bocca cheia de beijos de algum nume.

E a erguer-se n'alva a arfar, se crê que nasce
Noiva timida ao sol, e ante o seu lume
Nua, em flôres e renda esconde a face...

D O L O R

Nas manhãs largas de Janeiro passo
A's vezes triste pelo campo em fora:
Por que ha mais brilho no esplendor da aurora?
Por que cantam mais passaros no espaço?

Ella ao meu lado, então lhe aperto o braço:
E agora inquieto, e mais irado agora,
Sinto que um fogo interno me devora,
E ouço um rir de ironia a cada passo.

Fala-lhe o lyrio, as mãos beija-lhe a rosa;
O sol a envolve, e eu sei que é de justiça,
Numa grande arcaria luminosa.

E vendo a luz... a propria luz submissa,
Ella dá magua dos meus zelos gosa,
E eu soffro a dôr de tudo que a cobiça.

E D E N

Olha, o momento é curto, e esvae-se de repente;
Neste trabalho audaz, nesta eviterna lucta,
Ou é logo apanhal-o audaciosamente,
Ou perdel-o na mó da natureza bruta.

Não o deixar, ser prompto, agarrar o presente,
E em cima de um gramado, ou dentro de uma gruta
Escondel-o e fruil-o, o tempo nos escuta,
E quem gosa, e é feliz, vê-o ir indo não sente.

Ris: 'stás pallida, e emfim me perguntas: — que fazes?
Nosso leito estrellado em baixo entre os lilazes,
Eden novo, que nuns palmos de relva traço,

Emquanto em derredor de ti cantam as flôres...
Quero só 'star contigo, ir só onde tu fôres,
Sylphos ao pé de nós; deuses, soes pelo espaço...

B I A N C A

São dez: vae alto o sol: a sombra é quente;
Dobra em pallio a mangueira a copa immensa;
— Senta-te um pouco; estás cansada: — pensa.
— Em que? — Bem sabes, no que pensa a gente.

Gostas de ouvir os trillos da corrente?
Um fio d'agua é bom na matta densa:
O ar... Não fujas... — Olha: é voz, é crença,
Que o bosque, o cheiro... este acre cheiro ardente...

(Jamais hauril-o só comtigo pude!...)
Quem sabe, diz que tem uma virtude,
Que é como um vinho azul, bebe-se bem.

— Por que taça? — Ora! a taça é bocca e bocca...
Mas isto agora assim de chofre, louca?...
O' Bianca! Bianca! que não venha alguém...

PAVOROSA ILLUSÃO

— Ha qualquer cousa que este campo eguale?
De logo abrange-o todo em quadro a vista;
O monte azul não deita o pé no valle;
E aqui á caça não se perde a pista.

Onde ha de amor, que mais sentido fale,
Que neste verde escriptorio embalde exista?
Raio de luz de um céu côr de amethysta
Não tem sombra melhor, que o esconda e o embale.

Unico és triste em toda a veiga: eu sinto... —
— Sim! triste, sim!... mas não por ti sómente,
Por mim o sou tambem: no labyrintho,

Em que tu vaes e eu vou, — inconsciente
Tu mentes sempre, e inconsciente eu minto...
Ou é Deus... Deus então, que em tudo mente?!...

UMA CONFISSÃO

Que eu não pensava em ti? Quem dizer ousa?
Queres saber que fiz pelo caminho?
Em doidas voltas uma mariposa
Seguia a companheira: ao vento um ninho

Cahiu piando: saltei a agua, que pouso
Por entre o jarro, o lyrio, e o rosmaninho:
Cada flôr me falou de ti baixinho;
E o céu não me falava doutra cousa.

Levava á bocca o acre perfume e a nota
Do ultimo beijo; o cheiro do teu seio,
E o d'herva alli por nós pisada á grotta,

Onde rasto deixára alguém, que veiu
Breve noite de amor já tão remota...
Deuses?... não sei quem foi, dormir, — eu crelo...

FRUCTA SILVESTRE

Mas... como a fructa assim madura cheira!...
Do Eden pisou-se a rutila soleira,
— Larga esmeralda; — estava aqui comosco

A natureza, a cega companheira:
Cantava o rio, o passaro, a balseira...
Para nós era a pedra um fulcro toscó.

E o nosso sangue alli tambem gorgelava:
Tapava um riso as voltas do caminho;
A luz nas franças pelo cimo espiava,
E do ar nos via o odor do rosmaninho...

Eu nos braços em circulo a apertava:
Ella cahia um pouco em desalinho...
Eu a beijava e ella me beijava...
A selva toda parecia um ninho.

ACASO NA ESPESSURA

Achei-me só com ella na espessura:
Como? não sei. — Quizemos conhecê-los,
Os cantos todos desse bosque; vê-los,
Como quem outra cousa não procura.

Como polido á torculo, vidrento,
Transparente, lustroso, o azul profundo
'Stava em cima de nós nesse momento.

De um largo beijo rapido a circundo;
Não era um goso já, era um tormento;
E era o céu aos meus pés, não era o mundo.

Como esmagado sob essa ventura,
Eu me escondia atraz dos seus cabellos:
Deus, dos felizes, tem por certo zelos,
Pois que tudo que é bom tão pouco dura!...

O CRIME DA PRIMAVERA

Vamos depressa, que arde tuão; vamos:
Lá funambúla saturnal tremenda;
Haja sómente alli quem os entenda,
Que ha-de ouvir os tiês e os gaturamos

Sob os arcos, que alonga o bosque em tenda,
Vaiaando a dança e os osculos dos ramos;
Cobrem mesmo da moita a verde renda
Largos idyllios de reptis, que odiamos.

O campo é um vasto leito de noivado:
Fala-se baixo, o riso é soluçado,
A voz das cousas trêmula e queixosa.

Do connubio a açucena melindrosa
Vae de açucenas dar um céu ao prado;
Quantas rosas vão vir de uma só rosa!

EM FUGA À SERRA

Gostas mais de estar lá, bem sei; confessa.
Aqui a gente deita-se e desperta
Grande o céu, preso ao monte, por coberta...
E ha em tudo um bom cheiro e em ti começa.

Mas só uns dias? hein?... Foi vir com pressa!
Sem ti como a cidade está deserta!...
E' isto a sala, que encontrando aberta,
Fugindo ao frio, um passaro atravessa.

Cansava fora o vento, que farfalha,
Silvava, como um dia de batalha,
Ou como ronca o mar nas praias dando...

Nem pestaneja a luz, que ella dormia:
E por seu quarto, a mêdo, a andar, se ouvia
Só a voz calma do seu somno arfando.

PASSEIO MATINAL

Como és formosa em frente da alvorada
Trepando as altas serras pedregosas:
Tu tens a idade della, e estás coroada,
Como ella está, de lyrios e de rosas.

Um pagem prompto; a egua aparelhada;
Vaes ser a luz das veigas deleitosas:
Montas no meio de uma revoada
De sons de agrestes frautas ramalhosas.

Um fio d'agua esfuma-se distante,
Scinde a montanha: o céu vidrado cheira,
Céu que a Bohemia puliu em rocha iriante.

Por vêr-te, parte em grita a cachoeira,
E da floresta espiam-te o semblante
Titans em grupo, faunos de carreira...

ROSAS NEGRAS

SCIENCIA DA VIDA

Por este valle ahi fora, entre o silvedo,
Entre os tortuosos troncos da floresta,
Sob esta sombra grossa, que se presta
A's caricias de amor, vae ter sem mêdo...

Toda esta gente a reconhece, e em festa
Anda tudo; anda alegre, anda em folguedo:
Uns olhos brancos buscam-na com cêdo,
Querem-na uns olhos rubros vêl-a á sesta...

Ha querela e rumor n'alguns logares:
Aos ramos prendem verdes rumorejos,
E arcarias de luz da côr dos mares.

Eil-a que chega: engrossam-se os desejos...
Mas não ha nada mais no chão, nos ares...
Não lhes dá nada mais a não ser beijos...

INTERRUPTED PARADISE

Olha aqui neste valle, aqui á beira
Desta corrente, aqui nesta frescura,
Aonde a agua, que canta, e a grama fura,
Rebola em brocadilhos d'ouro e cheira.

Sentemo-nos. — Que historia! — A vez primeira
Que o acaso aqui nos trouxe, a pedra dura
Embrulhámos em ostros de ventura:
Lembras-te bem, não é? de que maneira?...

Hoje? — Os deuses não querem. — Lenhadores
Vêm por atalhos; rindo ha perto gente:
E um rubro aroma, e uns beijos procreadores

Mexem folhas, que accende um pollen quente;
E a abundancia dos ninhos e das flôres
E' contra nós inconscientemente...

IDYLLIOS MATINAES

...sunt numina amanti...

Tibullo — Elegia

I

EM BAIXO

Vem. — Entremos por estas alamedas,
Onde a aurora amollece a treva a custo:
Leva-te o corpo um furacão de sedas,
Que vão cantando e zombam do teu susto.

Sim!... teu pallor — é cêdo, ha frio — é justo.
O mais... Vê bem: as arvores 'stão quedas,
Só as aves, que saltam das veredas,
Dão um gesto ardiloso a cada arbusto.

D'aquí a instante, alli na volta, um manto
De luz verás cobrir o sonorenre
Rio, a artistica ponte, o espaço; a um canto,

A' esquerda, ao sol, num seixo, inculto assento
Terás, emquanto o ar te aroma, emquanto
Rola em teus olhos rindo o firmamento!...

ROSAS NEGRAS

II

EM CIMA

Olha além, para cima do penedo:
Vês a linha que vae fazendo o fumo,
Nodoando a luz, riscando o ambiente a prumo?
Saibamos quem madruga alli tão cêdo.

Ora!... não digas não... não tenhas mêdo;
Pelas pisadas acharemos rumo:
Ha qualquer trilho occulto entre o arvoredado...
Vamos subir... subamos, em resumo.

Embora traço algum recente o indique,
E' irmos: o teu braço ao meu apoia,
Não penses tu que o sol te prejudique;

E emquanto eu vou mostrar-te aquella joia
Feita de palha e quatro paus a pique,
Mostra em ti um retrato em pé de Goya.

PRIMEIRA AUDACIA

De muitas vozes abafado grito;
Labor no campo ao longe: — na antesala
A mãe 'stá como estatua de granito;
E, como estatua, é gesto só, não fala.

Eu converso: — Este céu como é bonito!
Que branco aroma o cafezal exhala!
Emquanto um galho alli colhido agito
Contra vespa, que vae, vem, a azoinal-a.

A filha olha o ondulado espaço immenso
Brandindo o leque, quando o insecto vinha:
Scismo então: mas que scismo, e sinto, e penso?

Se um instante a pudesse ter sósinho!...
E nisto o vento ao chão lhe pondo o lenço,
Beijei-lhe, erguendo-o, a mão que nelle tinha...

O PASSARO AZUL

Tem-se o passaro azul por alva, em antes
Do sol romper, um pouco escuro, cêdo,
A herva orvalhada, os galhos resonantes,
Sombra mais doce em tôrno do arvoredos;

As choças mudas, os moitaes distantes
Na nevoa; fora as pontas do penedo;
Morta de frio, a estrella dos amantes
Deve inda estar no céu molhado e quedo.

Hemos passar o rio, e além da ponte
Descer, ,ladear o pasto, e ir ter ao monte:
Nós sós, vê bem, nós sós pelo caminho.

Sê, como a aurora, a tua irmã, exacta:
Fico ao telheiro, ouvindo arfar a matta,
E a agua roncando em roda do moinho...

PACIFICAÇÃO

Eil-a aqui 'stá... Vês... como tudo muda?
Não ha no bosque mais conspiradores:
E cada tronco perfilando, ao pôres
Os pés no chão, em curva nos saúda...

Estuda tudo, arvore, e rocha; estuda
O rio, o musgo, o ninho, o aroma, as flôres:
Nota a attitude ao valle, o gesto ás côres,
E os verdes gritos da canalha miuda...

Ouve o passaro, o insecto, o odor: repara
Num ar bondoso, com que a pedra escuta
A alma das cousas, e a alegria rara

Da lagrima chorada, ha pouco enxuta...
Entra a selva: eis o templo, ó deusa, e em ara
Brilha a arcada em festões, mais longe a gruta.

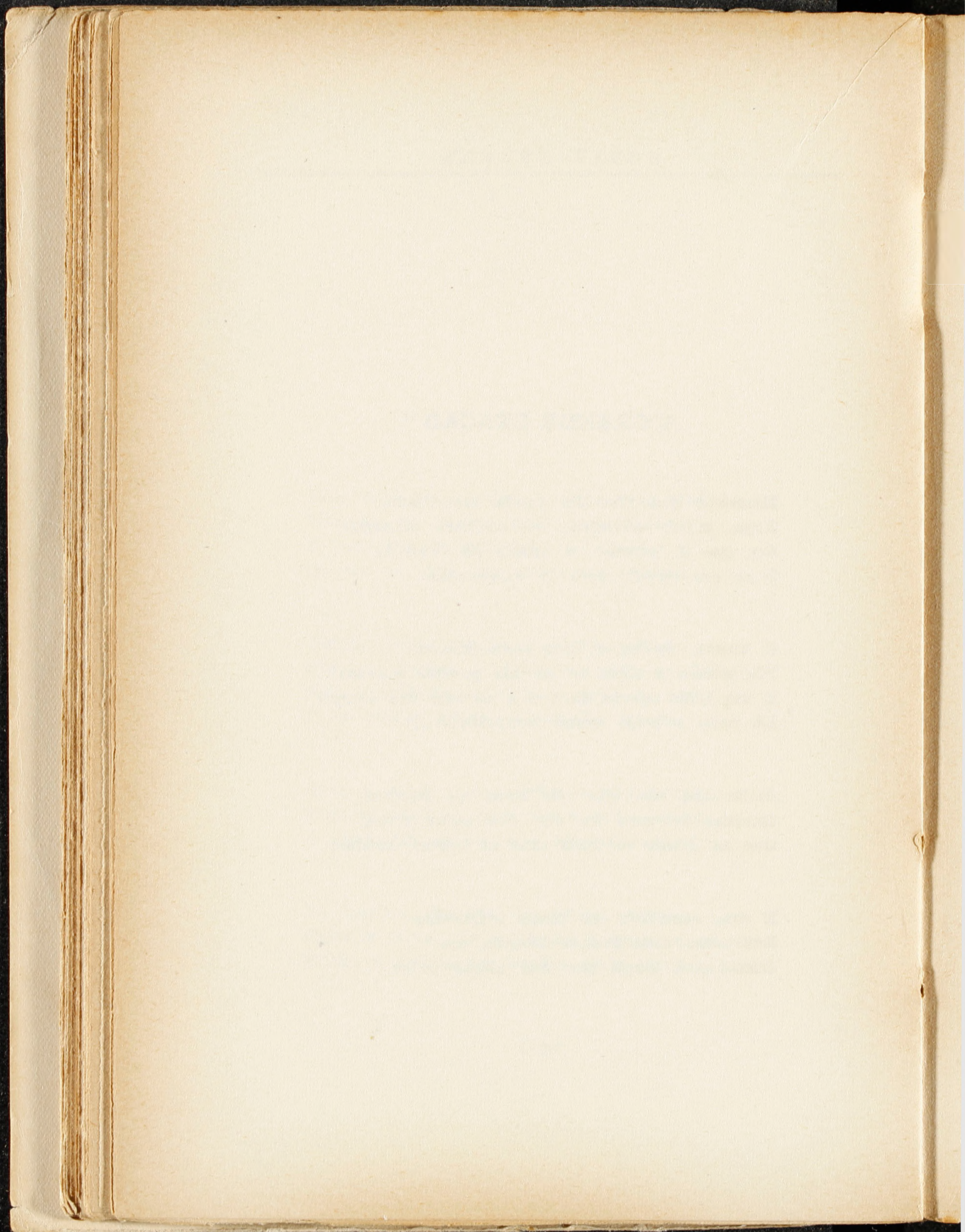
A GRANDE BENÇÃO

Mesmo o que vive em funda escuridade,
Ruge, morde envenena, — um'hora alcanças
Em que é formoso, e aroma de bondade
O ar em tórno, cheio de esperanças.

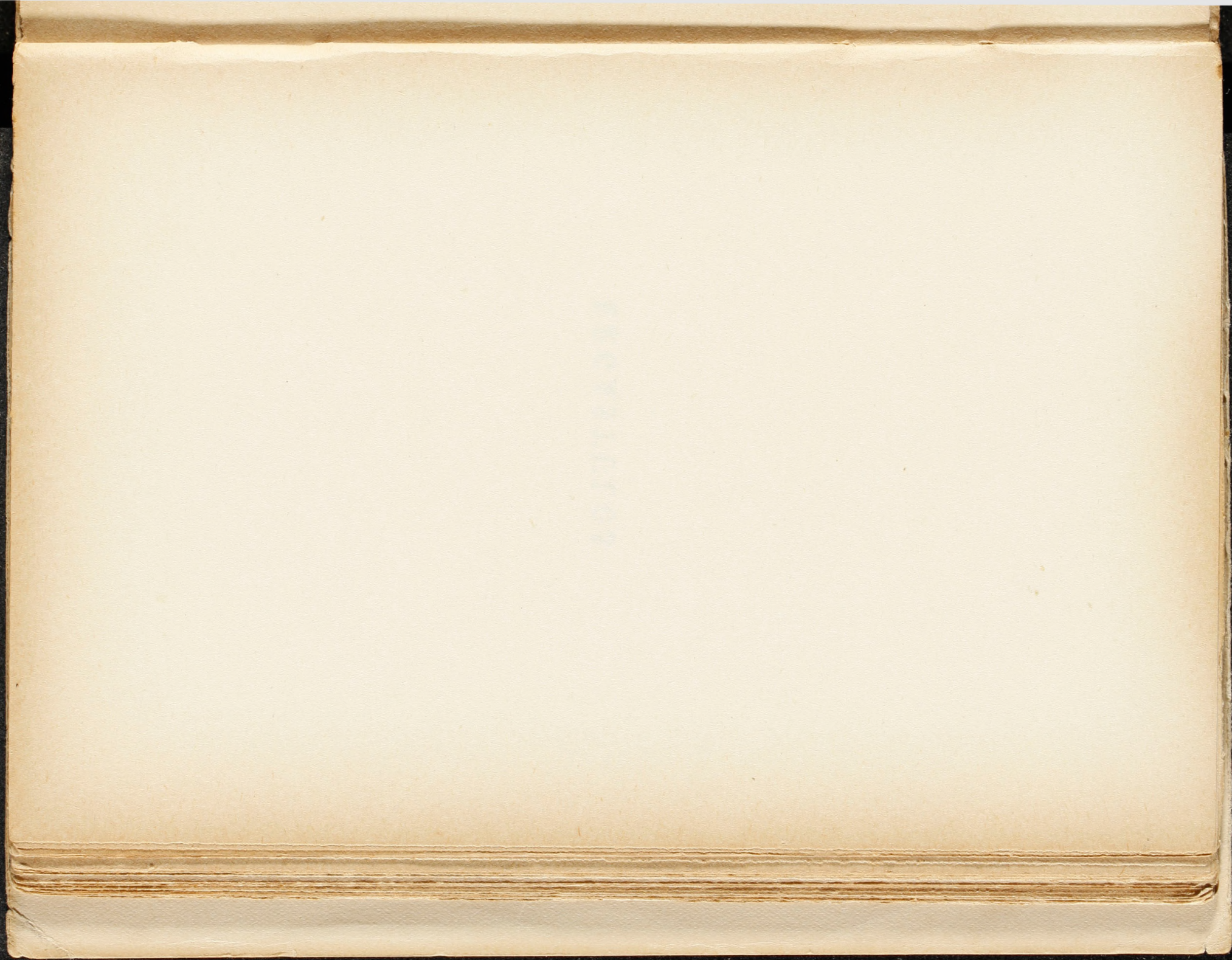
O diluvio de amor, que tudo invade,
Põe manso o tigre ao pé das pombas mansas:
E um lyrio agarra noutro, e ao tom das danças
Lá roda o beijo numa tempestade...

Beijos que vão, que vêm nuns ais lascivos,
Queixas de goso ou dôr dos seres vivos,
Que as dizem só mais alto as boccas doudas:

E esse connubio em plena primavera
Era como uma grande benção, era
Como uma longa paz nas almas todas...



ERGASTULOS



AOS VENANCIOS

Perguntaram: — Quem é? — quando ia percorrendo
A descuido e sem fim qualquer sitio agradável;
E respondeu um pobre eunucho detestavel:
— Um monstro. — E ouvi-o, sem parar, não me detendo.

Mirou-se na minh'alma o reptil, se revendo
No mais puro crystal; pareceu-lhe provavel
Ser o proprio crystal o verme, o miseravel,
O calumniador infame, a serpe se estorcendo.

E eu passava levando em mim o firmamento,
O ideal do bem, o azul do dever, a harmonia
Dos Edens a florir, que acaricia um vento

Vindo da exhalação dos deuses: que eu podia,
Dentro em nimbo estrellar, na paz do meu contento,
Senão deixal-o roer sua immunda alegria?...

V I B O R A

Baba, vibora esqualida e medonha,
Triste reptil sem pejo e amor e crenças:
Transponho, enquanto escorre-te a peçonha,
Curvas, em capiteis d'oiro suspensas.

Vou, — aguia, onde não vaes, nem, — céu, ir pensas.
Serena, como quem ou scisma ou sonha,
Furtando o casto rosto ás trevas densas,
Ala-se a Musa accesa de vergonha;

Quem affronta-a, quem feril-a pode,
Quando atrelando dois leões á ode
Sobe inda além das regiões eternas?

Fogem-lhe em grupo os soes, como centelhas;
Rugem-lhe atraz constellações vermelhas,
Entrando as igneas fauces das cavernas...

MISERRIMUS

Quem no tempo, que enverga as asas, não procura
Trabalho, que enaltece a alma humana e avigora,
Não acha, como achei, na terra essa ventura,
Que é meu crime, e só tu, e mais ninguém deplora.

Dizes que sou feliz, e irrita-te e apavora
Do pó teu vêr-me em pé numa nuvem da altura,
Sem te lembrar que já nuns dias de amargura,
Ao dorso ergui-te, anão, como o faria agora.

Não tens tido esse orgulho indomito de moço,
Que não pára, inda mesmo uma batalha ganha,
Cuja existencia é toda ansia, audacia, alvoroço:

Teu odio eterno em vão de rastos me acompanha:
Serei eu, por acaso, ahí qualquer colosso?
Terei o aspecto assim, que impõe, duma montanha?!

O CASTIGO DO ODIO

Deste malvado o leão ereo em brasa, o tormento
Do eculeo, que o espedaça, o hediondo pesadelo,
Que o arrasta ao esgoto, á unha amarrado o cabelo,
Como folha que joga em redemoinho o vento;

A serpente, que o enrosca, e o torce num novello,
Cuspindo-lhe na bocca um visgo peçonhento;
Que ás orbitas lhe arranca os dois olhos, num zelo,
Num luxo de quem quer pungir a fogo lento;

Essa dança macabra, onde ulula a tortura,
Onde o crime flagella o crime, e em horrendo brodio
A propria infamia em si açoita a vil creatura:

E' vêr que ha para o bom sempre um anjo custodio,
Que lhe anda a rir em tórno a festa da ventura,
Emquanto, á alma agarrado, o róe um verme — o odio.

SUMMUM JUS

Non far tregua coi villi.

A. Manzoni

Não ha desprezo para ti bastante!
Ninguem te dera a pena que imagino!
Nem a Torre, onde á fome inda Ugolino
Se oûve rugir tremendamente em Dante.

Maior... maior tormento eu te destino
Do que te ouvir a carne crepitante
Chiar ao fogo, e o teu uivar ferino
Terra e céu arranhando, instante a instante.

Maior... que as serpes sobre Laocoonte,
Nas escamas de bronze o retalhando,
Tendo os filhos entre ellas fronte a fronte...

Maior... Outro qualquer castigo é brando.
Eu, como um deus, não te encadeio a um monte:
Eu te amarro a ti mesmo, ó miserando!...

A UM MISERAVEL

Nunca vendi a minha penna honesta,
Bufarinheiro de um jornal corrupto:
Onde o sol anda a rir de festa em festa,
Onde ha luz a cantar, trabalho e lucto.

Quem toma o nome e a mascara de um bruto,
Mais qualquer cousa inda a perder lhe resta?
Melhor fôra, tremendo e resoluto,
Ser um ladrão que a larga estrada infesta,

Ou no oceano da vida tresmalhado,
Correndo mar e mar, audaz corsario;
Ser um heroe do crime, enorme, odiado,

Mas um heroe!... E tu, por vil salario,
Queres roubar-me do meu nome honrado,
Sem que enchas d'oiro teu vazio erario?!...

AOS VERMES

Tendes tambem espaço no horizonte,
Vermes, que o eterno sol redoira e anima;
Dou-vos asas, subi: á minha fronte
Que sombra escassa e van lanças por cima!...

Eu ato, quando quero, o valle ao monte,
O Olympto ao Céu, e o deus que a musa intíma:
E estrella a estrella amarro, e lanço a ponte,
Em que anda o grupo harmonico da rima.

E' um coche de perola o soneto:
E quando dentro delle os mundos metto,
A estrophe ala-se, e canta, e canta, e o tira.

No caminho saúdam-no as Chimeras:
E ao vél-o, a um tempo, calam-se as Espheras,
Aos seios d'oiro atravessando a lyra.

A E S M O L A

Veiu alguém orgulhoso e irado, e emtanto
A obsecrar-me um obolo mesquinho:
— Onde buscára a flôr, achára o espinho;
Foi-lhe o prazer longinquos sons de um canto:

Ia após elle, e elle fugia tanto
Que nunca o teve á mão, em seu caminho;
Deu-lhe Deus dôr, e o horror do esposo, — ó pranto, —
Dando ao passaro céos, grãos, bosque e ninho.

Ha tanta gente por ahi ditosa,
Que sabe rir, que ri quando trabalha:
Que quanto mais trabalha inã mais gosa.

Ganham dia por dia uma batalha... —
Mas de qualquer apparição radiosa
Era o seu odio a esqualida mortalha...

ROSAS NEGRAS

HYPOTHESE

Se me levas á bocca a taça da aventura
Só por vêr onde vae minha credulidade;
Se é convite fallaz que em teu olhar fulgura,
Ha gazua em teu riso, e em ti perversidade.

Mas eu hei-de sahir da minha sepultura,
Inda morto, inda tarde ouvirás a verdade:
E empoeirando de mêdo a tua formosura,
Medirei pela tua a minha crueldade.

Eu te direi: — Ninguem turva embalde uma vida;
E's da festa, que acaba, a sobra corrompida;
E's a ulcera, e della, o rubro incendio, e o horrer.

Sombra, o teu infortunio é grande, é sem remedio;
Teu passado é remorso, o teu futuro é tedio;
E's o espectro do beijo, és o espectro do amor...

A COMEDIA DUCAL

Quando da raça torpe e envilecida
Ouço o ruído atravessando os mares,
E, no olvido das luctas seculares,
Que os velhos reis levaram de vencida,

Batem palmas a um louco, e dão guarida
A um senhor, que os jungir tenta em seus lares...
Grito humilhado, pondo as mãos nos ares:
— Oh! quem pudera vomitar a vida...

Deusa, que trajas tunica de linho,
Se ha quem na terra dos Dantões te affronte,
Abra as asas azues, põe-te a caminho:

Tens nesta patria amplissimo horizonte,
Em cada grão de areia achas um ninho,
Achas um coração em cada monte...

SEGUNDA CONFIRMAÇÃO DO INFERNO

Davam-lhe os olhos vesga expressão de bandido;
Basta, grisalha coma, emmaranha-lhe a testa;
Um riso mau, desleal, a negra bocca infesta;
Andam maldade, inveja, odio em cada sentido.

Nadava em fezes ruins; e ouvia-se o estampido
Irromper-lhe da voz, que em quanto chega, cresta:
— A luz é negra: o sol é mais negro, e não presta. —
E' da cloaca, onde habita, o fetido rugido.

Levando inda a direita o laureado poeta,
Dante passando ao rez dessa lagoa infecta,
Disse-lhe: — O' infeliz, é o teu mal eterno!

Tinha no olhar Virgilio a indignação sublime:
Rosnava o monstro: — Eu amo o crime pelo crime. —
Dante voltou-lhe o dorso, e disse: — Estás bem no Inferno...

EL GRAN GALEOTO

Estalou-te na cara, um dia, a bofetada
Da mão do amigo serio; um latego nojento
Mordeu-te o corpo todo, e em sangue a lacerada
Carne pendeu do torso, e balançou-a o vento.

A soluçar rugiste, e o rosto macilento
Escondeu pela barba insonte e arripiada
A lagrima da dôr; como a um ser odiento
Viu-se fugir de ti a terra amedrontada.

Onde a plebe urra, e dança, e sangra ao pugilato,
Ergueram alto um poste infame ao teu retrato,
Que oscillou aos baldões, aos soes, ás chuvas, nu.

E a calumnia sómente, ó Mestre, apunhalou-te!...
E, como vens, como um bandido atraz da noute,
Golpear, ferir tambem, á sombra della, tu?...

C R O M W E L L

Vejo-o ás vezes passar, como em sinistro drama,
Como a sombra dos reis que Macbeth evoca,
Esse vulto de heroe, vermelho, como a chamma,
Molle, como o oceano, e duro, como a roca...

Sobe agora, e a cabeça estrellada o céu toca,
Agora desce, e immerge em vis sapaes de lama;
E onde a razão a luz de auréolas derrama,
O delirio o gramão dos histriões colloca.

Soldado enorme e audaz, pae cobarde e sublime;
Haurindo a sorvo lento o horror do proprio crime;
Mesclando ao fanatismo a fôrça e a reflexão...

Se a Cromwell castigára o poeta florentino,
Em que cyclo do Inferno o seu poder divino
Atirára este esboço... entre o colosso e o anão?...

NICOLO MACHIAVELLI

Nicolò Machiavelli, ó sabio, ó poeta,
O' grande ebrio de amor e de verdade,
Quando peso a tua obra, immensidade
Rubra de luz de tua musa inquieta,

Ouçõ passar, como uma tempestade,
Mundos e mundos, soes e soes, por meta
Tendo o tempo encostado á eternidade:
E quando penso que acabou, enceta

Novo abysmo, e outros soes, como um granizo,
Mancham de novo o azul da curva alteada...
Ao teu genio em revolta era preciso

Essa aurea lyra por um deus vibrada,
Onde ao seu canto a lagrima divlso,
Rompendo os sons de ironica risada...

ROSAS NEGRAS

TACITO

Quando Tacito ás mãos terríveis de gigante
Na coma sacudia ao tempo Roma escrava,
E em laminas de bronze eterno elle a cravava
Com 'stiletos de ferro e puas de diamante,

Tinha o incendio e o esplendor dos Etnas em lava...
Como o oceano aquilões, e o infinito adeante:
Não quizera ser crime, o crime nesse instante,
Que em sua voz a voz dos deuses trovejava.

Porêm quando aos heroes e ao justo erguia altares,
Parecia envolvê-lo em chlamydes solares,
Dar á musa da historia o amplo verbo de Homero:

Assím, quando atravez dos seculos assoma,
Vê-se que empallidece inda a sombra de Roma
Sob a rigida luz do seu olhar austero...

A UM TRANSFUGA

Entra o lobo voraz em nossos baluartes,
E vae levando á bocca as aguias altaneiras:
Audazes campeões desertam das fileiras,
E levam força e luz aos velhos estandartes.

Tu tambem nos deixaste, e para sempre partes:
Mas olhar para traz, ó luctador não queiras;
Cegaram-te ambições de glorias passageiras...
Não voltarás jamais, em que dellas te fartes...

Sim, para te lavar da negra infamia, eu penso,
Que a gomma Oriental, a myrrha e todo o incenso,
Que vem colmando e enchendo as mais variadas jarras,

Não bastará por certo, ó ave aprisionada,
Que não te lembres mais do sol, e que domada
Lambes a jaula d'oiro, e o pó das mortas garras.

A TYRANNIA

Quando, da liberdade em nome, um clown num dia
Açaima um povo, e o avilta, e o junge em lida insana,
E' que elle surprehendeu de rasto a cobardia,
E achou cega e sem guia a consciencia humana.

Odio todo e traição, tudo o trae, tudo o engana,
Tem mêdo ao sol, — sorriso, asco á luz, — ironia,
Só não vê junto a si de pé a tyrannia
Da virtude, que o julga, e o esmaga, e é mais tyranna.

Com elle a historia é ruina, é lagrima, é destroço.
Mette-o ahi mesmo a justiça, ata-o ahi mesmo em granito,
A gargalheira roxa e tumida ao pescoço...

Zurze-o a Hora, que passa; aspa o Tempo o maldito;
Suja-o o vesgo rumor de um mar furioso e grosso
Da vasa e dos baldões, que enchem grito após grito...

CORRUPTA JUSTITIA

A corrupção lavrou e ardeu por toda parte;
O dilúvio do mal encheu e afogou tudo!
Pode um homem de pé vêr isto, e ficar mudo?
Hydra, reinas segura e calma em teu baluarte!?

Não ouvirás a voz de maldição, que parte
De um povo revoltado, e que atraz d'ereo escudo
Busca apanhar teu golpe audaz, teu bote rudo?
Serpe, não ha ninguém que se erga, e ouse esmagar-te?

Brio, e honra, e fortuna, e vida affronta o crime!
Rôta a espada em uma mão, n'outra põem-te a balança,
Arrancando o fiel, deusa grande e sublime.

Uma concha e outra concha agora anda e balança,
Conforme o movimento adrede, que lhe imprime
A ignorancia, a paixão, o odio, o orgulho, a vingança...

C A I M

A lagrima protesta, o sangue em coalhos grita...
Não... não irás assim em triumphal parada:
Passarás entre nós como um ladrão de estrada,
Será teu Pantheon ridicula guarita.

A traição, toda em luz de auréola bemdita,
Chorará de vergonha ao vêr-te, horrorizada:
E a baixeza, e a perfidia, e a infamia interrogada
Contra ti dirá só um nome: — Israelita...

Pensas que has-de mentir á historia, miserando?
Quem ainda a enganou? como a enganou? e quando?
Crês tambem illudir a morte, e não ter fim?

O silencio tem voz, milhões de olhos a treva...
E a teu pae ser Adão, e a tua mãe ser Eva,
O teu nome, assassino, o teu nome é Caim...

AO PASSAR

Eil-a ahi vae de rasto a esqualida carcassa,
Que o olhar da multidão colerica apedreja:
Cahindo ao chão, trahido em ultima peleja,
Tudo em sangue deixou, fez de tudo a desgraça.

Ergamol-o, é dever, bem alto, em larga praça...
Alto, que o mundo inteiro o reconheça e veja.
Quer-se a estatua de bronze, em bronze eterno seja,
E o maldiga sem dó, quem vem, quem vae, quem passa.

Do meu odio profundo á noite um astro arranco,
Para sempre ter luz, e pôr num clarão branco
No horror daquelle crime o horror de um crime novo.

Olhae-o bem, fixae-o em vosso pensamento:
E' mortalha mais vil, maior que o esquecimento,
A mortalha em que o cose o anathema de um povo...

A GRANDE LEI

Æquam...
Servare mentem...

Horacio — Odes

Não será a humildade uma doutrina
Van, que ensinaste ha dois mil annos, Christo?
Desde então o que viste, o que hemos visto,
Depois que a disse a tua voz divina?

Hei de deixar a lamina assassina
Cravar-me o peito? Posso, e não resisto?
Deixaste a cruz erguer-se, e a cruz domina:
Perdoar e esquecer: — a vida é isto?

Não sei eu. — Mas sem odio, e sem cobiça,
O ideal do bem levanta-me e sorri-me:
E d'alto haurindo de amphora inteiriça

Sorvos de luz do teu Amor Sublime,
Na calma fria e heroica da justiça,
Eu condemno o perverso ao proprio crime.

P E R D Ã O

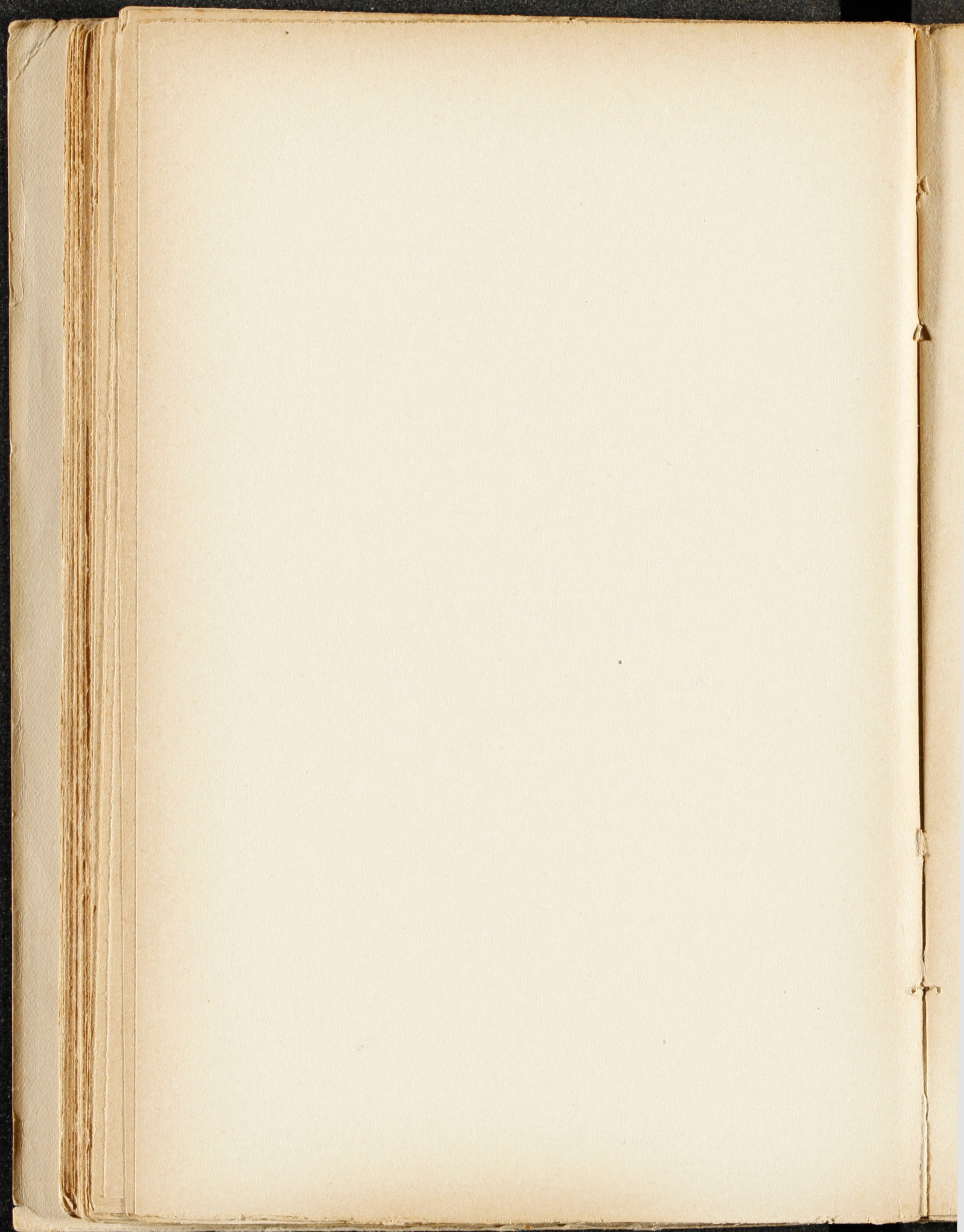
Quando das nuvens do meu odio ensaio,
Jove um dia, a faisca que fulmina,
E ás mãos juntando raio sobre raio,
Agarrado de um astro em fogo á crina,

Um pouco desço da mansão divina,
E no vil com crotaes ardentes caio,
Eu digo ás chammas, que soltei: — Deixae-o:
E o meu perdão a colera domina;

E a harpa doce de Hesiodo sobraço,
E os deuses canto, irmãos do poeta, e a ode
Feita de luz e amor, dando alma ao espaço,

Todo meu coração, que é bom, sacode:
Ha, nesse instante, um leito em flôr que faço,
E ahi, sem sustos, dormir o crime pode...

DOMESTICAS



TO LOOK UP

Viver, é ter soffrido só: convenho:
Ou de Procusto a dôr haurir no leito,
Ou ir subindo ao Golgotha, suspeito
De um crime, — a vida, ao hombro o ignobil lenho.

Pouco espaço occupei na terra, e tenho
Intacto o orgulho disso: com effeito,
Conservo puro dentro do meu peito
Ter sido o bem o meu maior empenho.

Superior ao destino, acaso, ou sorte,
Que a folha sêcca por azues espalma,
Meu tamanho ha-de só medil-o a morte.

Guardo entretanto um'ampla e funda calma,
Sem que a calunnia, e a inveja, e o odio me importe,
Todos tendo a estatura de su'alma...

LUIZ DELFINO

S A U D A D E

Ao Desterro

Ilha gentil do Sul, filha mysteriosa
De uma verde Amphitrite e voluptuoso poeta,
Que ampla saudade morde aqui minha alma inquieta.
Terra, em que o sol á frente abre como uma rosa.

Dera-me um deus beijal-a, — assim como a queixosa
Onda, em que anda a estuar uma paixão secreta,
A oscula e agarra, e põe-lhe em curva graciosa
O anel d'ouro e esmeralda ao cinto, que a completa.

Mãe, trouxeste ao nascer os hombros nus de Venus,
E a concha onde só cabem teus dois pés pequenos;
Quando teu filho, em longo exilio abandonado,

Deusa, ninguém lembrar que foi teu filho, ainda
Terás dos Immortaes a juventude infinda,
E o vasto amor do Oceano hirto, e jamais saciado...

UBI NATUS SUM

Na rua Augusta, em Santa Catharina,
A cama em cima duns pranchões de pinho,
Ahi nasci, foi ahi o humilde ninho
De uma creatura morbida e franzina.

Nos fundos de uma loja pequenina,
O lençol branco a arder na luz do linho,
Da minha mãe, da minha mãe divina
Tive o primeiro tepido carinho.

Meu pae foi sempre a honra em forma humana,
Tinha a virtude mascula e romana,
Não era austero só, era feroz.

Trabalhava incessante, noite e dia,
Como um leão seu antro defendia,
E era uma pomba para todos nós...

SOB A MANTILHA

A Oscar Rozas

Uma senhora firme, alta, delgada,
Sob as dobras da sarja da mantilha,
Nas modas de Stambul ou de Sevilha,
Ia a igreja ouvir missa á madrugada.

Com todo o encanto que me dava, brilha
Mesmo nesta hora a seductora fada:
Não tinha este paiz mais doce filha,
Nem nosso céu estrella mais doirada.

Era uma santa, oh! era uma rainha!
Deixando o altar o padre com voz lenta
A saudava, ao sahir, dobrando a espinha.

Pois era minha avó com os seus noventa...
E inda hoje vejo a esplendida velhinha
Na auréola que tão bem a um justo assenta...

VELHICE VERDEJANTE

Noventa e tantos annos ella tinha,
Sem ter as nuvens dessa grande idade:
Guardára a fôrça, a chamma, a mocidade
D'alma, que tanta gente perde asinha.

Viveu na paz da perola marinha,
Que ouve de longe o grito á tempestade,
E foi da extensa vida á eternidade
Como quem para um certo fim caminha.

Por ser magra, mais alta parecia;
Era como uma setta na estatura:
— Flexivel, gracil, longa, recta, esguia.

Fôra, em moça, de esplendida brancura;
E o aureo casco da trança, que a cobria,
Levou comsigo intacto á sepultura.

AS MÃOS DE MINHA AVÓ

Como manhã doirada e côr de rosa,
Que as asas cortam de uma pomba mansa,
Da minha avó trinava a mão rugosa
Nos meus loiros cabellos de creança.

A sua pelle fôra setinosa,
Com reflexos que o sangue á neve lança;
Passou com os annos por total mudança,
Sem comtudo deixar de ser mimosa.

A fina palma o tempo avermelhára,
E o dorso, que riscavam grossas veias,
Tinha o tremor de um passaro que pára.

E eu me dizia: — As suas mãos são feias,
Mas... quando as abre, abre-me uns céos, que enluára
A meiga luz de duas luas cheias.

A T H E R E Z A

Thereza! e este sagrado nome é um grito
Que a alma toda atravessa, e o pensamento,
E o oceano em lucta, e a vaga atraz do vento,
E a sombra vasta e longa do infinito;

Tudo enche. — Ergo-lhe um templo de granito,
Um pantheon eterno, um monumento,
Que eu só vejo ir subindo, e acabo, e attento
A mole abraço, e o olhar na escrava fito.

E' della. — Luz-me em resplendor de Santa:
Viu-me nascer, e amou-me de maneira
Que em mim creou o amor, que o amor levanta;

Della a saudade, em minha vida inteira,
Como um'arvore accesa em ninhos, canta,
E, como um valle aberto em flôres, cheira.

enluára

O P A C A

Eu era inda creança e era já velho o gato:
Amava o sol; dormia um longo dia inteiro;
Tinha na luz, que entrava, assim como um regato
Pelas portas a dentro, aureo e bom travesseiro.

Já não corria mais ao saboroso prato
Com o miar doce e agudo e o salto prazenteiro;
Já não vinha enroscar o pello ao nosso fato;
Já não pulava ao armario ao alvorear de um bom cheiro.

Porém quando o meu pae, com sua voz austera,
Bradava: — O' Paca... então ouvia-se um trinado
Alegre, forte, extenso, amplo, a trepar na esphera,

E elle engulia o espaço, ardente, o collo alçado,
E o viamos passar, em plena primavera,
Pelo fundo de um grito, enorme e transformado...

O CANARIO DO ANTONIO

Eramos tres então e o crioulo: este devia
Sêr mais velho que nós, mas, como nós, viera,
Donde nos vem flôr, ninho, espaço, primavera,
E o azul... o grande, o vasto azul que nos cobria.

Tinha um canario o escravo, um canario que enchia
De luz sonora e ondeante a nossa casa austera:
E ao entornar a manhã oiro e mais oiro á esphera,
Fazia rir o céu, rir o sol, tudo ria.

Um dia o pobre Antonio, o corpo rijo e duro,
Ficou na cama, e ao prego a gaiola no muro:
Mas emquanto um cantava, o outro, o dono, morria...

Por um barquinho novo, alto, esbelto, attrahido,
Deixei ir, ebrio e imbelle, o passaro querido...
E assim... foram-se os dois, e a primeira alegria.

O JOSÉ DA SUMACA

O José da Sumaca era um preto, um crioulo,
Que, como nós, nascêra em Santa Catharina,
Soffreu a infancia, haurindo-a golo a golo:
Talhára um deus su'alma em rocha crystallina.

Como egrejinha azul em moital de collina
Pintou de céu seu barco, e em aguas verdes foi pôl-o;
Dahi essa criação graciosa e feminina
Foi-lhe vida, afflicção, familia, amor, consolo.

Furioso um dia o sul soprou de tal maneira
Que espetou-se o barquinho ás pontas do rochedo;
Soube-se, e tudo veiu á praia de carreira.

O dia todo, a noite até de manhã cedo.
Contra as ondas luctou-se; e assim que elle as vencêra,
Abriu um grande vôo branco ao vento tredo.

O CARDEAL

Tinha no olhar sinistro uma ferocidade,
Quando á noite o acordava inopinadamente,
Que eu pensava no olhar de um Deus onnipotente
Com astros golpeando os titans, sem piedade...

Mas ao reconhecer-me era logo ebriedade,
Parecia falar, saltava de contente:
A gaiola deixou um dia, de repente,
Faminto por azues, por soes, por liberdade.

Quem o soltou? Ninguém. Eu o amava, e perdi-o.
Isto no coração tambem faz um vazio!...
E era o meu cardeal a flôr dos cardeaes...

Busquei por tudo em vão o passaro errabundo...
Que pedaço de céu, que pedaço de mundo
O tem, não sei: e como o saberei jamais?!...

NAVIO EM PERIGO

Sahimos do collegio á tarde. O sol cahia
Entre esqueletos d'oiro e corpos de guerreiros,
Por atrios, penetraes, e os fumos derradeiros
De um incendio, que em tórno o vasto céo enchia.

E um corvo negro alli de subito surgia,
E ia apagando o fogo e os colossaes braseiros,
Num bater d'asas surdo e lento de pampeiros:
Dellas a sombra dura as serras envolvia.

Nós, creanças em bando, umas timidas corças,
Queriamos medir no mar as nossas fôrças;
Mas em frente ao tufão de pé o mar bravio

Vaga e vaga arrojava em cima da procella;
Quando vimos, a rir, — sem rumo, e leme, e vela,
Gemer, no fundo, ao longe, a sombra de um navio...

A PEDRA ASSOMBRADA

A Virgilio Varzea

Mar implacavelmente azul e amarrotado
Soluçava e sorria a um tempo ermo e baixinho;
E a praia, como um leito enorme de noivado,
Ia por alli fora, entre rendas de linho.

Aroeiras em flôr, ou vergando ao encarnado
Corymbo dos seus grãos, acima, em desalinho,
Cerravam-se em mattal de passaros coalhado;
Caracolava ao lado a fita do caminho.

As gaivotas, em bando, e duas ou tres lanchas
Arremendavam longe a luz com grandes manchas;
Sobre o mar, sobre a praia, e sobre a matta, e a estrada.

Atravancando-a com seu bojo de granito,
Com seu olhar sinistro, em tórno, e em tudo fito,
Rosnava o horror de um monstro:—Era a Pedra Assombrada!...

OS DIABRETES DE D. ANNA

Temporis et prisca facta referre senem...

Tibullo — Elegia

Quem não teve entre os seus uma velha africana,
Que embala o berço, e canta, e acarinha, e vigia?
Que com historias, que valem perolas, grana
Chimeras d'oiro, e as lança em nossa phantasia?

A nossa tinha atraz do morro uma cabana,
Vegetando agarrada á bronca penedia;
Junto della o moital, no moital a alegria
De uma agua que cantava ao ver chegar D. Anna.

Dizia a agua a saltar: — a D. Anna já veiu!...
E á meia noite a velha, o rosario no seio,
Feito o signal da cruz, ia á ponte espiar.

Riam-lhe d'agua então grupos de diabretes,
Davam pulos no ar, jogavam-lhe os barretes...
Lindos!... feitos de prata, em nescas do luar!

A BENEDICTA E A GEORGINA

Bem dita sejas tu, mulher escrava,
Bem dita sejas tu, bem dita sejas,
Mais santa do que a santa das egrejas,
Em que o olhar indifferente a turba crava.

Alma feita de lyrios, fogo, e lava,
Ha Edens onde quer que vás e estejas;
Em cada beijo um rouxinol cantava,
E inda hoje canta ao crer que inda hoje a beijas.

Só teu heroismo pôde-me salvar-a:
Que berço a voz que busca adormecel-a!
Que ninho a mão de onix que ao berço a embala.

E ha uma estrella que sorri, estrella,
Que, enquanto ella de ti me encanta e fala,
Parece-me ser tu a ouvil-a e a vêl-a.

O ACOMPANHAMENTO

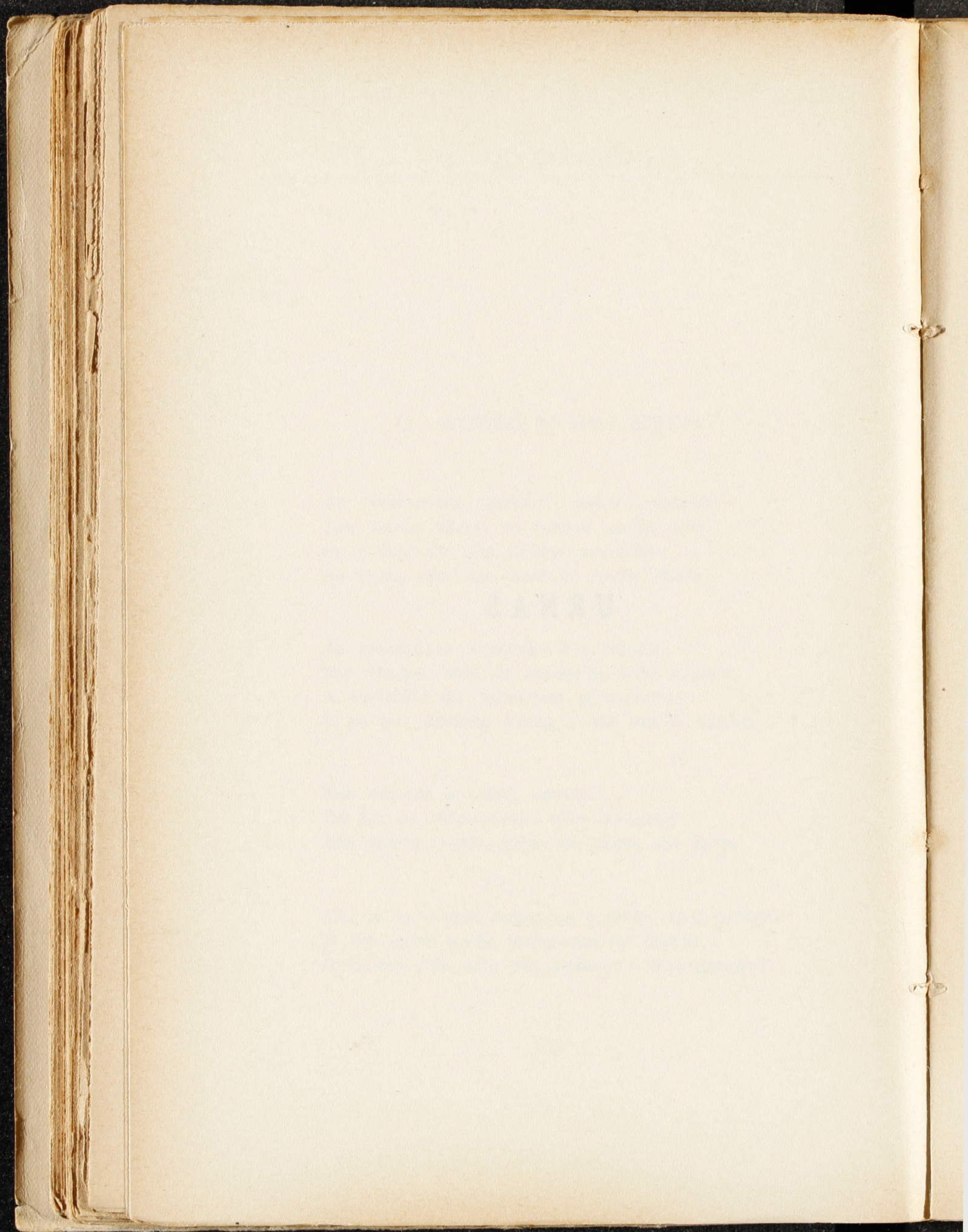
Ao levarem-me emfim... pelos caminhos
Das cercas hão-de os rostos ter de fora
Os lyrios, côr dos lividos arminhos,
As rosas, côr das faces de quem chora.

As cabecinhas erguerão dos ninhos,
Por vêr-me, inda de longe, ir indo embora,
A multidão de implumes passarinhos,
E os que enchem d'asas e dão voz á aurora.

Em luxuoso e rutilo cortejo,
Da luz os raios d'ouro irão lançando
Em minha frente, ermo acroterio, um beijo.

Hão-de as cousas deitar-me o olhar mais brando,
E em todos ha-de haver um só desejo:
Ouvir-me inda uma vez cantar: — Mas quando?!...

URNAS



ALEGRE DEPOIS DE MORTA

Um dia ouvi-lhe a voz chorar... Não tome
O caso alguém por uma van chimera:
Em cada som a lagrima sincera,
E em cada phrase um pranto... Isso espantou-me.

Ella até alli não fôra assim... não era...
E ha dôr que esta mulher ativa dome?
Mostral-a a dedo aos seculos quizera,
Mas por piedade guardarei seu nome.

Que houve então?... Menos triste agora a vejo.
Vestes de virgem, quasi a rir-se ainda:
Tem parco, mas tristissimo cortejo.

Na face, que assim mesmo em morta é linda,
Leva fundo os signaes de um beijo... o beijo
Largo da bocca azul da noite infinda...

O E N T E R R O

O caixão era lindo e pequenino,
Forrado de setim branco por fora:
Sobre setim azul dormia a aurora
Dentro na forma esbelta de um menino.

Como festivo altar, que se decora,
Tinha o berço galões d'oiro o mais fino:
Que somno fundo o pobre ser franzino
Ia nelle a dormir, dormindo agora.

Quatro meninas lividas de susto,
Segurando as argolas amarellas,
Vão-no levando á passo lento, e a custo.

Sob o véo branco e as rosas das capellas,
Acham que é tudo aquillo iniquo e injusto,
Podendo ir, depois delle, alguma dellas.

P A Q U I T A

Esta, que ahi vês, de face desmaiada,
Que inda está quente, que morreu agora,
Por quem a pobre mãe soluça e chora
E chora o pae, e que inda está deitada

Na mesma cama, em que soffreu, coitada!
A febre grande, a febre, que devora,
E vae sahir por essa porta a fóra,
De anjo, como foi sempre, amortalhada;

Tinha no olhar profundo uma infinita
Recordação do céo, a que voltava:
Foi sempre meiga, como foi bonita...

Hontem ria... eu a vi, quando chegava...
O doce nome della era Pequita...
E a casa toda, em lagrimas, gritava...

A FILHA MORTA

Lembro-me della, quando então vivia:
Era suave e meigamente bella;
Santa em um nimbo, ao vê-la na janella,
De pé, dentro de um nicho, á luz do dia.

Pouco depois, meu Deus, quem o diria?
Inda estava formosa, inda era ella,
Mas fria já, já palida a donzella,
Lyrio morto, que em lagrimas floria...

Virgem de Sanzio, immaculada filha
De um sonho d'oiro e da visão mais pura,
Quem, ante a imagem della, não se humilha?

Foi uma estatua de esplendente alvura,
Feita só para um tumulto, em que brilha,
Immovel, doce, em placida postura...

VOLTA AO PAIZ AZUL

A' mãe

Fugiu? — Espera: vamos vêr. — Supporta
A dôr: socega... — Mas por onde iria?
Quem, para o firmamento, abriu-lhe a porta?
Quem foi? quem é? — Quem, pobre mãe, seria?

Tão branca estava!... mas não 'stava morta...
E quando inda cantava, e quando ria,
Subita mão dos laços d'ouro a corta;
Foge... e a estrella subiu... subiu... subia...

Como está longe!... — Agora tu que esperas?
Nossas leivas são curtas e maninhas:
E que rosaes tem ella nas esferas!...

O! mãe, andam os soes e as andorinhas
Atraz de azues e atraz de primaveras,
E o eterno azul em flôr no lar não tinhas...

TAL ESTÁ MORTA...

Abriu a bocca, e a rubida golfada,
Que do seu peito exausto então rompia,
Desmanchava-se em rosas da alvorada
De um sol côr do lençol, que a cobriria.

Ophelia afflicta sob a vaga fria,
Quebrando a nota da canção cantada;
Desdemona no leito, amante e amada,
Idas? por que? tão de repente um dia...

Dante e Beatriz, Romeo e Julieta,
Laura e Petrarca, Sanzio e Fornarina,
A cohorte no céu, do amor eleita,

Guardam-na ás portas da mansão divina,
Emquanto um anjo as asas brancas deita
De m^ãso ao rosto, que ella ao collo inclina.

ESTEMMA DE LYRIOS

Na morte de F. G.

Subia esbelta, assim como a palmeira:
Parou na gloria de uma vida intensa,
Como quem pára de repente, e pensa,
E volta atraz, e busca o que esquecêra...

Era o céu que deixára á cabeceira,
Onde dormiu com ella a fé e a crença:
Bella mulher, que nella abria, a doença
Fel-a sustar na esplendida carreira.

Foi um sorriso o ultimo transporte,
Fim do rumor dos ultimos delirios:
Só tremeu para dar mais calma ao forte;

E á luz velada dos trementes cirios
Luziu-lhe á frente a pallidez da morte.
Como se fosse um circulo de lyrios...

E P I C E D I O

A' M.

Santificou-te a tua vida inteira
Co'uma lagrima doce e crystallina:
Sinto que a tua sepultura cheira
A quanto vem dessa mulher divina.

Deu-te tudo na hora derradeira,
O que alma pede, quer, busca, imagina:
O perfume das rosas da balseira,
Regadas pela mão que nos fascina.

Ai! invejei-te! — E que fazer? se é bello
Saber que os duros golpes do martello,
Dados sobre o caixão que o morto encerra,

Não enchem só dos echos seus a cova,
E que a vida nos fica, e se renova
Na magua dos que amámos sobre a terra!

AUSENCIA PROLONGADA

Na morte de Arthur de Barros

Como não vem? Por que? — Já tarda tanto!...
Olhem que é elle, vem subindo agora:
Não é? não foi? — Mas que fatal demora!
Emfim isto me faz encher de espanto!...

'Stá ahi na rua, ou volta aquelle canto...
Disse: até logo, quando foi-se embora:
E elle chegava, como chega a aurora,
Trazendo luz nas dobras do seu manto.

Não vem? Mas deve vir. — Era á noitinha,
Que, pela escada acima a rir, me vinha
Falar de Comte, ou conversar de Homero...

Cortar-lhe a vida? Quem tal vida corta?
Vão vê-lo já; vae já bater-me á porta?
Elle vem sempre e como sempre o espero...

MANOEL MONTES DE OCA

Teu pae chegou ás regiões serenas
Do ninho, onde nasci, ao sul; e vinhas
Com elle, e mãe, e irmãos, como andorinhas
Fugindo ao inverno, e sacudindo as pennas.

Acaso um pouco te entendia as penas,
A dôr da patria, que perdido tinhas:
Voltando ás terras do teu berço, as minhas,
Ai! só para morrer, deixaste apenas.

Naufrago tu, creança, e já destroço
Do ideal, pelo qual hoje inda ardo e lucto,
Tinhámos n'alma espumas de mar grosso;

Inda, vestido o coração de lucto,
Tua voz d'oiro, a alfaiar azues, eu ouço,
E o riso, um soar de perolas, escuto...

D. MARIANNO MORENO

Oh! mestre, embalde a tua voz procuro;
Embalde busco o nome teu, e creio
Que nos annaes do teu paiz o leio,
Victima branca e heroica do futuro.

Quando da patria tu voltaste ao seio,
Todo horizonte, que deixaste escuro,
Tinha os vastos clarões do sol mais puro,
Para viver não já num canto alheio.

Tua alma andava em frente aberta e larga,
Onde passava muita vaga amarga,
E a dôr do exilio a eterna queixa esconde.

Onde repousas tu, mais calmo agora,
Tu, que encheste de luz a minha aurora,
E has-de dormir... deves dormir... Mas onde?!...

O DOUTOR AGUERO

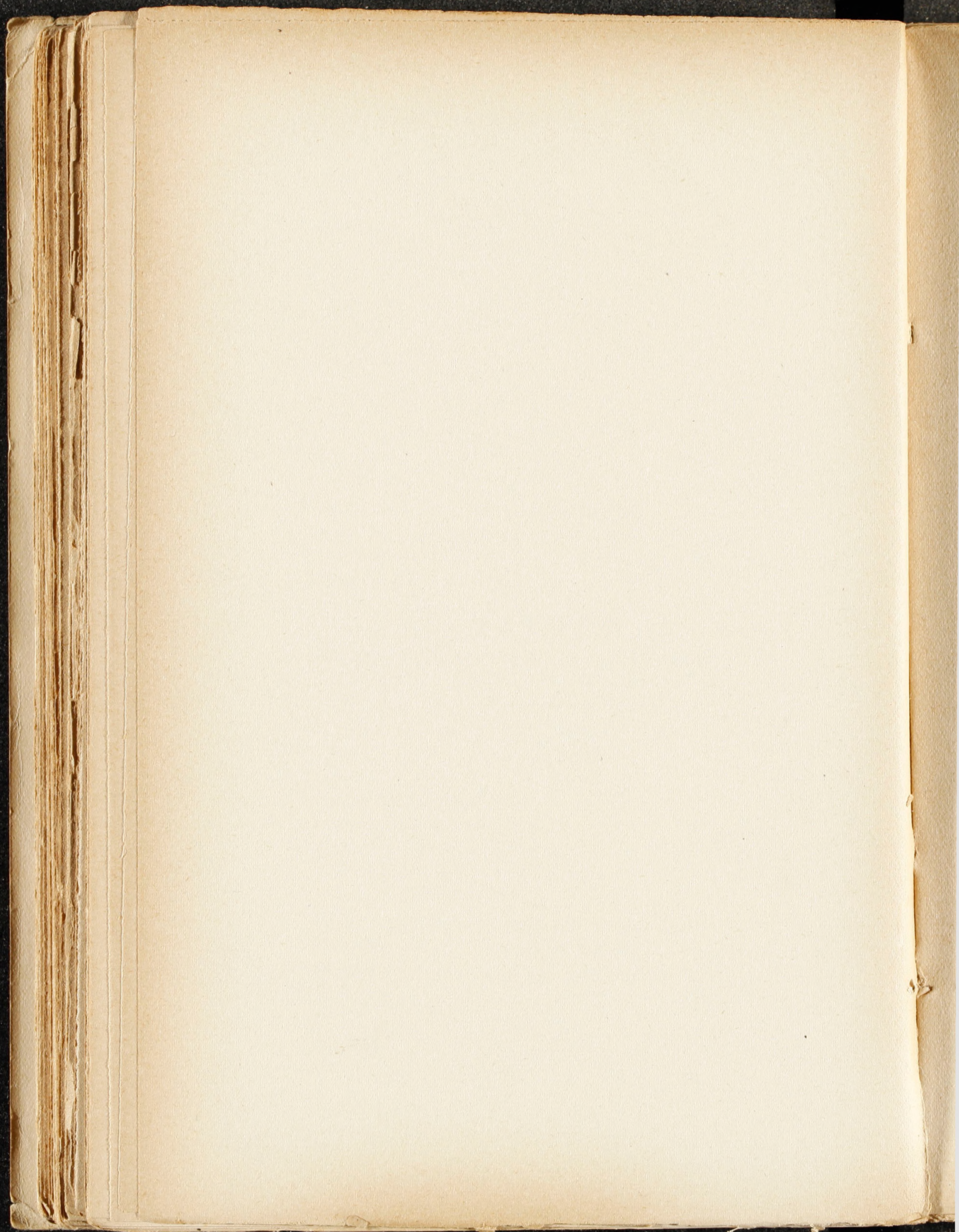
Cantava o oceano assim, batendo a penha,
Rendilhando de espuma a praia immensa,
Emquanto a luz pela amplidão desenha
O céu, que ri, o viso nu, que pensa.

E o velho padre, a mão na espessa grenha,
Embalado á mercê de funda crença,
Doirava a sorte esperrima e ferrenha,
A alma á alegria bôa e san propensa.

Tal o buzio conserva a voz, que outrora
Ouviu nascendo ao mar em calma, e em sanha,
Guardou da patria a voz, que ouviu lá fora.

Como a bondade a infancia enleia e ganha,
Que entendiamos sempre o mestre, embora
Num rouco tom, e numa lingua extranha...

SANGUINEAS



CABEÇA DECEPADA

Vi sobre o monte sangue, ao longe, á madrugada,
E começava o sangue a encher o espaço agora:
Crê-se em nuvens limpar alguém o sangue á espada
Com que tinham talvez decapitado a aurora.

Quem canta pelo valle, e pelo céu quem chora?
Ha sangue em baixo, em cima; a relva está molhada;
Anda o sangue a escorrer mais e mais d'hora em hora;
Que nympha em oiro e luz desceu amortalhada?

E enquanto indago, vejo enrubescendo a crista
Da serra, como se um Valdès, se um grande artista
Lançasse á tela um craneo ainda palpitante,

O sol cahir, rolar, como cabeça morta
De um deus vencido, que jogasse um deus triumphante
Pelo vão da archivolta amplissima da porta...

I

... et vis inimica propinquat.

Virgilio — Eneida

Um murmurinho livido e tristonho,
Olha que cresce, engrossa, echôa... Acorda:
Chega uma nuvem do teu lago á borda,
Pode nelle cuspir tufão medonho.

Antes que finde o teu formoso sonho,
Antes que a lyra, em que o luar transborda
Do hýmno azul de tu'alma, a extrema corda
Rompa, — foge: inda aos pés teu céu supponho.

Quebrado o encanto á limpida lagoa,
Que tem sido de soes eterna senda,
Sae: a espuma inda é branca: ala-te, — vôa.

Emquanto a alvura tua o pó não tise,
Emquanto o abysmo as asas te não prenda;
Abre-as, é tempo de partir: vae, Cysne...

A VELHA SERPENTE

E' quasi louca; e sabe que a loucura
Ella transmite facilmente, quando
Ri de um rir quente, carinhoso, brando,
Que lhe illumina toda a formosura.

O mal que dá, o mal que ella não cura,
Embrulha-o um cheiro perfido e execrando,
E vive, creança, o mundo intoxicando,
Como a velha serpente da escriptura.

Não ha nada que a abale, a mova, e a excite:
Pode tyrannizar os seus tyrannos;
Cria, e não mata o anseio do appetite;

E inda lança dos olhos soberanos,
Olhos de invicta Venus-Aphrodite,
Todo sal que amargura os dois oceanos.

VAN TENTATIVA

Com que chave eu abri aquella pedra fria
De um morto coração? Onde a achei? Foi preciso
Ter perdido a razão, ter perdido o juizo,
Ir ao fundo do mar, e encontral-a? — Seria?

Foi, como foi. — Passae, vós, que a quereis. — Um dia
Ella acabou meu sonho, e continuou meu riso,
Deu mais oiro ao azul, pouco ao meu paraíso;
Sua alegria fez cantar minha alegria...

Fôra empresa infeliz se agora alguém tentasse
Limpar o echo dos meus labios na sua face...
Quereis luctar? Descei, deuses; vinde: eu desejo.

Mas sabei que embrulhado inda em tufões o oceano,
Passando e repassando anno e anno após anno,
Não lhe lava um signal, que poz nella o meu beijo...

UM GRÃO DE AREIA

O grão de areia, que entre nós medeia,
E' mais fundo que o mar, que se não mede:
Tenho a bocca de phrases d'oiro cheia
E a bocca vae falar... fala e não pede.

Quem ousa então cortar esta cadeia?
A' fôrça humana esta cadeia excede?
Que abysmo encerra em si, cavado adrede,
Fundo... tão fundo assim, um grão de areia?

E quantos sonhos amorosos sonho,
Para arrasar este vazio! — Forme
O mundo ideaes deste penar medonho...

Que leão, sem dormir, lá dentro dorme,
Que com mundos e soes, que dentro ponho,
Não encho o pequenino abysmo enorme?!...

PERGUNTA SEM RESPOSTA

Queo acaso apanhar teu segredo: o que resta
Dentro em teu coração, é verdadeiro ou mente?
Anda um vago perfume em ti perennemente,
Como em casa em que houvesse ou inda ha de haver festa.

Ha um voz, que trina em nós, que de repente
Pode ouvir-se cá fóra... Arreda-te da testa,
O' floresta de trança, ó oiro da floresta,
Deixa Ophelia cantar em cima da corrente...

Na corrente de luz, que em tua fronte eu acho,
Alma, Ophelia em delirio, ó visão branca e pura,
Como no mar se busca um morto á luz de um facho,

Para ao menos ter elle em terra sepultura,
Alma,, Ophelia gentil, alma da formosura,
Dize se ella me illude, antes d'ir agua abaixo?...

FEBRE

Quando a vejo passar, taça limpida e cheia,
Que nenhum labio humano até hoje tocou,
Sinto que febre intensa a minha alma incendeia,
E ardo por lh'a tomar, no delirio em que estou.

E ella passa por mim do meu mal tão alheia,
Sem saber da emoção que um louco atraz deixou;
E quero acommettel-a, e sinto uma cadeia,
Que em meu leito de angustia em voltas me cerrou.

Eu tenho fome, vem, fructo do paraiso;
Eu tenho sêde, em vão grito: formosa, vem;
Virá comtigo, eu juro, o perdido juizo.

Do cyatho, que o aroma impolluto contem,
Quero beber o céo, á sombra do teu riso,
E Eden novo e melhor ter eu nelle tambem!...

UM PEDAÇO DO INFERNO

Ouçõ dentro de mim soluçar um queixume,
Quando a cobra dos teus dois braços se me enlaça;
Soffro nella tua força, e a tua força é a graça,
Graça emfim que te eleva ás proporções de um nume.

O teu sorriso sae como o golpe do gume
De setta, que entra por alma a dentro e a espedaça;
Serei cinza, isto é, hei-de ser antes lume:
E que amarga ventura! e que feliz desgraça!...

Veu commigo como Euridice arrancada
Ao orco, e te deixou no abysmo despenhada,
Por noite escura e funda, um anjo mau qualquer,

...E atravessaste o céu... e emfim chegaste á terra
Com pedaços de fogo e lagrimas, que encerra
O inferno, e delle o que arde e queima em ti, mulher...

NACHGEFUHL

Oh! como eu te amei sempre!... Eu bem sabia
Que era meu coração tão nobre e rico,
Que este velar por ti de noite e dia
Dava o amor fraternal, que te dedico.

Unir-te mais a mim tentei. — Queria
Um outro amor, e tudo sacrifico;
Egualou teu desdem á cobardia:
Quiz um pouco de ti, sem nada fico.

Mas quando te sentires velha e gasta,
Vendo que para a vida o oiro não basta,
De mim te has-de lembrar, mas tarde então;

E talvez vás chorar-me, occulta, á porta,
Quando eu fôr indo, como folha morta,
Na torrente dos dias que se vão...

O S E G R E D O

Vem mais gorda do campo; e quem duvida?
Alta a cabeça, o olhar mais doce, o gesto
Carregando uma idéa, e a dôr diluida
Num abandono chão, gracioso e honesto.

Esta mulher mudou: é manifesto;
Outra veio, assim é, porém vencida;
Trouxe, dizem, não creio, e não contesto,
Comsigo e em si mais uma extranha vida.

Quem pode haver-lhe o intimo segredo?
Trahiu-a, ao vir do bosque, um grito agudo?
Ou cobre-a a sombra insolita de um medo,

Porque deu, que assistindo ao idyllio, — mudo,
Labrusco Pan de pedra, no arvoredado
Ria cynico e mau, ao vêr bem tudo...

ABYSMOS QUE SE INTERROGAM

Vaga após outra vaga; e o seu olhar as via,
Como uma seda azul, que o vento amarrotasse,
Ir indo longe, e ao largo, em torno á serrania;
E aquella nevoa toda andava-lhe na face.

Como um abysmo, que outro abysmo interrogasse,
Sempre que a um tufão novo o pelago rugia,
Via-lhe ao tumultuar, que morre, e que renasce,
Buscar a causa dessa inquietação sombria.

Noite arrastando um luar, como um amplo sudario
Errante além no oceano, acabava o scenario,
De que ella ia sahindo, ou parecia entrar.

Eu atraz, quasi ao pé, mais tristonho que serio,
Cria d'ambos — talvez —comprender o mysterio:
E o mysterio maior, não... não era o do mar.

O TRAÇO DE UNIÃO

Não é o mar, que occupa um vasto espaço,
Nem o intermino céu, que o sol habita,
E a aguia, que á garra o empolga, e o assalta, e o fita,
E, á volta, ás asas dorme de cansaço;

Não Deus, cujos mysterios não devasso,
Não é o odio, que queima, afasta, irrita,
Não o amor, que a união d'almas incita,
Mulher divina, o unico embaraço:

A vida é contra nós a arma mais forte;
O que me obriga a não beijar teu collo,
Nem talvez saibas, pallida consorte:

Olha, nós vamos, e hora e hora eu rolo
Para o ultimo leito; eu sei que a morte
Ha-de unir-nos então, e me consolo...

AS DUAS BOCCAS

Ri-te. — Na mocidade ha a illusão radiosa:
Freme-te ao flanco, deusa, essa primeira alvura
Da aurora augusta, que nasce e tão pouco dura:
Frue, creança: mulher, eis o sol, — canta e gosa.

Amanhã... vê, já chega a tarde, e inda é formosa:
Rompe a noite estrellada, inda azul, inda pura,
Emquanto desce ao rosto, e o envolve, e á estrepitosa
Torrente d'aurea trança, o luar que cae, fulgura.

A vida é esta sombra eterna e impertinente:
Ha quem ainda contra o mal da vida grite?
Vem uma abelha á flôr, e outra... e a flôr contente!...

Farta-te, velha fome: incha, infame appetite...
Se queres tu comtudo um beijo, que não mente,
Prende á bocca da cova a tua bocca... — Ri-te...

QUE É SER TRISTE ?...

Hoje tens joias de oriental princeza;
Sim! hoje toda adoração é pouca;
Ninguem te diz que a rosa da belleza
E' como a bolha lapidada e ouca.

E hão-de fugir-te todos de surpresa,
Depois de terem tua arqueada bocca
A' venenosa bocca delles presa,
Num só momento de vertigem louca.

Verás que o tempo em nós jamais tolera
Alegrias sem fim; e hão-de uma a uma,
Como andorinhas de odorosa esphera,

Fugir, logo que o inverno o ambiente esfuma;
E o que é ser triste saberás. — Espera,
Venus, que a onda inda embala e oscula a espuma...

A L O B A

E' o amor uma loba; — os soes devora;
Anda a estrugir com sua voz medonha
De noite á lua; e vela, e dorme, e sonha
Leitos de opala, como os tem a aurora!

A dôr terrível pelo olhar lhe chora
Ante a extensão indomita, enfadonha,
Onde a caça esplendente arfando mora,
Sem que numa sómente as garras ponha.

Olha inda o céu da gruta á borda, e um grito,
Em vez dos dentes, crava no infinito;
Crava um ultimo olhar furioso e louco.

O amor é assim; — a famulenta loba,
Que os soes, se pode, morde, apanha, rouba,
E enche os seios p'ra os dar, e inda acha pouco.

AS DUAS IRMÃS

(Depois de uma leitura)

Poisou na vida, como poisaria
Passaro a um galho preso a tronco inciso,
Ou como pomba mal segura a um friso,
Que o vento as pennas brancas arrepia.

Sempre estava a tossir, e em febre ardia:
Separal-a da irmã fez-se preciso;
Porêm esta, illudindo os paes, um dia
Foi pôr-lhe um beijo no logar do riso.

Accommodando com caricia e geito
Na cama a doente, que adormeça, exhorta,
Nos tenros braços seus chegando-a ao peito.

E quando abriram de manhã a porta,
E a alcova entrando, foram vê-la ao leito,
Uma dormia e outra... estava morta...

A CATASTROPHE

E' Ella, sim! é Ella!... mas despida
Do feérico encanto, que a envolvia;
Sem essa mysteriosa luz do dia,
Em que andou sempre, ou cri andar, vestida.

Ella, sim! na penumbra d'outra vida,
Numa madida nevoa doentia:
N'outro tempo invejava-lhe a alegria
O rir, no proprio rir ao ser vencida.

Caudava-a em festa um triumphal alv'roço...
Beijava-a o azul do céu em redemoinho!
Do hymno a rasto aos seus pés já sons não ouço...

Vesgo Silencio entrava-lhe o Caminho...
Não é assim que o furacão a um fosso
Lança o passaro, e o canto, e o tronco e o ninho?!...

C O P I A

O sol... o sol e o céu, e a revoada
Dos colibris cantando o ethereo canto...
(Abres os olhos com tão grande espanto?
Dize-me: delles não conheces nada?)

Vamos: o cedro, a fonte, a rendilhada
Mesquita, em cima a meia lua, o santo
Emir, a voz do muezzin lançada
Do minarete, o languido quebranto

Das almeias, jardins, sultões ferozes,
Emas, corceis, miragens, albornozes,
Tigres, leões, e a luz, que d'ouro os tinge...

Tenho d'Asia uma copia em ti sómente:
Tu és todo esse amplissimo Oriente...
Mesmo o deserto, e a ruina, e o vento... e a esphyngé!...

A ETERNA DUVIDA

Como tortura a gente o pensamento!
Como isto tudo infelizmente é feito!...
Ninguem se vê de todo satisfeito,
Nem tem completo o seu contentamento.

Quem nos perturba no melhor momento?
Tenho-a apertada, e bem, contra o meu peito:
E' minha: mas é minha com effeito?
Lança nuvens no céu mais puro o vento:

Mesmo a sombra do passaro, oh! desgraça,
Deixa sombras cahir sobre a corrente:
Ao festim Banquo vem sangrento, e passa.

Dôr... que dôr grande imaginar sómente
Que emquanto a beijo, e emquanto ella me enlaça,
Eva ri dentro em si, e ouve a serpente!...

M E N T I R A

Circe fala-me então com tal despejo,
Que eu bem sei que ella mente, eu sei, bem vejo...
Mas... que filtro lhe cae da voz subtil!...

Amor dá-me odio a tudo que ella toca;
Elle, que ás mãos me poz o fuso e a roca...
E olho-a de rastos, timido e imbecil!...

Mente? — Que importa? — O que é toda cadeia
Das banaes illusões, que a vida inteira
Volve em pegões e envolve prisioneira,
Pondo lá dentro o sol e o grão de areia?!...

E como é suave essa canção traioeira
Com que ella nos embala. ebria, enleia!...
Amar quem? Não ha ninguem que o creia:
E aos pés morrer-lhe, amando-a, ha quem não queira?...

COMO UM ESPIRITO

Batem?... Quem bate de mansinho á porta?
E' talvez um velhissimo tormento!
Por qualquer fiska pode entrar o vento,
E ouço que elle lá fora o espaço corta.

E é de leão ferido o seu lamento!...
Mas... a mim seu gemido, a mim que importa?
Batem comtudo, e perto do aposento:
Abro o meu quarto, e ella me surge... a morta!...

Como é formosa em seu falar ainda!
Palpo-a: como está fria!... a envolvo: indago,
Digo: — Deita-te aqui; — sê tu bemvinda. —

E' ella isto só!... um ser aereo e vago!
Quero aquecer-lhe o corpo, e a visão linda
Foge mais uma vez, emquanto a afago...

DEPRECAÇÃO DO ABYSMO

Eu, que á sombra vivi dos teus cabellos,
Eu, que sob os teus pés tenho vivido,
Eu não devo por ti morrer de zelos,
Nem o dizer, sentindo-me ferido.

Posso cair: tu me verás cahido,
Outras me hão-de os seus braços estendel-os;
Rindo ouvirás meu pranto, e o meu gemido,
Que alguns ouvidos só hão-de entendel-os.

Ao réo de morte resta-lhe a palavra,
Juiz algum sem o ouvir sentença lavra;
Numa habitual, feroz tranquillidade...

Sem me ouvir, me mataste, eu te asseguro...
Abysmo, abre-me o céu, que em ti procuro,
Tu tens, abysmo, um coração, piedade...

O B O M

As grandes seducções tentam-me? Em vão: resisto.
Não ha nada que veja, e me enleve, e contente,
Ou existencia calma, ou gloriosa e ardente,
E a historia triumphadora, o echo sonoro disto.

Forçado, a vida dentro em mim e fora assisto:
Ir, fôra bom, sem ter a alguém que nos lamente,
Sem amor, odio, inveja ir indo, ir indifferente;
Obrigado a passar, passar, porêem não visto.

Assim na fuga rompe aligero cavallo,
Que os quatro ferros perde um a um em caminho,
E a sombra, a propria sombra elle a obriga a deixal-o,

Tão de subito arrasa o chão, e em torvelinho
Tropa collinas, desce, e despenha-se ao vallo,
Ergue-se, e sobe, e chega, e morre, e cae... sósinho!

VIVER, ESQUECER

Viver, como Immortal no Olympo esplendoroso,
Sem tentar conhecer por um acerbo estudo
Como tem fim o abysmo, onde em cima andar ousou,
Grande, em larga ebriez, em vasto extasis mudo,

Impenetravel, sem saber que a vida illudo,
Nem que ha sombras no vale, a cuja paz me cosco,
Achar o riso, a flôr, o cheiro, e azues em tudo,
Em tudo ter o bello, e resumil-o em gôso:

Dos deuses eu quizera esta fôrça, esta graça;
O esquecimento só, o esquecimento apenas
Do minuto que vibra a Hora alegre que passa:

Sentir sem ter jamais murchas as açucenas;
Vêr metter, sem jamais azinhavrar-se a taça,
Nella as asas o amor, nella o beijo as antennas...

ESBOÇO DE PAIZAGEM

Relvosa a veiga; aqui, alli coberta
De agrestes moitas a florir, termina
Em pedras sôltas, como um caes em ruina,
Que a orla branca da areia enlaça e aperta.

Conchas rubras, que o mar ahi deixa; a fina
Alforreca, a alga verde enche a deserta
Praia, que a somnolenta vaga incerta
Babuja, enquanto se espreguiça e inclina

O dorso azul, e arfando arqueja e morre,
Ao longe o oceano, que se estende enorme,
Mette as unhas no céu, pondo-as de fora;

Arranca a luz, que á espadua inda lhe oscilla,
E uivando e abrindo a lugubre maxilla,
Aguia d'oiro ferida, o sol, devora.

A ALMA DAS COUSAS

A Osorio Duque Estrada.

O rio, a pedra, a sombra, a relva, o tronco, o arbusto
Pensam. Uiva, convulsa a selva, no arvoredado,
Quando, em trapos de noite embrulhado, um vetusto
Monstro de luz, num beijo, a fecunda em segredo.

Ha caras onde existe a contracção do medo;
Decapitado, e em pé. freme um torso robusto:
Choram, ahi pelo chão, cabeças de penedo...
Coxos deuses de rocha ao val descem a custo.

Vento mau, barbas côr d'oiro velho, arrebatada,
— Lichens de um seixo — a um monge esgrouviado e ossudo,
Que eternamente rosna uma injuria insensata...

Enche a colera a voz das cousas... Não me illudo:
Ouço a respiração asthmatica da matta...
Se Deus não desse a Dôr, dera acaso Alma a tudo?!...

CONVENTO DA BATALHA

(Em frente a um quadro)

Epopéa da pedra, hymno em marmore escripto,
Cada estrangeiro arranca um pouco do colosso;
Cospelhe á fronte o raio o luminoso grito,
Ladram-lhe aos pés a fome e as iras do molosso.

Encostado aos poiaes da escadaria, o moço
Camponio a frauta ensaia indifferente: — ao infinito,
— Aguias negras — em um phantastico alvoroço
Alam-se as torres sobre as asas de granito.

E aquella mole immensa, arcos, aterradoras
Pontes, e botareos, e zimborios, — luzernas
De columnas trepando, orchestras triumphadoras,

Cantos, que os carrilhões lhe arrancam das entranhas,
Que fluem valles além, — e além enchem montanhas,
Tudo ella dá na paz das construcções eternas...

CAPELLA SUBTERRANEA

Descida por degraus e disfarçadas rampas;
Vêm-se na crypta escura, em marmores de Paros,
Brazonados heroes, grandes duques preclaros,
Que andam rubros e são na gloria das estampas.

Presos ao tecto por anneis e curvas grampas,
Lampadarios de bronze e prata, inda mais caros
Pelo desenho ideal, lavor de artistas raros,
Mal bruxoleiam sobre a ampla lagea das campas.

No altar unico ao centro um lume triste e afflicto,
Em vascas lambe e morde a auréola de um santo:
Cae da abobada o peso enorme do granito;

Chora o mesmo silencio em tórno um mudo pranto;
E ouve-se acaso um plintho estremecer ao attrito
De um rei de pedra, austero, armado, em pé, a um **canto!**

AS TORRENTES

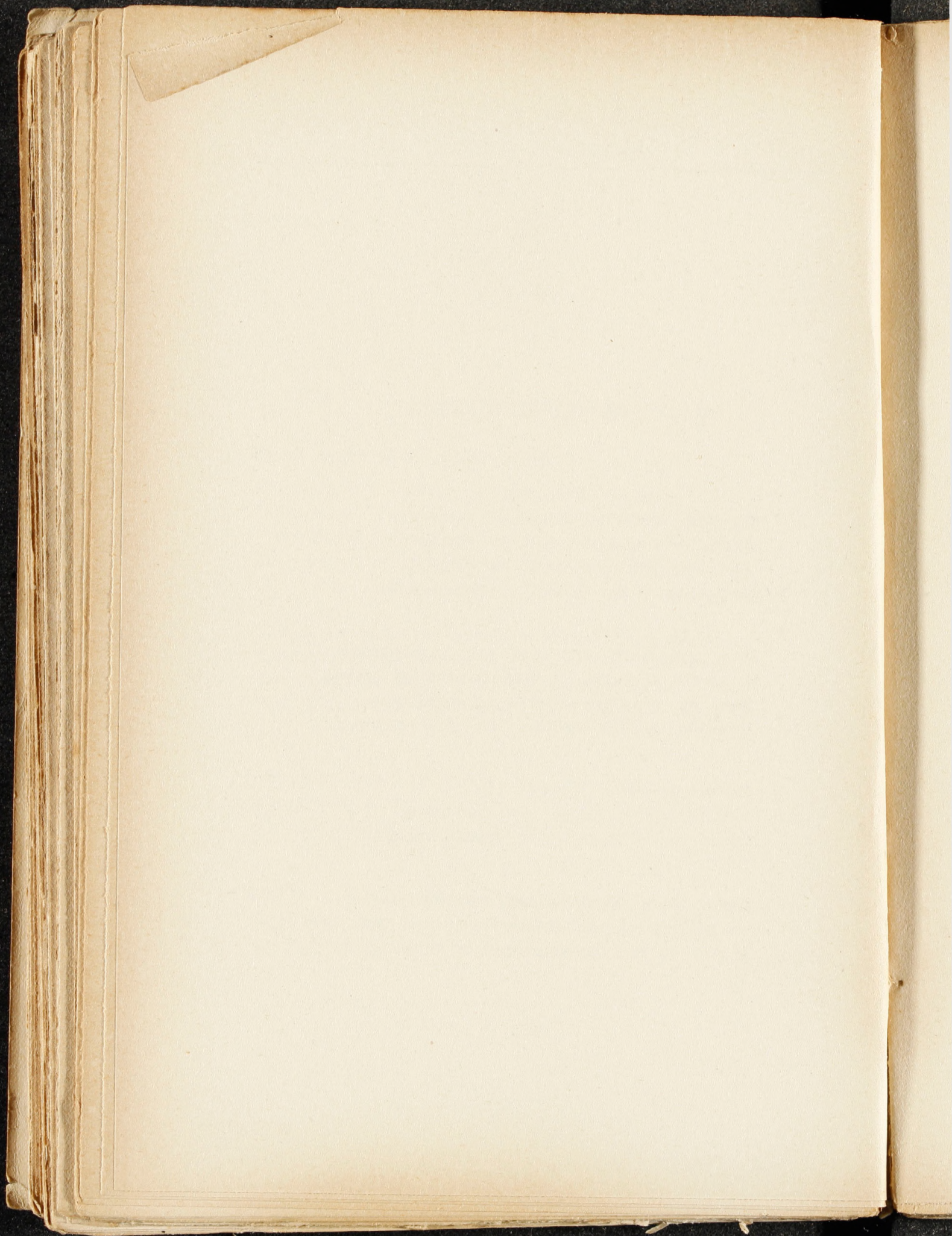
Ao Dr. Joaquim de Pausa Sousa

Penedias, Briareus á grandes traços
Feitos, e a golpes de cinzel gigante
Pelo escultor, que deixa nos espaços
Os pregos d'ouro quente e chammejante

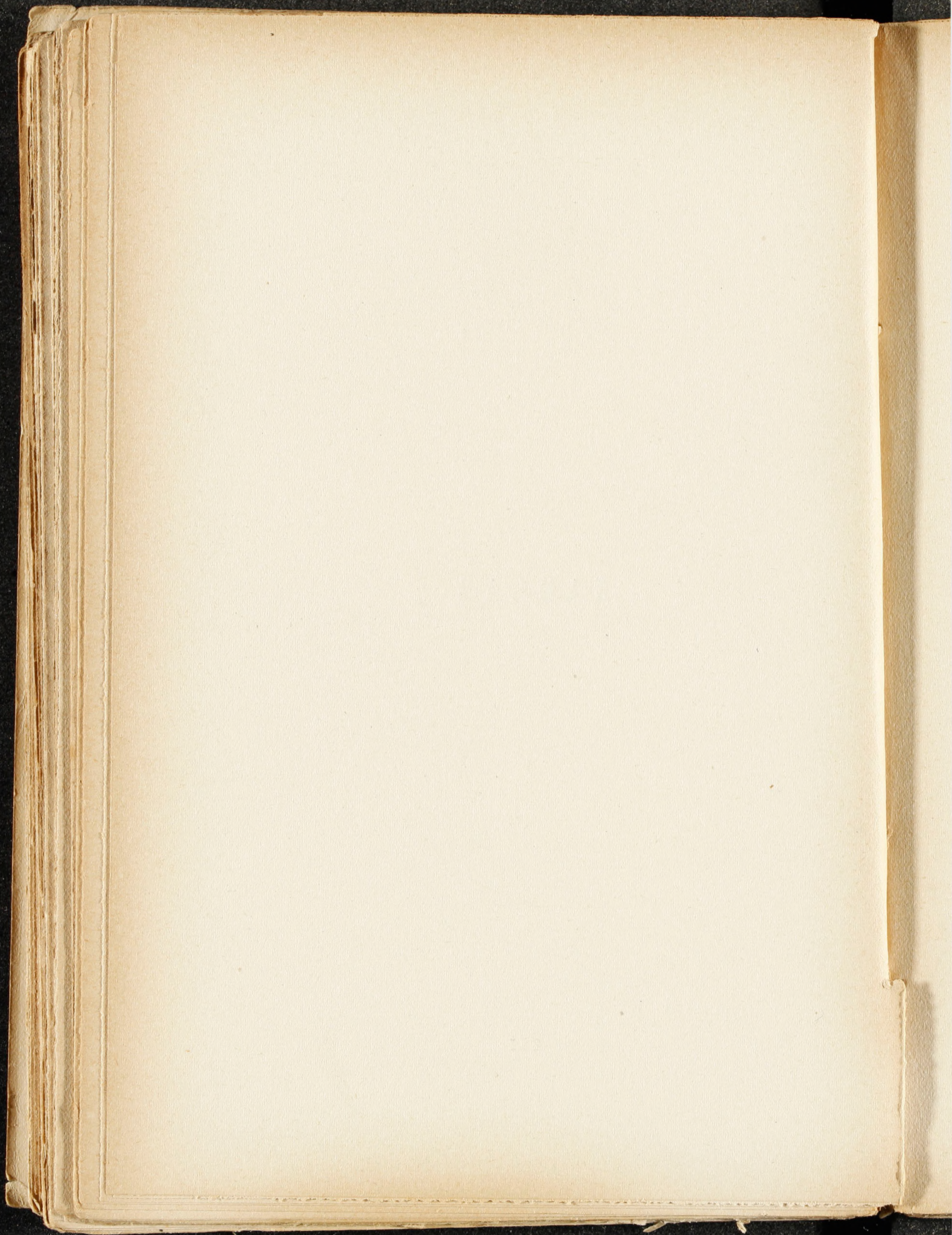
Das alpercatas, com que vae triumphante
Calcando, á noite, o azul a grandes passos,
Sem um signal de esforço no semblante,
Levando os soes debaixo dos seus braços...

De vossas rudes orbitas vazias,
Sob os surcos d'alvar e bronca testa,
Quem vos arranca as lagrimas sombrias?...

Quem vossa frente enruga, escalva, cresta?
— Eu, disse o sol, eu mordo as penedias;
— Eu as faço chorar, disse a floresta,



JAULAS



A A G U I A

A aguia negra, num vôo, de repente
Fura o céu, desprendida da montanha,
E parece levar em feixe ardente
Luz, que ás garras metallicas apanha.

Affronta o sol, provoca-o frente a frente,
Deixa as nuvens atraz, remonta em sanha...
E volta irada, triste, e lentamente,
Por vêr tão longe a luminosa aranha.

Liso, e em fogo o areal, como um espelho
Amplu, se estende ao seu olhar vermelho...
Vermelho, como a espuma dos vulcões:

Desce; e por desenfado ao bico enorme,
Emquanto um grupo de gazellas dorme,
Folga arrancando os olhos aos leões.

LEÃO PRISIONEIRO

Foi uma insidia: ella atirou-o ao ignavo,
Amargo exilio, ergastulo de arame;
Gritou-lhe embora: — Rei da fôrça, brame,
Darda-me os raios dos teus olhos, bravo.

Nada o exarceba; nada o irrita. — Exame
Cobarde soffre á juba, ao pello flavo;
Chumba-o a implacabilidade alvar do escravo,
Quieto, calmo, somnolento, infame...

Como um vencido estupido da sorte,
Encheu-se de mudez e de sigillo,
Que é outra morte, antes de vir a morte.

Desdenhoso, incolerico, tranquillo,
Guarda esse orgulho, purpura do forte,
Regio trapo que o envolve em tudo aquillo.

A A R A N H A

Quando na fina, complicada teia
A mosca prende as asas rutilantes,
E sente em cada pé uma cadeia,
Que ao céu lhe furta os vãos iriantes,

'Stringe... que quasi o ergastulo baqueia:
Tempesteia, relucta alguns instantes:
Porêm de longe a aranha escura e feia
Lhe alteia o muro, aos gritos lacerantes;

'Stringe... revôa, cae: 'stringe, desata
As asas de esmeralda, e oiro, e prata,
Como luctára um'aguia emmaranhada,

E Prometheu: mas cede á força extranha.
Move-se então, caminha, chega a aranha,
E, antes que a empolgue, pára inda aterrada.

O B O I

Não espantára o Olympto inda a temeridade
De Prometheu; a vida era um problema escuro;
Alcides não domára a Hydra, e a enormidade
Do Centauro; ladrava o oceano ao palinuro.

Robusto como o leão, não tão nobre, é verdade,
O boi de nossos paes já supportava o duro,
Aspero jugo — bom, calmo, na austeridade
De quem carrega o tempo e as messes do futuro.

Amo-o por isso: e quando elle ergue o corpulento
Torso pela mudez glauca do valle, e afina
O quadro o sol no occaso — aguia ferida em lento

Rolar, descer, cahir — então parece a ruina
De enorme construcção, vetusto monumento,
Do qual resta uma torre em pé, sobre a campina.

A MORTE DO CAVALLO

Rico scenario: um campo immenso e a emmoldural-o
Os morros no calor glauco dos flammejantes
Raios de um sol rojando entre armados gigantes:
Em cima o rei; e em baixo, á mesma hora, o cavallo,

Que vasquejava alli, como um Sardanapalo
Entre mulheres, entre os sandalos fragrantés,
Um fumo d'oiro em circo á frente, como um halo,
Nativo e calmo orgulho em todos os semblantes.

Brisa, que deixa um fino e extranho aroma, passa,
E esse aroma á minha alma, um cimo azul, se enlaça;
E emquanto expira e acaba o monarcha da luz,

A fremer do corcel o pello, a cauda, a clina,
Dos olhos cae-lhe o céo, dos pés cae-lhe a collina,
Ao mesmo sopro que deuses e heroes conduz...

A M O S C A

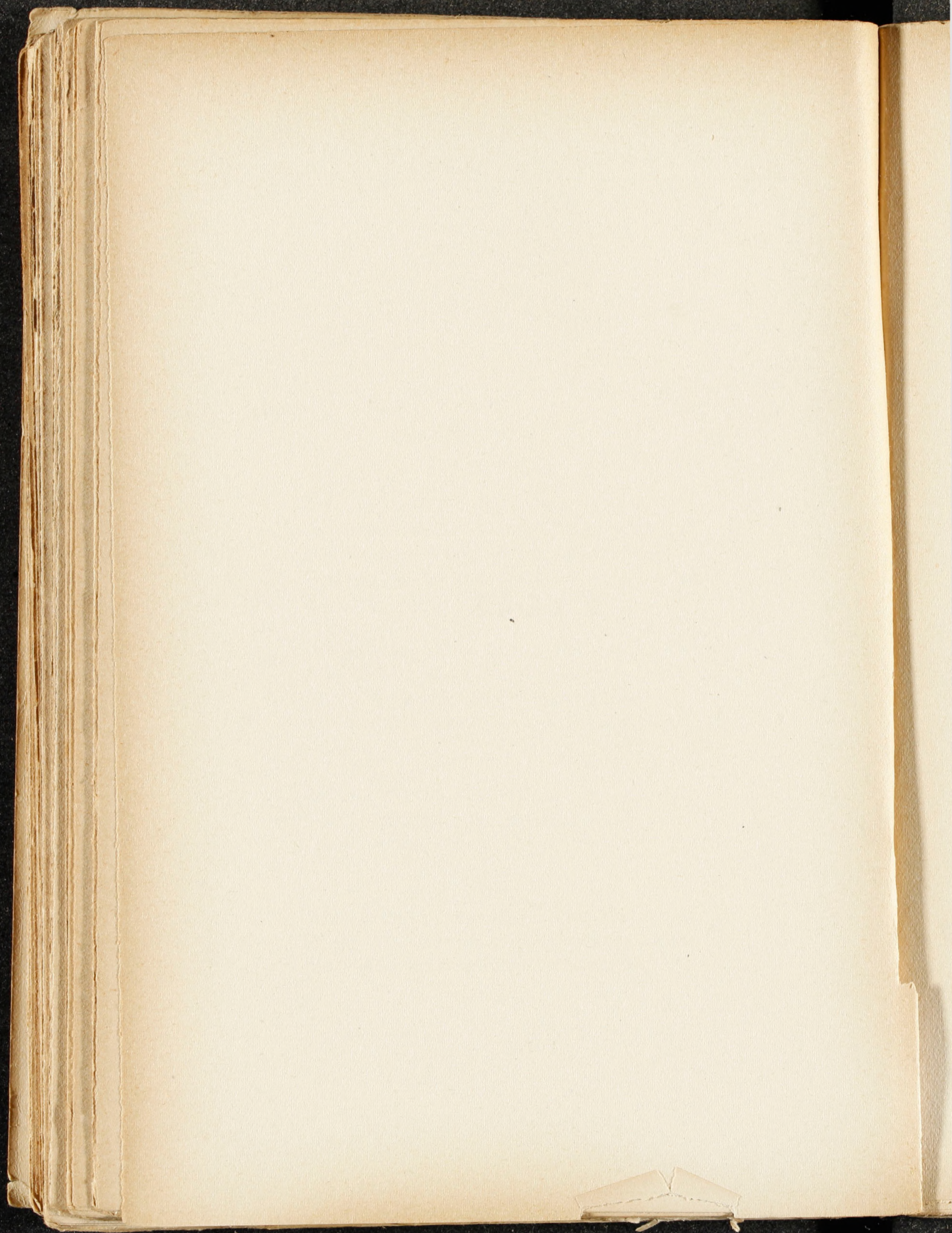
Era um trabalho de divino artista,
Deslumbrante de luz e transparente,
D'oiro, esmeralda, perola, amethysta,
E o que ha de rico em pedras do Oriente.

Era um sol pequenino, e doce, e quente,
Joia viva, que noutra joia enrista,
Com vôo doido, alegre, impertinente,
Beijando-a á bocca, e a scintillar-lhe á vista.

De mel não era de colmeia tosca,
Que ia alli ebriar-se aquella mosca,
Gracil, avida, trêmula, a fremer.

Mas os lyrios das mãos gentis brandindo,
Viu-se, um céu ella toda, o insecto lindo
Cahir do céu, e inda no céu morrer.

PAGĀS



MOLLE TARENTUM

Quid latet...?

Oracio — Carmen

Não dá Tarento mais alguém que surta:
Tarde acorda, e em vil ocio esmóe a sesta;
A vida breve a torna inda mais curta;
E dos homens, que teve, homem não resta.

Os d'hoje! ahi 'stão: Cabello sobre a testa,
Que ao rosto oval a curva branca furta;
Cara de ephebo, e em todo um cheiro a murta,
Como o altar de uma deusa armado em festa.

Borzeguins côr de rosa, e fitas verdes,
Tunica fina, transparente, vasta...
Não os olheis, por Hebe, é vos perderdes;

Virgens do Lacio, ouvi: isto vos basta:
Fugi, para em vós só beijando verdes
A casta luz do sol em luz mais casta.

NO DICTERION

Pericles rindo e amigos vão ás Scenas
Loucas da noite, em busca da hetaira.
Mesclam aos sons do kin, crotaes e lyra,
De Mjinnerma e dos mais canções obscenas.

Sôlta a tunica verde, que condemnas,
De um grande lyrio o leito Amor cobrira,
Egual áquella, que na espuma abrira,
E abriu nas pedras immortaes de Athenas.

De pé nos largos hombros dos desejos,
Que asas d'aguia medindo os soes semelha,
Chegavam della á bocca... Ind'hoje vejo-os.

Ao sahir do triclinio, a tez vermelha,
Ebrios, que ebriam mais e enturvam beijos,
Que os teus vinhos, Liguria, e os teus, Marselha.

ORPHEU

Ha clamor nos rosaes, ha dança na montanha:
Valsa o arvoredo, rola em tórno Pan, scintilla
Enroscando-se o rio; o leão tem na pupilla
Serpentes d'oiro, o tigre uma fogueira extranha.

Cresce o delirio, sobe á esphera, e os numes ganha;
Entra o furor na turba ha pouco inda trnaquilla
Dos planetas; e tudo anda em roda; vacilla,
Precipita-se o Olympo, e o ebrio rythmo acompanha.

Sobre as vagas do mar, por vez primeira quedas,
Neptuno ergue a cabeça e o grupo das Nereidas.
Boreas, filho da Aurora, as asas suspendeu.

Jove, os raios brandindo. os quer conter: aos brados
Surdos, deuses e soes, em turbilhões levados,
Passam. — No Athos, de pé, cantava á lyra Orpheu.

C O N N U B I O

Na maciez da pelle escura da panthera,
Que Myrilla escorchou no ermo verde da matta,
Como quem nada teme, e Pan nem mesmo espera,
Num molle gesto nu, o corpo ella desata.

Permeso ahi perto flue: — anda a enrolar-se a hera
Ao acantho, á rocha: um deus de marmore em cantata
Longa, eterna, agua entorna, e aljofra em tórno a esphera;
Franja-lhe o azul do céu toda essa ondeante prata.

Pela aberta, a profunda abobada flammeja:
E, como bocca arfando um'outra bocca beija,
Das folhas, que abre Eôs, a harpa as mãos lhe murmura.

Stratokles chega: — a deusa ou dorme, ou finge embora: ...
Elle é o sol, que surge atraz daquella aurora,
E em si funde dos dois a luz em luz mais pura...

OS FUNERAES DE ACHILLES

Fof numa urna d'oiro, cinzelada
Pelo buril divino de Vulcano,
Que a mãe de Achilles veiu do Oceano
Guardar a cinza heroica e immaculada

Do filho de Peleu: a desgraçada
Viu misturar-se o lugubre alarido
Dos Immortaes á lagrima chorada
No illustre pó do semideus vencido.

Jaz no Hellesponto. — Ainda ouve-se a grita
Das deusas; chora-o o joven Baccho; afflicta
Por elle, ind'hoje as quixas vans desata

Thetis, — princeza que dragões atrela
A' concha eburnea do seu plaustro, — aquella
Que o mar esmaga aos seus dois pés de prata.

C I O

Não ouças, não, o soluçar do cheiro
Dos lyrios brancos, dos rosaes florentes...
Que te não fale ao ouvido o jasmineiro...
No valle Pan e os Satyros não sentes?...

Olha. E' cada perfume um mensageiro,
Que te enlaça nas asas transparentes:
Cantam teu nome os troncos e as correntes,
Dançando aos sons de um colossal pandeiro!...

Com junquinhos gentis prende-te os pulsos
Erôs, morde-te extranho calafrio,
Antes caricia, o flanco, e aos seus impulsos

Verás irada a natureza em cio,
E os deuses desgrenhados e convulsos
Beijando em choro as Naiades do rio!...

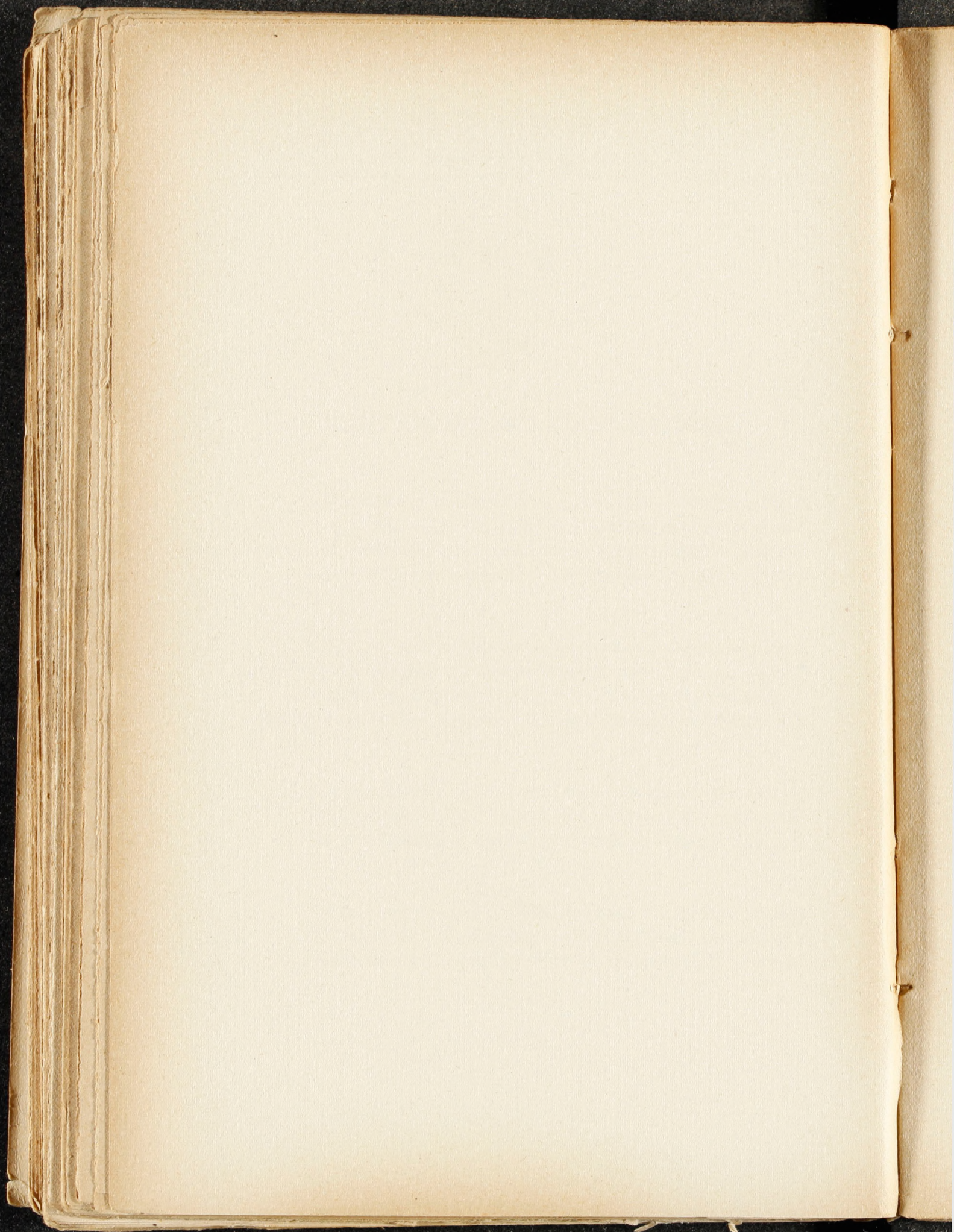
CRUCIFICAÇÃO DE PROMETHEU

Kratos brada: — O Destino, Hephaistos, odeia,
Não perdôa aos heroes; por mim eu nada faço:
Põe-n'ò d'alto, ergue-o em cruz; atravessa-lhe um braço,
Prende o braço ao rochedo, o rochedo á cadeia;

Solda os elos ao torso: enrola, aperta, enleia...
Prende o outro braço; a coxa, — a outra; assim: cerra o laço;
No peito um cravo: bate: — esmigalha-lhe a idéa
No craneo, — o fogo, que elle andou roubando ao espaço,

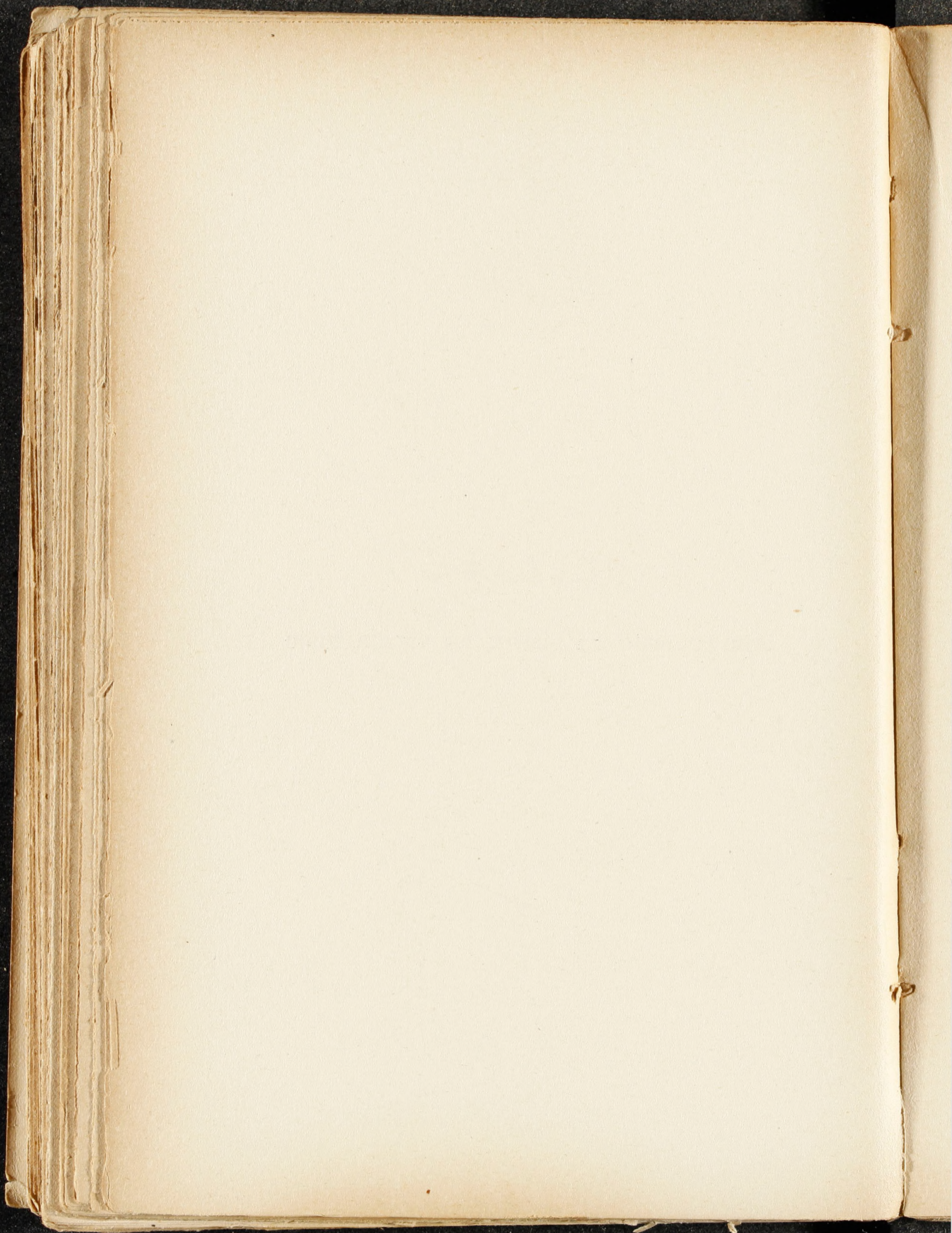
E aos ephemeros deu, o lume assim roubado:
Jove quer Prometheu ao monte agrilhoadado;
Prometheu paga a Jove a rebellião sublime.

Sob as garras do abutre a espicaçar-lhe a entranha,
Não ha um deus que tente arrancar-o á montanha?!...
Homem, o Prometheu és tu, e é teu... seu crime...



HUGOANA

POR OCCASIAO DA MORTE DE VICTOR HUGO



ÁS PORTAS DO INFINITO

Irrompeu de repente: a agua assim sae de um monte:
Foi-lhe o primeiro vôo o primeiro conflicto,
Nas garras colossaes rasgou o antigo mytho,
E constellou de novo a amplidão do horizonte.

De escarneos, como a um deus, laurearam-lhe a frente:
Rugiu ,como um leão indomito, proscripto,
E fez, de estrophes, que são mundos d'oiro, a ponte
Por onde foi subindo aos humbraes do infinito.

De lá baixou sereno o olhar o enorme Poeta:
Tinha o oceano o estertor da fera irrequieta,
A terra inda insultava os deuses e os heroes!

Mas viu que, para ter chegado a tanta altura,
Transformara-se tudo, odio, inveja, amargura,
Ness'aurea escadaria intermina de soes!...

JOÃO VALJEAN E DEUS

Quando a nuvem, com que os olhos cerra,
O anjo da morte lh'a deitou num beijo,
E o poeta emfim deixou de ser da terra;
Houve no céu então um só desejo:

Queriam todos vir, como em cortejo,
Buscal-o: era um barulho, era uma guerra!...
Deus porêm asas candidas descerra,
E diz: — Vou eu: já para abaixo adejo... —

Mas um, que o olhar humildemente fita,
Cheio de noute e estrellas da manhã,
Na immaculada luz... — que lhe permitta...

(Com o olhar só, supplicava aquella dita...)
Deus tornou: — Pois vae tu, vae, João Valjean... —
Pondo mais soes na abobada infinita...

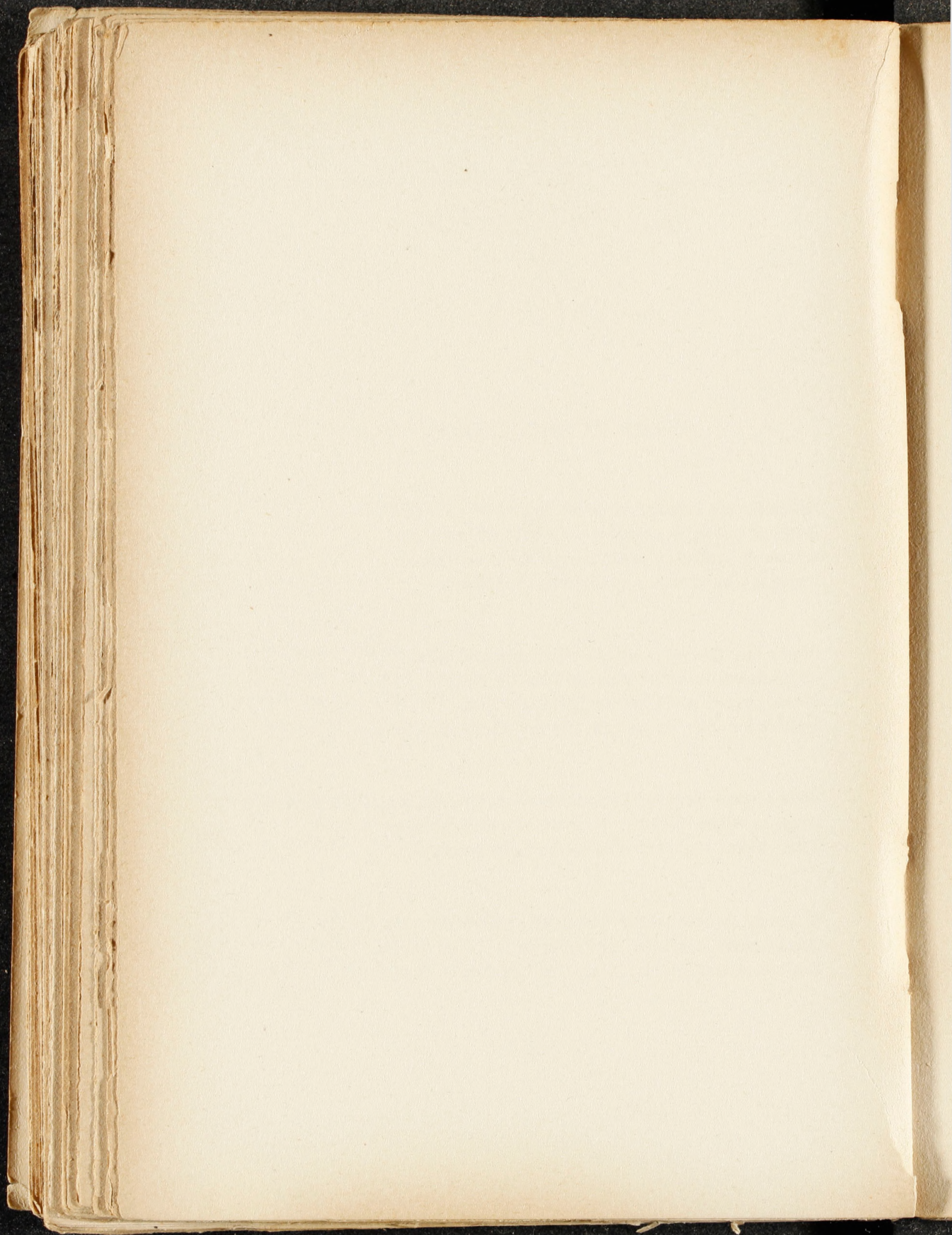
O VELHO LEÃO

Levando ao hombro a cruz dolorosa da vida,
Subi, á tarde a erguido e escabroso caminho,
E me vi sobre o cimo asperrimo sósinho,
Tomado de tristeza immensa, indefinida.

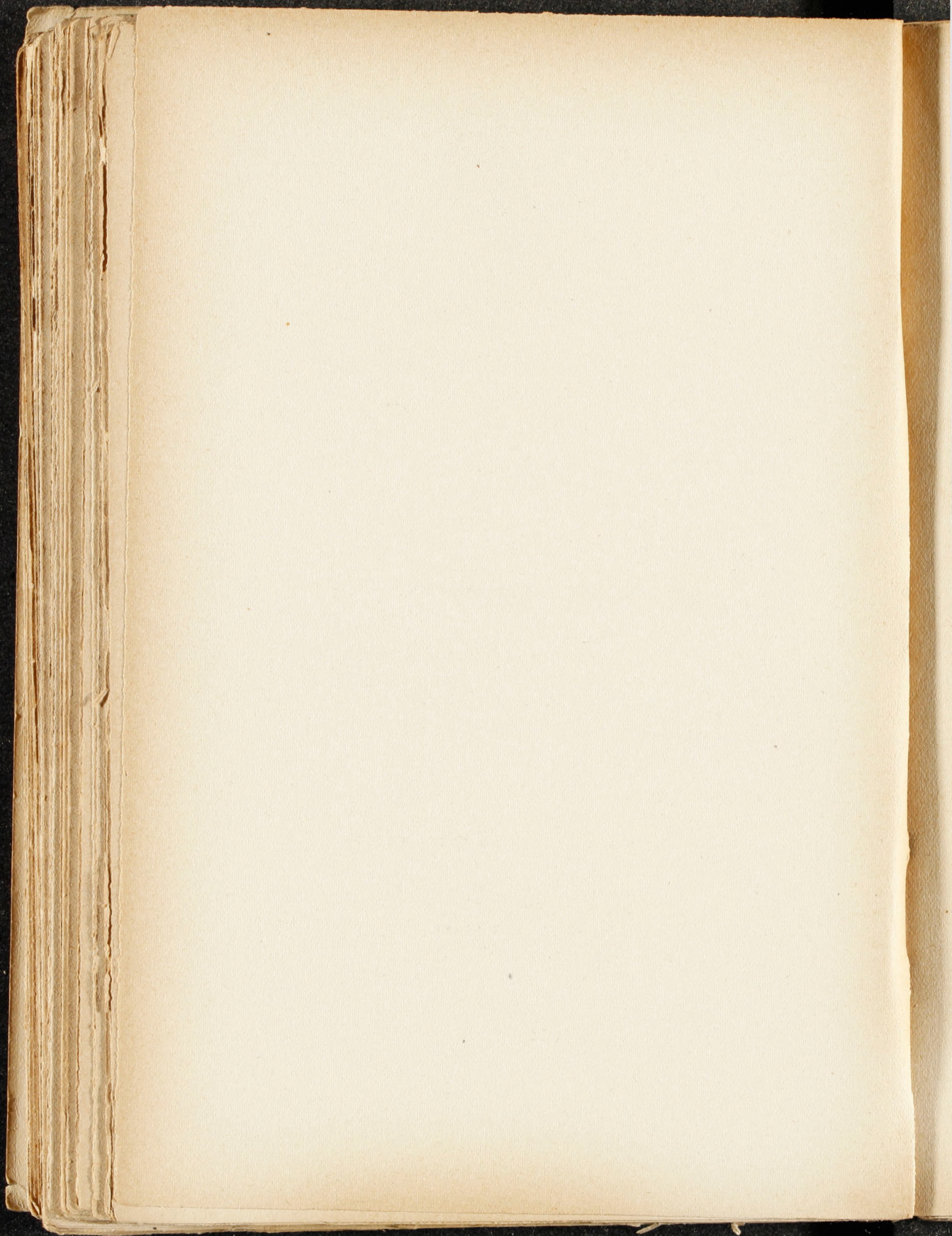
Havia na floresta escura um murmurinho;
Atravessava o azul uma nuvem perdida;
O sol, como medalha antiga despolida,
Deixava o céu, como um condor viuvo o ninho;

E eu disse:—Soffro! E o mundo ou soffre, ou sonha e dorme.—
Quando sahi do céu, do mar, e da montanha
Uma bocca sinistra, e uma palavra enorme.

E a um tempo astros aos pés, e estrellas pela fronte,
Como quem busca a tenda, após a lucta ganha,
Um deus, um velho leão, alto, enchia o horizonte...



ARCOS DE TRIUMPHO



BEATIFICAÇÃO

José Maria do Amaral
O altitudo!

S. Paulo

Oh! quando o via pela rua adeante,
A fronte nua, livida, sulcada,
O olhar severo, o porte de gigante,
Mas, sobretudo, a coma prateada,

Como em cascata, aos hombros despenhada;
E a barba longa em tórno do semblante,
Que era medalha em lyrios enquadrada,
Eu me lembrava de Florença e Dante...

Depois de ter o Inferno percorrido,
Que paiz d'oiro e azul teria em breve?
Não sei. — E elle ia, como um deus vencido,

Abrindo as asas invisiveis, leve,
Grande, aereo, afastando-se, mettido,
Por entre soes, em pinaros de neve...

NAUFRAGIO IRREPARAVEL

Pereira da Costa

Oh! quando, o ultimo instante, o achei na cama,
Branca a face, sem côr... da côr da cera,
Alheado, extranho, vi por vez primeira
Faltar-lhe aos olhos a divina chamma.

Atravessava um surdo chôro o drama,
Emquanto eu lhe buscava á cabeceira,
No violino, a obra e a vida inteira...
Lagrimas de oiro á noite o céu derrama...

Porém... na noite delle?... e olhei: — ao lado
Hirto, e ainda vivo, o feérico instrumento
Sobre as aguas do pranto, um mar cavado,

Pareceu-me boiar, ir indo lento,
Ir... por um frio vento arrebatado,
Elle a gemer, tudo a gemer... e o vento...

M I L A G R E

Agostinho Motta

Se elle ouvisse na sua sepultura
A tua voz sentida e suspirosa
Chorar-lhe a morte triste e prematura...
De cada branca perola mimosa,

Não só mimosa, virginal e pura,
Elle fizera a tela grandiosa
Onde juntára á tua formosura
Os lumes de sua alma radiosa.

O pincel, — morto sol na mão descrente, —
Acordára outra vez, dourando o idyllio
De floresta que foi seu sonho ardente.

Fôra-lhe a cova um throno, e não o exilio...
E isto tudo fizera de repente
Uma lagrima só que cae de um cilio.

DOMADOR DE MONSTROS

João Caetano

Como uma estrella monstruosa, o drama
Lança as garras na scena e se dilata,
E quando a cauda de clarões desata,
Como leões fugindo aos antros, brama.

Quer-se um athleta então, que o horror e a chamma
Do olhar do monstro não fascine e abata:
Que se levante dessa lucta ingrata
Agarrado aos milhões de mãos da fama.

Foi elle um domador. — Hoje emfim dorme!
Que pedaços de soes, na queda enorme,
Levou comsigo o Encelado sombrio!...

Cahiu, como o colosso da floresta,
Que abala o solo, e esmaga tudo... e resta
O espaço, em tórno, lugubre e vazio...

UM GRANDE PINTOR

Victor Meirelles

Foste, a hora bateu, irmão de Urbino,
Juntar-te ao mestre na celeste esphera:
Para ficar com teu pincel divino,
Ninguem ousou dizer á morte: — Espera.

Pisando o pé no solio eterno, o hymno
Do triumphador, á tua musa austera,
Soû de sol em sol: foi teu destino
O amor do ideal, que o bello inspira e gera.

Correu-te a vida por areal em fora;
Da terra nossa a enorme dôr partilho:
Quem tua alma entre nós vae ter agora?...

Teu genio a historia d'arte encheu de brilho;
Patria, ajoelha; amou-te muito, chora:
Quem mais deve chorar tão grande filho?...

LUIZ DELFINO

A ESTATUA DO CRIME

Almeida Reis

Trouxe um dia uma fada as brancas mãos coalhadas
De quanta pedraria ella escondido tinha;
Todo o escriptorio real da rainha das fadas,
Que inveja causaria á mais nobre rainha!...

Tinha tambem um genio uma folha de vinha,
Feita de uma esmeralda, e cecens enfeixadas
De diamantes, no seio estrellas variegadas,
Verdes, rubras, azues da cõr d'agua marinha...

Era, para uma estatua ornar de um deus da Jonia,
Que a um plintho bronzeo já de pedra da Laconia,
Nosso Canova erguia em marmore mais branco...

Era para o teu deus de marmore sublime...
Mas fogem d'elle (horror!) chegando, e vendo o Crime
Inda agitar-lhe o braço, o rosto, o tronco, o flanco!...

PELO CÉO ABAIXO

Arthur Barreiros

Ferido o corpo, o espirito esmagado
No prelio, — como em dia de batalha
Em náu já curva ao vento, que farfalha,
Bandeira sôlta em mastro escalavrado

Ruflando, dentro em pé inda o soldado
Sem terror, rôta a espada, em trapo a malha,
Ouvindo uivar o casco, que escangalha
Entre garras de syrte o oceano irado,

Espera... espera: o moribundo moço
Esperava: — porêm, qual no arcabouço
Mastiga a vaga a selva do aparelho

E o mar cantando, engulha, enchendo o bojo,
Vi-o afundar-se, e como um sol de rôjo
Ir-se em meio a amplidão de um céu vermelho...

LUIZ DELFINO

N E N I A

F. A. de Carvalho Junior

Morreu por vós, esplendidas phalenas:
Em vós viveu, captivo e delirante!
Como era bello ter esse gigante
Preso, a estorcer-se em vossas mãos pequenas.

Do ardente sonhador, na aurora apenas,
Entre os raios da coma lourejante,
Descansa agora o placido semblante
A' sombra de uma corôa de verbenas.

Por que deixastes resvalar ao solo
A lyra d'oiro, tumida de harpejos,
E a fronte em fogo do formoso Apollo?

Ai! cortaram-lhe as asas aos desejos!
Por que não o acordaes em vosso collo
Ao rumor lento de um chover de beijos?

UM ARCO DE TRIUMPHO

Pedro Luiz

Dê-me uma grande lagrima a procella,
Talhada como um bloco de granito,
Olhos postos no céu e no infinito
Eu levantára a sua estatua nella.

Que vulto augusto, que figura bella,
Que heroe, que semideus do antigo rito!
Dou-lhe o meu arco de triumpho, — um grito:
Dou-lhe o meu pantheon, — uma capella.

Não basta: quero que entre na floresta,
E ouça os faunos e as dryades cantando
Seus cantos, delle em torno em côro, e em festa.

E quando elle voltar de ouvil-os, quando
Busque o leito, terá, na longa sesta,
Da gloria o collo, e em pranto, ella o embalando...

O QUE É PRECISO

Luiz Guimarães

Na primeira pagina do livro — Sonetos e Rimas —

Como vedes, deixo
O vosso canto, e o meu juizo escripto...

Diogo Bernardes — Egloga

O' minha doce amiga, abre-me o seio,
Onde eu poise um momento a minha fronte,
Emquanto o livro, que já li. releio
Escripto em grandes letras no horizonte:

D'ondas d'oiro e de luz murmura cheio,
E as caricias, que tem, não ha quem conte,
Torna a mulher na terra um céu, eu creio,
Bem como o sol torna esmeralda um monte.

Aos pés de um ente angelico e bondoso,
Não sentes tu, no proprio amor, o esposo
Beber a gloria em rica taça ideal?...

Este teve a mulher, que o emparaisa,
Que a alma grande do poeta enfim precisa,
Como tem fome d'agua e relva o areal...

EH, PERCHÊ DORME...

Gonçalves Crespo

I

Born for immortality.

Wordsworth — Sonnet

Logo que se espalhou o caso triste,
Vestiram crepe as musas brasileiras,
E ao chôro do olivedo, em que cahiste,
Juntou-se a dôr das languidas palmeiras.

Da lyra d'oiro as cordas feiticeiras
Presas ás noites tropicaes sentiste,
E o gentil berço das canções primeiras
De azues e soes de nossos céos vestiste.

Era o teu hymno o multiplo gorgείο
De sabiás e rouxinoes, sahindo
Num grupo só, num só divino enleio.

Mas... será certo que isto tudo é findo?
Corram, palpem-lhe bem de novo o seio,
E não o acordem, se elle está dormindo...

AD SIDERA

II

For a time farewell...

Byron — Manfred

Pois que é verdade, adeus, ó companheiro..
Puzeste a lyra d'ouro á tiracollo,
E num ginete pallido e ligeiro
Foste com o anjo que te leva ao collo.

Hei-de dizer áquelle pobre solo,
Onde plantaste o triumphal loureiro,
Que tu dos astros procurando o polo,
Elle certo ficou sem jardineiro.

Hei-de dizer ao rouxinol, que vinha
Ouvir-te a voz de cima do arvoredos
Para melhor cantar sobre a tardinha,

Que quando alguém viaja azul em fora,
A gente espera... espera... muito embora,
E, como tu, não volta mais tão cedo...

BUON CITARISTA

III

E, come a buon cantor, buon citarista
Fa seguitar lo guizzo della corda
In che più de piacer lo canto acquista.

Dante — Paradiso.

Ouçamol-o cantar. — No mez das flôres
A voz gentil tem matinal frescura:
O dia em cada idyllio se pendura,
Dão-lhe as aves e os soes luz e rumores.

Morde-lhe a aurora a lubrica pintura;
Tempera a sombra as cruas, rubras côres:
Nera, rompendo o anel da miniatura,
Sae nua a rir, e corre aos gladiadores.

Passa casta visão de noiva: — á festa
Lança lyrios a lua; e um deus sereno
Accende a tenda azul sobre Modesta;

E ao heroe Manchego no trespasse resta
Aquella ameaça, aquelle eterno aceno
Com que morto e indignado inda protesta.

A K R O S

The mind is its own place, and in itself
Can make a Heaven of Hell, a Hell of Heaven.

Milton — Paradise Lost

Alteia o canto. — Lugubre e sombrio
El-Rey, vesgos os olhos de loucura,
Sentindo o horror do crime, e o calafrio
Do remorso, que o punge e que o tortura,

O velho monge cardeal procura;
O velho monge espera: enche o vazio
Da apainelada sala, imensa, escura,
Um Christo á cruz, de olhar coalhado e frio.

Como Valdès arroja á tela a idéa,
Dando-lhe a cõr dantesca da epopéa,
Sobe-lhe o canto em levantado arroubo!

E então nos mostra em lucta a musa austera
O monge-lobo uivando e o rei-panthera:
Um as garras no céu, outro no globo...

A GRANDE SOMBRA

Castro Alves

...Speak; I am bound to hear

Shakespeare

Bola — sobre as espumas fluctuantes
Do oceano do tempo — acalentado;
E foge assim pela maré levado,
Ao hymno das estrellas scintillantes,

Echo apenas dos canticos gigantes,
Que em chammas ideaes tinha moldado;
Das mãos cahiu-lhe a lyra d'oiro, em antes
De ter os mundos, que sonhou, formado.

Que epopéas lhe andaram pela frente,
Como vulcões a arder num vasto monte!...
Ergueu-se na attitude de um colosso.

No oceano do tempo hoje emfim dorme,
E a sombra, que deixou, a sombra enorme
Viu-se, que era a de um sol, morrendo o moço.

ARVORE SYMBOLICA

José de Alencar

— Que fazes tu, em meio do caminho,
Loureiros ideaes amontoando?
Olha... com astros já formei teu ninho:
Vem dormir... inda ha dia, e estás suando. —

Falou-lhe a morte assim com tal carinho,
Que elle dormiu, a obra abandonando:
E quando o mundo o procurou, foi quando
Viu que um sol cabe num caixão de pinho.

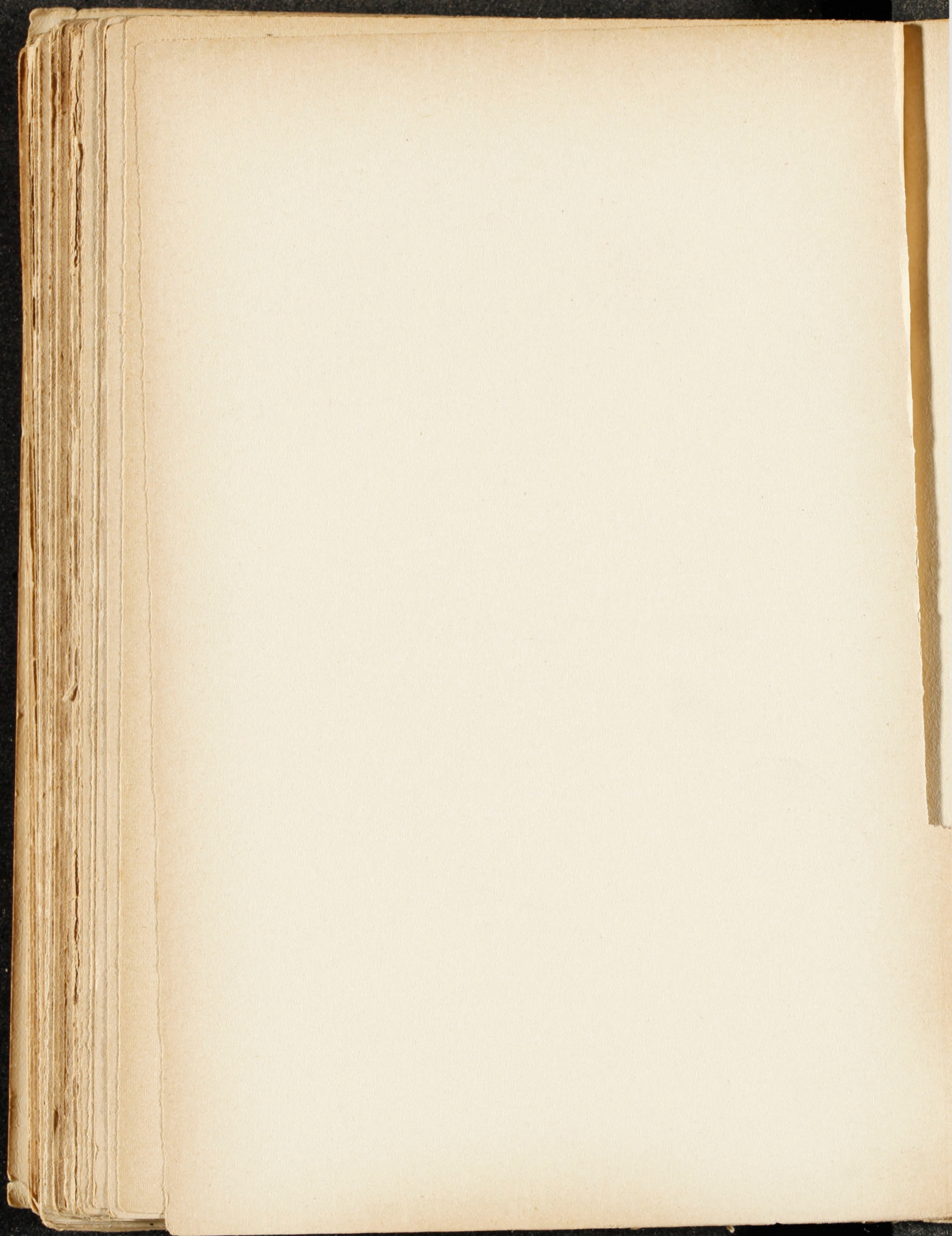
Devia ser-lhe marco á cabeceira
Um'aguia, abrindo as asas remontada...
Não tem... plantemos tropical palmeira.

O tronco esbelto, a coma derramada
Dará idéa duma vida inteira
Sempre a subir... sempre a subir coroada...

encar

o. —

SOMBRAS E RELAMPAGOS



JESUS AO COLLO DE MAGDALENA

A Guilherme Bellegarde

Jesus expira, o humilde e grande obreiro!...
Sobem já, pela cruz acima, escadas;
E nos cravos varados do madeiro
Batem os malhos, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o choro em torno. — As mãos primeiro,
Inertes, cahem no ar dependuradas;
A fronte oscilla; arqueia o tronco inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés. — Augmenta o pranto e a queixa.
Só Magdalena ao oiro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lagrima mais linda,
Com o dedo erguendo a palpebra divina,
Busca vêr se Elle a vê... beijando-o ainda!...

O F O R T E

A Machado de Assis

O varão forte mutilado a meio
E' qual Deus, que o esculptor em pé levanta,
Nessa attitude respeitosa e santa
Que a pedra guarda no divino seio.

O barbaro pisou-o sob a planta;
Lançou-o o tempo ao chão, qual fraco esteio;
Mas o marmore — um dia — ergue-se, e canta
Bello, como das mãos de Phidias veiu.

Basta que caia a gotta d'agua em cima,
E que um raio de sol a enxugue instantes,
Para irromper a sonora rima

Do côro dessas linhas scintillantes;
E no meio da luz, que o beija e anima,
O Deus de pedra inda é maior que dantes.

A F O R J A

A Fontoura Xavier

Um só ponto esburaca o manto á escuridão;
Uma fagulha ainda em cinza e no repouso,
Como uma estrella branca em fundo vaporoso,
Perdida em noite calma, além pela amplidão.

O folle ronca e sopra em tórno um furacão:
Revoluteia a cinza, e o ponto duvidoso
Roja da bocca enorme um mundo luminoso,
Que gira, como sangue, em rubra inundação.

Surgem d'aqui, d'alli, nas panoplias, — figuras,
Que parecem rolar astros das cataduras,
Batendo e rebatendo o ferro sem parar.

E forjam gravemente os trilhos das estradas,
As algemas dos reis, as folhas das espadas,
E o punhal que ha-de um dia um Bruto manejar.

A CALUMNIA

A Reinaldo Carlos

Fere a negra calumnia a fronte mais divina,
Como o céu mais azul o furacão invade;
E mais vezes o raio, o vento, a tempestade
As altas construcções e as montanhas fulmina;

Porém, quando passado o mau tempo, illumina
Seus frontões colossaes o sol da immensidade,
A' rocha no alcantil, na cathedral á ruina
Dão-lhe á eterna grandeza a eterna magestade.

Ao fogo é que se arroja o bronze mutilado,
Que ferve, flue, e lança ao molde preparado
O heroe que se levanta em meio á multidão.

Para o esculptor erguer a creação mais bella,
Golpeia o monte, e espreme o marmore, e o modela
A pancadas de malho e a golpes de alvião...

O TAMBORZINHO D'ARCOLE

A Arthur Azevedo
...jus valuit

Tacito — Annalium

Quando um dia, lançada á guerra, a joven França
Começou a parar sob Arcole esmagada:
E via as asas d'aguia, e as asas da esperança
Murchas n'haste que as leva, e ella metralhada;

Quando Napoleão, general e creança,
Brandindo a tricolor bandeira, e erguendo a espada,
Bradava ante as legiões da Republica: — Avança!
E elle só parecia a França laureada...

Um rapaz louro, imberbe, ardente, entusiasta,
Tendo os sonhos da gloria em sua fronte vasta,
Junto ao seu general, só... rufava o tambor.

Esqueceram-no... Um dia ao vêr não 'star no olvido,
Que o Pantheon, em Paris, tinha-o em pedra esculpido,
Vê, cae, morre, exclamando: — A historia tem pudor!!...

JESUUS PANTOCRATOR

Ha na Italia, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja
De Monreale, feita em mosaico, a divina
Figura de Jesus Pantocrator: domina
Aquella face austera, aquelle olhar troveja.

Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
A' arida pupilla a doce, a bemfazeja
Lagrima falta, e o peito enorme não arqueja
A' dôr. Fêl-o tremendo a ficção byzantina.

Este creou o inferno, e o espectáculo hediondo
Que ha nos frescos de Santo Stefano Rotondo;
Este do mundo antigo espedaçado assoma...

Este não redimiui; não foi á Cruz: olhae-o:
Tem o anathema á bocca, ás duas mãos o raio,
E em vez do espinho á frente as tres corôas de Roma.

JUDAS SEGUNDO A BIBLIA

Poderia fugir á Divindade?
Era preciso um beijo fraticida
Que desse a morte; e á morte desse a vida...
Era um destino, uma fatalidade.

Marcou-te Deus da mais remota idade;
Para a traição tu'alma conduzida
Assim ao crime, foi tambem trahida
Por Christo, um companheiro, e sem piedade.

Calvario em sangue, á cruz Jesus alçado,
Nada houvera, nem mundo resgatado,
Sem o teu crime, ó Judas traioeiro!

Deus marcou-te com um ferro em brasa o flanco.
Pois bem: o ferro a arder das mãos lhe arranço,
Para marcar a quem trahiu primeiro...

Roma.

A VOZ DO OCEANO

Tu 'stás ouvindo!... — Eu sei que tu estás ouvindo
A voz, que vem do abysmo, a voz, que te seduz:
Que rubor em teu rosto!... Amor, teu rosto lindo
Tem hoje sobre a neve extranho véo de luz.

Do pego de tu'alma um echo está subindo,
Som vago e triste, como a solidão produz:
Que fala o coração no inquietamento infindo,
Que vida te aconselha, e aonde te conduz?

A tua consciencia é como um vento solto
Por sobre um mar, que foi azul, e está revolto,
Que na encontrada mó dos rijos escarceos,

Ora te faz descer a um barathro profundo,
Ora te arranca e leva acima enfim do mundo,
Para, apenas, mostrar-te a escuridão dos céos!...

VIDAS MYSTERIOSAS

A' E. C.

lo
Ha, minha amiga, a vida tenebrosa,
Sem sorrisos nem lagrimas na trama,
Bem como um tronco, que sómente a chamma
Arranca delle a cinza perigosa.

Ninguem lhe soube os sonhos côr de rosa,
Ninguem lhe soube o que deseja ou ama,
Razão, orgulho, dôr mysteriosa,
O que ha dentro, por fora não derrama.

Tem sobre a face a mascara uniforme;
E' como um mar de gelo ermo e tranquillo;
Atraz de um muro vive, acorda, e dorme.

Duro enigma de bronze á vista exposto,
Um odio eterno deve ser aquillo...
O odio deve ter aquelle rosto...

UNHAS E GARRAS

Parecem-me de neve as tuas mãos voluptuosas:
Ha tanta branca espuma em teus dedos pequenos,
E têm tão fino pó de perolas e rosas
Que eu já vejo surgir de cada um delles Venus.

Ha nelles tanto azul na teia transparente,
Tão vasto é o irradiamento intenso dessa alvura,
Que um céu desce e lhes põe um sol resplandescete,
E o que em grande Deus fez, lhes fez em miniatura.

Gorgeia-lhes a pelle o sandalo tão baixo,
Como um trillo que sae de moita de lilazes,
Remirando-se ao vitreo espelho de um riacho.

Porêm quando com um só dedo um mau gesto fazes,
Detraz das unhas, onde auroras passam, acho
Ver garras de leões atravessando oasis.

A MÃE DAS SETE DÔRES

E' velha; mas a hora que caminha,
Marca, a ferreo ponteiro, a face della:
Vê-se no gesto, ind'hoje, que foi bella,
De uma belleza austera de rainha.

O tempo em rugas multiplas se apinha,
Qual risca um lago a garra da procella,
Na tez, que foi esplendorosa tela,
E onde riu tudo, a magua emfim se aninha.

Tem hoje a cicatriz do desconforto,
No olhar, nos labios, no sorriso morto,
Na fronte em pregas cheias de rumores.

Muda estatua de marmore estragado,
Parece que viveu por ter chorado,
Como a Niobe, a mãe das sete dôres...

AS DUAS IRMÃS

Estas duas irmãs são velhas parasitas
Gafas, trepando o tempo, em roscas variegadas,
Que nos ficaram já das gerações passadas,
Sobras das virgens que no tempo eram bonitas.

Não resta dellas flôr: mulheres exquisitas,
Com raivas imbecis, luctam sempre arrufadas
Pela escolha da cõr das sedas e das fitas,
De uns bellos noivos, que inda hão-de vir, embaladas.

E' cada qual, que o acaso em chão safaro lança,
Sem ter jamais provado a fundo o gosto á vida,
Uma pobre, uma tonta e iracunda creança;

De uma conspiração dellas só conhecida,
Contra um crime geral tramando ideal vingança
Rosnam ambas ao humbral da proxima jazida.

HORRIDA DOMUS

Chego: entrei. — Quatro cães emmagrecidos,
Sujos, de instinctos maus, saltam ladrando:
Em tórno, um quadro á Holbein, ar miserando,
Tudo faminto: os trastes carcomidos,

Grossos de pó, estão como aturdidos,
Em confuso tropel: a custo ondeando,
Num choroso miar, e o olhar não brando
Dois gatos vêm ariscos e vencidos;

Com as unhas o chão desnu rompendo,
Sob um raio do sol alçando o dorso,
Rosnam baixinho, á luz adormecendo.

A' sombra, ao lado opposto emfim me torço:
E eis que vejo a mexer-se um corpo horrendo,
Um trapo humano a rir num longo esforço!...

N I O B E

Via-a sempre. — Era um anjo fulminado,
Ou num longinquo exilio uma princeza;
E seu rosto comprido e desmaiado
Cobria o véo duma mortal tristeza.

No velho e nobre busto esculpturado
Guardava o traço augusto da belleza,
No olhar d'ãoo brilhante a chamma accesa,
E o labio, aos cantos, com desdem tirado.

Nas magras mãos, nos longos dedos tinha
Veias grossas, azues; o andar sereno:
Do tronco um pouco já quebrada a linha.

O pé, calçado com primor, pequeno;
Bôa, com graves gestos de rainha,
Que não quer mais reinar, nem quer mais reino...

O GRANDE HELIOGABALO

lo,
Em Deus um luxuoso Heliogabalo vejo,
Que abriu no espaço um circo, e d'alto a lucta assiste
De soes vencendo os soes; e o sangrento festejo,
Eterno e sem repouso, oh! jamais o fez triste.

a,
o.
Não tendo outro prazer, não tendo outro desejo,
Creou o amor, que equilibra o universo, e consiste
Em unir uma flôr a outra flôr num beijo,
Como eu me uni a ti, como a ti tu me uniste.

De venabulos, rindo, afiados de perguntas
Me encheste: eu tinha as mãos frias, trêmulas, juntas;
Abri, fechei um livro, olhei-te: olhei de frente

is reino...
E ao longe, ao poente; o sol entrava a aurea arcaria
De incendiada Alhambra; o oiro em brelhos fundia...
Voltei-me: e em teu olhar chammeava inda o horizonte!...

OS SUPERBUM

Dizem que é mais audaz e mais sublime
Negar, — que o duvidar é triste e feio:
Se eu não descreio, se também não creio,
Com que palavra accusarei meu crime?

Vime sou, passa o vento, e dobra o vime:
Eu amo, eu sinto, eu soffro, eu não odeio,
E vou de céu em céu, de enleio em enleio,
Sem vêr quem busco ou vêr quem me redimo.

Como é bom vosso orgulho, e um tal repouso!
Eu não espero, cynico e perverso,
Tirar da dôr da vida o eterno goso:

Eu sou triste, eu sou um vencido, e immerso
Nas sombras ouço o Nada temeroso...
Vós... tendes Deus, e as chaves do universo...

OS REBELDES

ne
:
io,

e:
io,
eio,
adimo.

ouso!

erso
erso...

Tenho ouvido dizer que desde o homem primeiro
Houve o mêdo de Deus, o Deus bom da Escriptura;
E sempre viu-se em todo o tempo a creatura
Ter o terror, que preso, accusa o prisioneiro.

Ante a dôr um rebelde uivou um dia inteiro;
Perguntou: — Por que á dôr a vida se mistura?
E um audaz Prometheu, grande, como um argueiro,
Foi, e mediu com Deus sua propria estatura.

Como fundo o céu todo, o céu todo e o horizonte...
Assim sondando o espaço, e olhando fronte a fronte,
Dous heroes devem ser, antes de uma batalha.

Talvez trema a montanha ao pé de um grão de areia,
Porque se ella inda agora o enorme dorso alteia,
Pode ser amanhã pó, que o vento ergue e espalha...

A RESPOSTA DAS COUSAS

Grande alma universal, onnipotente e bôa,
Ouve: em vez de calçar com lagrimas, com riso
Avelluda o carreiro arduo e estreito que piso:
Um deus qualquer, vê bem, olha, um deus te atraíçõa.

Perdeu-se a ancora antiga, a vaga arrebatou-a.
Encarna-te de novo, um milagre é preciso;
Busca nova mulher, e, se inda é tempo, võa,
Dá-nos novo Jesus, e um novo paraíso.

Coalha d'Alhambras d'oiro o azul do teu caminho.
O mundo é jaula, a jaula, — anda, — transforma em ninho.
Numa das tuas mãos outro universo dorme.

Abre, arqueia outro céu, redaira-lhe a corolla...
...Mas num grande silencio outro silencio rola:
E ha no fundo da noite uma lagrima enorme!...

NON PLACET

Quem o explica? — Ninguém: — e ninguém me consola.
Estudo embalde livro e livro, e arraso o Oriente,
E busco, em toda a esphyngue, e em todo o culto, a mola
Que abre e fecha, em segredo, os elos da corrente,

Que prende mundo a mundo, e cada mundo isola:
Cada qual passa, como um passaro fremente,
Que em lucta sae das mãos, que andam perennemente
Accusando um titão, que os cria, alenta, e os rola.

Um deus talvez?... — Que deus, ó raça enferma e triste?
Ha quem affirme ou negue então que um deus existe?
Se ha deus, é noutros céos: — céos que outros céos percorrem

Se ha deus, que não acabe, é por si deus proscripto,
Fora da natureza, e fora do infinito,
Que é só dos deuses que morrem, como os soes morrem...

A CATHEDRAL

Rola cadentemente ao céu o monolitho,
Amontôa-se, vae, sobe, e espalma-se ao lume,
E apanha pelos céos aterrados o nume,
Que prende no seu antro enorme de granito.

Amarraram-no alli: alli mora o infinito
Encadeado ao cinzel do artista, que o resume:
Tudo é marmore jónio, oriental perfume:
No meio de clarões coalhou aquelle grito.

A alma humana assim dobra as grandes asas largas,
Bebe em calix doirado as bebidas amargas,
Que envolvem a razão em crespos aranhos.

Deus não enche a amplidão das cathedraes escuras;
Deus andarâ por alto, em regiões mais puras:
Anda n'outro universo, anda por outros soes.

A I N D A !

Sempre o mesmo clarão desse eterno problema!
E a luz, com tanto orgulho impõe-se, enchendo a esphera!
E uma duvida amarga a fluir desse estemma!
E longo o abysmo azul, insondavel cratera!...

O dialogo do dia e da noite lacera!
Não ha sol que não caia, estrella que não trema:
E a pagina, onde acaba o universal poema,
Não tem esta palavra em letras d'oiro: — Espera.

Nessa abobada azul de extranhas cousas cheia,
Dellas só o prefacio está lançado e escripto:
E a sombra do porvir larga, profunda, enleia!...

Que mundos haverá entre dois grãos de areia?
O que haverá por todo o incognito infinito?
Que novos céos um Deus por outros céos semeia?...

DEUS, RAZÃO, BONDADE

Razão immensa, que no céu scintilla,
Dominadora d'homens e de cousas,
Em teu poder magnanimo repousas,
Emquanto a dôr me gasta e me anniquila.

A tua imagem lepida e tranquillã
Mostrar, ó grande bemfeitor, não ousas;
Só atravez do mármore das lousas
Poderemos um dia descobri-la.

Quando o sol, como alampada se apaga
Ao morto; e o morto é pavorosa chaga;
Quando é já podridão, não vê, não pensa;

Quando as rosas a terra, que elle engorda,
De croceas rosas sorridentes borda;
Tu te môstras então, Bondade Immensa!!...

O C O R A Ç Ã O

Tenho cá dentro em mim um passaro que salta,
Que não repousa, que não dorme noite e dia:
Quem dentro do meu peito acaso o prenderia?
Por que não canta nunca? e o que quer? que lhe falta?

De que extranho tormento elle vive? o que exalta
Sua existencia, que não me deixa, e porfia?
As asas, que elle estende em mim, estenderia
Ao mais profundo mar, á montanha mais alta.

Se o carcere rompesse, em que abysmo medonho
De rôjo cahiria, o céu todo inda estando
Muito aquem da ambição que o devora: supponho...

Nesse vortice louco acabas, miserando...
O' coração, tu és um hospede enfadonho;
Quando, abutre, has-de em mim não mais fartar-te? Quando?

D E U S

Of Heaven, and from eternal splendours flung
For his revolt...

Milton — Paradise Lost

Deus existe? — ou é Deus sómente um nome vão?...
E bato ás portas d'ouro e de opala da aurora,
Donde o sol — velho leão — noite e estrellas devora;
E ás estrellas da noite em louco turbilhão...

Ao mar, ao vento, ao raio, ao tempo, ao abysmo em fora,
Ao argueiro, e á montanha, ás lavas, e ao vulcão,
Ao passado, ao porvir, ao berço, á cova... Embora!...
Cala-se a natureza ou me responde: — Não.

Subo á minha alma então: chamo-a, interrogo-a... Nada...
E ella fica a oscillar, no abysmo pendurada,
Vendo o espaço afundar-se em outro espaço sem fim...

Só entre o torvelim dos chaos em labyrintho,
Como com seu bordão na areia um cego, — o instincto
Sobre a poeira dos soes grava um trêmulo — Sim.

ours flung

Lost

o?...

s devora:

em fora.

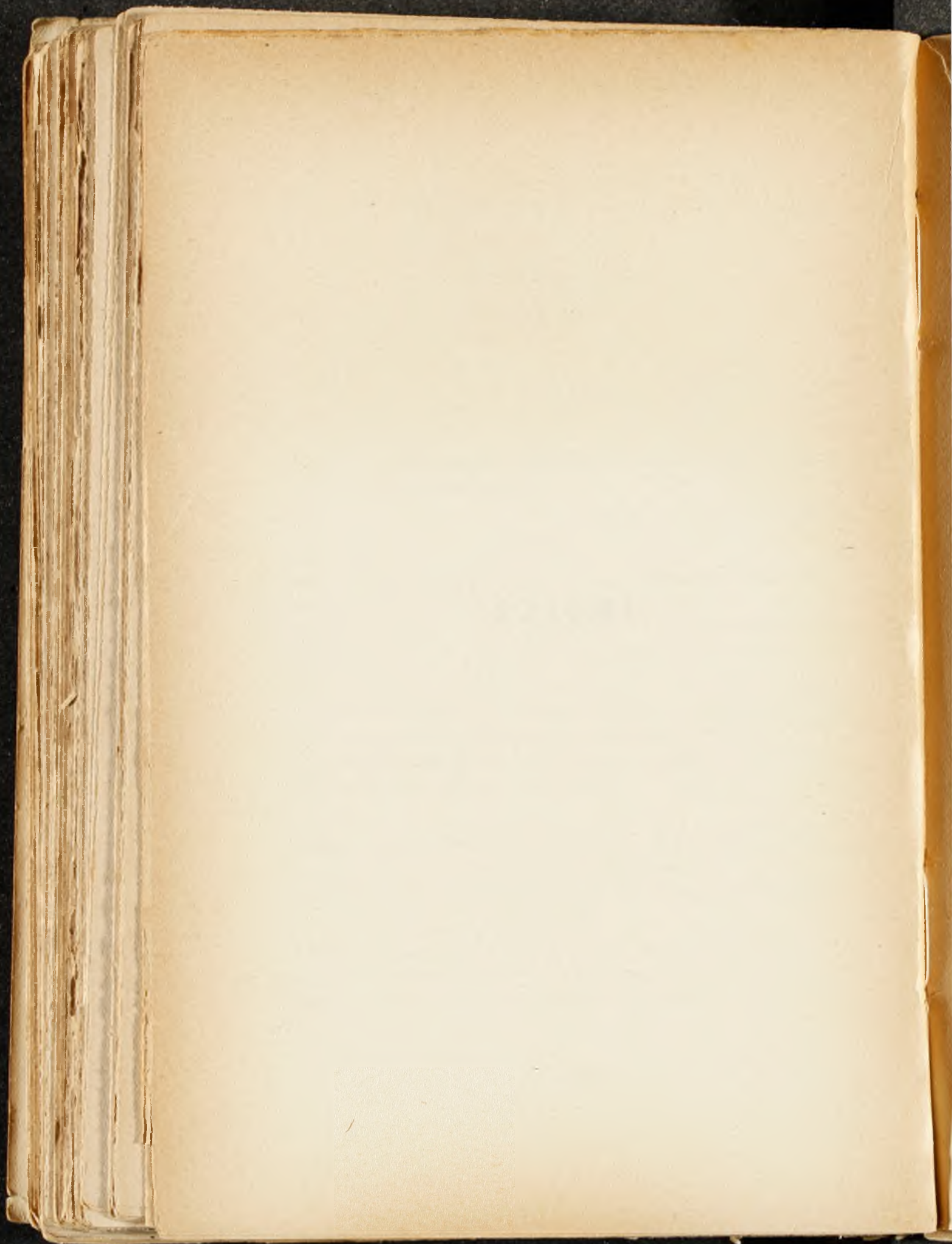
mbora!...

. Nada...

em fim...

instincto
im.

INDICE



ROSAS NEGRAS

	Pagina
Rosas Negras	3
Venos morta	5
Via smarrita	6
A tunica de Nessus	7
Terror	8
O mal geral	9
Estrella cadente	10
Estatua de mausoléo	11
O instincto das cousas	12
Noite branca	13
Moritura	14
Flirt	15
Mãos de Lady Macbeth	16
Nada mais	17
A mãe das maguas	18
Perfida como a vaga	19
Queixa	20
Retractação	21
Recordação sinistra	22
Tudo é passado	23
Um deus de rasto	24
A Venus loura	25
Ultimo esforço	26
Uma difficuldade	27
Só	28
Ao deixar de cantar	29
A cova	30
Mocidade velha	31
Ainda	32
Horizontes ao longe	33
Estrella preta	34

ROSAS NEGRAS

Pagina

Pagina

...	35	Interrupted paradise	67
...	36	Idyllios matinaes	68
...	37	I Em baixo	68
...	38	II Em cima	69
...	39	Primeira audacia	70
...	40	O passaro azul	71
...	41	Pacificação	72
...	42	A grande benção	73
...	43	ERGASTULOS	75
...	45	Aos Venancios	77
...	46	Vibora	78
...	47	Miserrimus	79
...	48	O castigo do odio	80
...	49	Summum jus	81
...	50	A um miseravel	82
...	51	Aos vermes	83
...	52	A esmola	84
...	53	Hypothese	85
...	54	A comedia ducal	86
...	55	Segunda confirmação do inferno	87
...	56	El Gran Galeoto	88
...	57	Cromwell	89
...	58	Nicolò Machiavelli	90
...	59	Tacito	91
...	60	A um transfuga	92
...	61	A tyrannia	93
...	62	Corrupta justitia	94
...	63	Caim	95
...	64	Ao passar	96
...	65	A grande lei	97
...	66	Perdão	98

LUIZ DELFINO

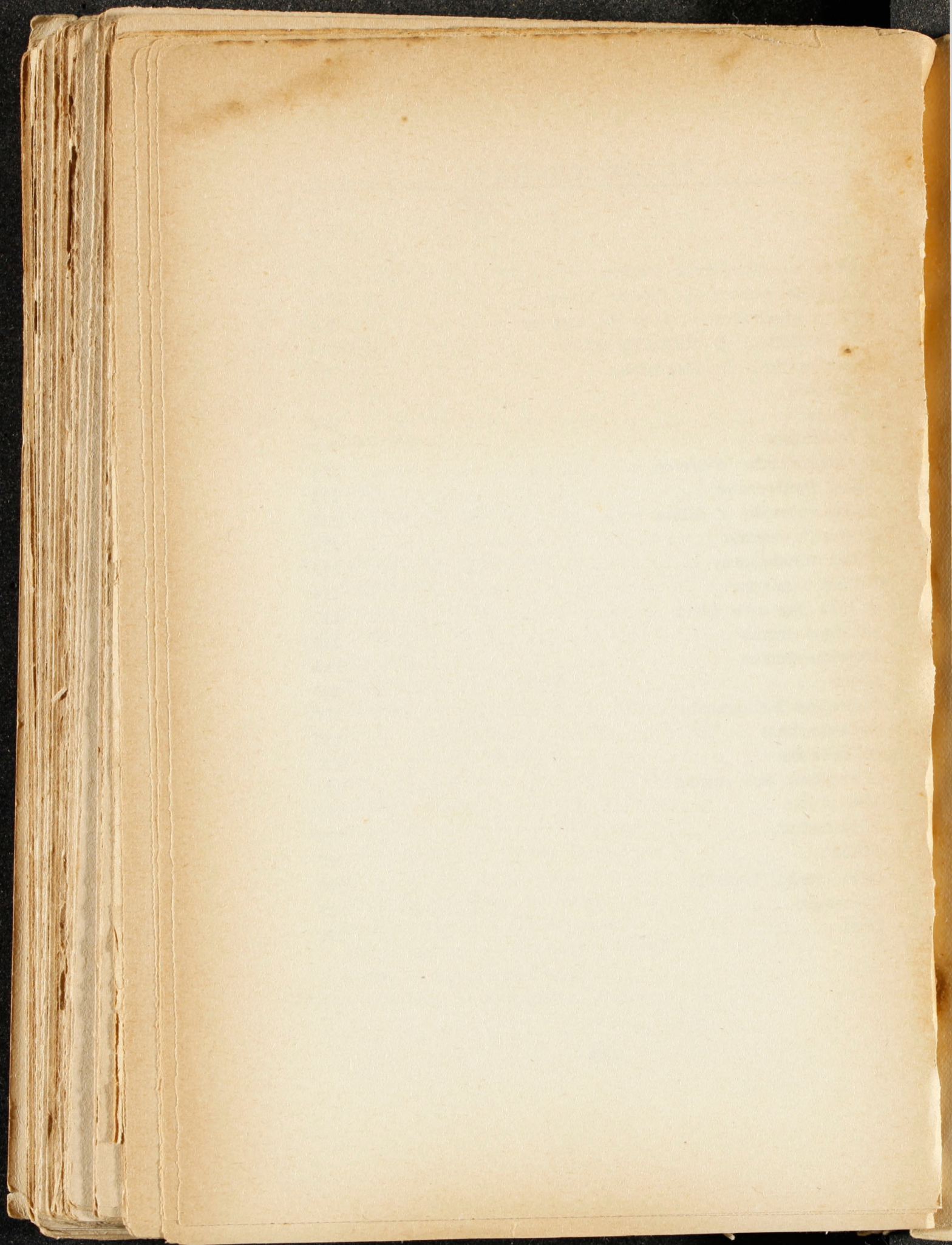
	Pagina
DOMESTICOS	99
To look up	101
Saudade — Ao Desterro	102
Ubi natus sum	103
Sob a mantilha	104
Velhice verdejante	105
As mãos de minha avó	106
A Thereza	107
O paca	108
O canario do Antonio	109
O José da sumaca	110
O cardeal	111
Navio em perigo	112
A perda assombrada	113
Os diabnetes de D. Anna	114
A Benedicta e a Georgina	115
O acompanhamento	116
URNAS	117
Alegre depois de morta	119
O enterro	120
Paquita	121
A filha morta	122
Volta ao paiz azul	123
Tal está morta...	124
Estemma de lyrios	125
Epicedio	126
Ausencia prolongada	127
Manoel Montes de Oca	128
D. Marianno Moreno	129
O Doutor Agüero	130
SANGUINEAS	131

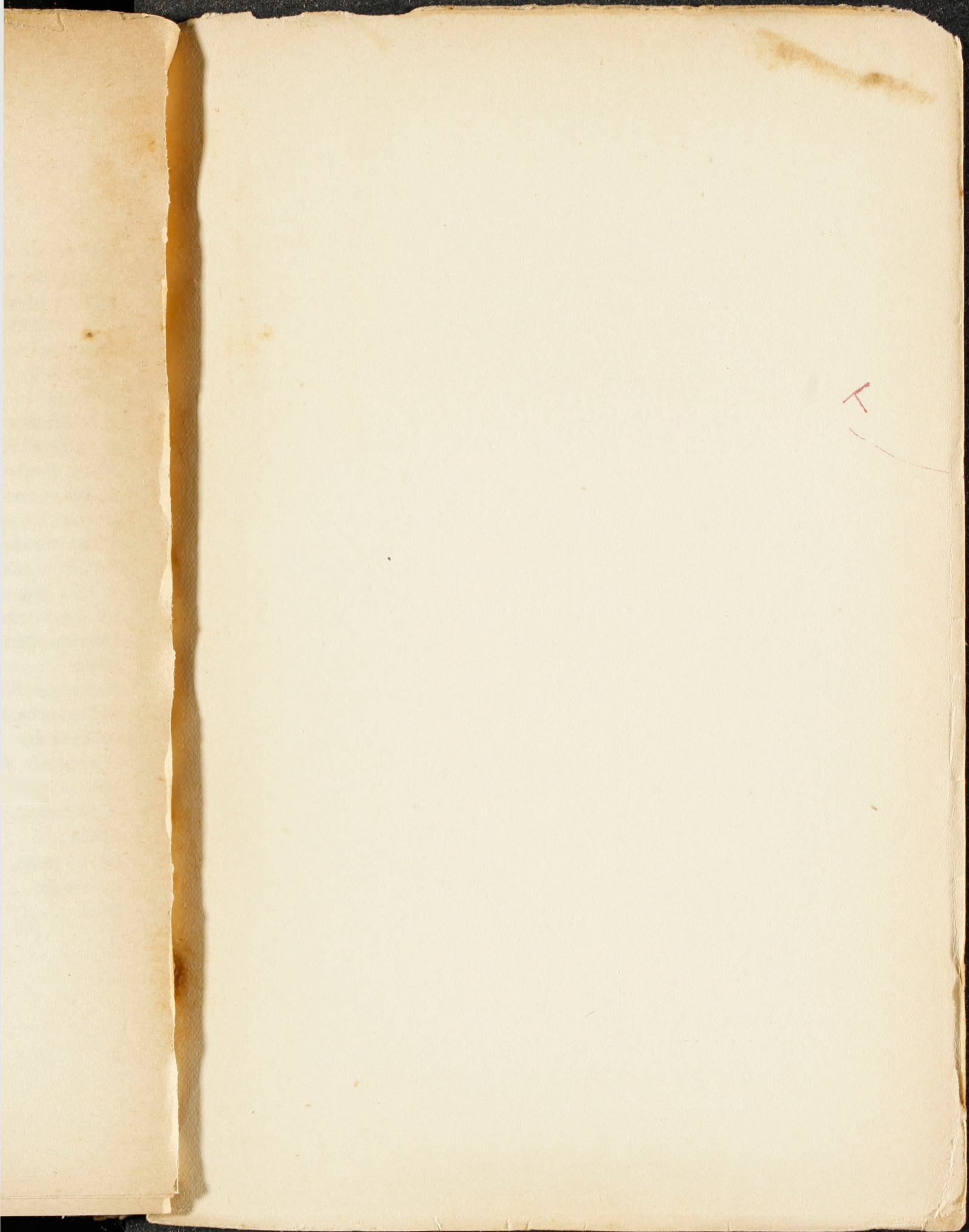
ROSAS NEGRAS

Pagina

Pagina

.. ..	166	Akros — Gonçalves Crespo	202
.. ..	167	A grande sombra — Castro Alves	203
.. ..	168	Arvore symbolica — José de Alencar	204
.. ..	169	SOMBRAS E RELAMPAGOS	205
.. ..	170	Jesus ao collo de Magdalena	207
.. ..	171	O forte	208
.. ..	173	A forja	209
.. ..	174	A calumnia	210
.. ..	175	O tamborzinho d'Arcole	211
.. ..	176	Jesus Pantocrator	212
.. ..	177	Judas segunda a Biblia	213
.. ..	178	A voz do oceano	214
.. ..	179	Vidas mysteriosas	215
.. ..	181	Unhas e garras	216
.. ..	183	A mãe das sete dôres	217
.. ..	184	As duas irmãs	218
.. ..	185	Horrida domus	219
.. ..	187	Niobe	220
.. ..	189	O grande Heliogabalo	221
.. ..	190	Os superbum	222
.. ..	191	Os rebeldes	223
.. ..	192	A resposta das cousas	224
.. ..	193	Non placet	225
.. ..	194	A cathedral	226
.. ..	195	Ainda!... .. .	227
.. ..	196	Deus, razão, bondade	228
.. ..	197	O coração	229
.. ..	198	Deus	230
.. ..	199		
.. ..	200		
.. ..	201		





Edições PONGETTI

P O E S I A S

Osorio Dutra

Inquietação.	6\$000
Dentro da noite Azul.	6\$000
Silencio, doce silencio.	7\$000

Adelmar Tavares

O Caminho Enluarado.	6\$000
------------------------------	--------

Luiz Delfino

Intimas e Aspacias.	6\$000
Angustia do Infinito.	6\$000
Atlante Esmagado.	6\$000

Ary de Mesquita

Luzes e Reflexos.	5\$000
---------------------------	--------

Zuleika Lintz

Preludio.	5\$000
Horas Liricas.	5\$000

Judith Nunes Pires

Rouge sentimental.	5\$000
----------------------------	--------

Paulo Gustavo

Divina Amargura.	4\$000
--------------------------	--------

Newton Beleza

Ondulações.	5\$000
---------------------	--------

W. Buschman

Ritmo ariano.	5\$000
-----------------------	--------

Nobrega de Siqueira

Roteiro.	6\$000
------------------	--------
